



- Seria o Grande Arquiteto um relojoeiro? (CAPUTO).
- Contemporaneidade dos painéis alegóricos maçônicos (LORA).
- Fé e Razão: a liberdade de consciência na Maçonaria e a Religiosidade (OLIVEIRA).
- Uma questão polarizada nas mídias sociais: discursos sobre a iniciação de mulheres na Maçonaria (MOTA; CHAVES FILHO).
- Planejamento Estratégico na Maçonaria (BAUMANN).
- Cosmopolitismo, patriotismo e imaginário maçônico em "Ernst und Falk: Gespräche für Freimaurer", de Gotthold Lessing (1778-80) (FREITAS NETO).

- Ensino Maçônico a Distância: Evolução e Desafios (MONTEIRO; ISMAIL).

C&M



Revista Ciência & Maçonaria

“A primeira revista acadêmico-científica brasileira com foco no estudo da Maçonaria”

Missão:

Democratizar a produção acadêmico-científica sobre Maçonaria e seu acesso no Brasil.

Dados Catalográficos:

ISSN 2318-0129
Janeiro a Junho de 2019
Volume 06.
Número 01.

Periodicidade:

Semestral

Conselho Editorial:

Kennyo Ismail
Max Stabile Mendes
Nihad Faissal Bassis

Conselho Científico:

Vide in website:
<http://cienciaemaconaria.com.br/index.php/cem/about/editorialTeam>

Contatos:

Editor-Chefe: Kennyo Ismail
contato@cienciaemaconaria.com.br

Suporte Técnico: Nihad Bassis
nihadbassis@yahoo.com.br

Portal - www.cienciaemaconaria.com.br

Realização:

NP3-CEAM-UnB - Núcleo de Estudos e Pesquisa em Políticas Públicas, Governo e Gestão do Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares da Universidade de Brasília.

Aviso:

Os artigos publicados são de inteira responsabilidade de seus autores e não exprimem, necessariamente, o ponto de vista da Revista Ciência & Maçonaria. Não é necessário solicitar prévia autorização para reproduzir parte do conteúdo publicado nesta revista, desde que sejam devidamente citados o autor e a fonte.

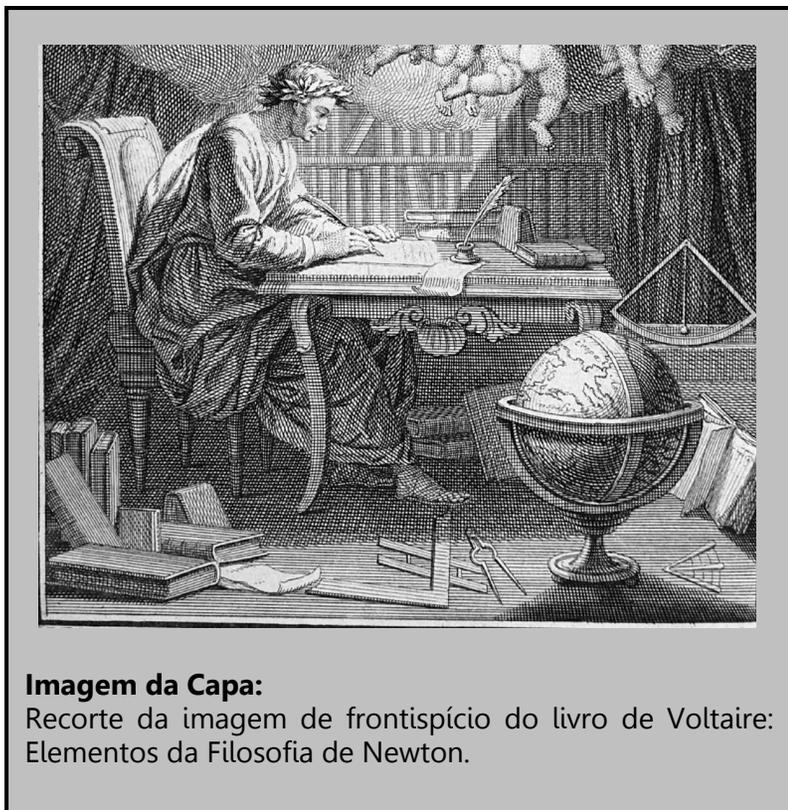


Imagem da Capa:

Recorte da imagem de frontispício do livro de Voltaire: Elementos da Filosofia de Newton.

CRB1-079

C&M: Revista Ciência & Maçonaria / NP3-CEAM-UnB – v.6, n.1 (2019)
Brasília, DF: NP3-CEAM-UnB, 2019.

Semestral
ISSN 2318-0129

1. Maçonaria – Periódicos. I. NP3-CEAM-UnB (Brasília)

CDD: 060
CDU: 061.236.61



“A primeira revista acadêmico-científica brasileira com foco no estudo da Maçonaria”

Sumário

Palavra do Editor	5-6
SERIA O GRANDE ARQUITETO UM RELOJOEIRO? Uma análise comparativa entre a noção de divindade na Maçonaria e na obra de Voltaire (CAPUTO)	7-13
CONTEMPORANEIDADE DOS PAINÉIS ALEGÓRICOS MAÇÔNICOS: Uma visão hebraica (LORA)	15-21
FÉ E RAZÃO: A liberdade de consciência na Maçonaria e na Religiosidade (OLIVEIRA.)	23-33
UMA QUESTÃO POLARIZADA NAS MÍDIAS SOCIAIS: Discursos sobre a iniciação de mulheres na Maçonaria (MOTA; CHAVES FILHO)	35-45
PLANEJAMENTO ESTRATÉGICO NA MAÇONARIA (BAUMANN)	47-55
Cosmopolitismo, patriotismo e imaginário maçônico em “Ernst und Falk: Gespräche für Freimaurer”, de Gotthold Lessing (1778-80) (FREITAS NETO)	57-64
ENSINO MAÇÔNICO A DISTÂNCIA: Evolução e Desafios (MONTEIRO; ISMAIL)	65-70



Palavra do Editor

Prezados leitores,

Esta edição contou com o apoio da CMSB — Confederação da Maçonaria Simbólica do Brasil, no sentido de emprestar o palco de sua 48a. Assembleia Geral, a ocorrer entre os dias 03 e 07 de Julho deste ano de 2019, para que alguns dos artigos aprovados para esta edição sejam apresentados para o público maçônico participante da mesma.

Esse é apenas mais um reflexo do prestígio que a C&M tem acumulado ao longo desses seus 06 anos de existência como primeira revista acadêmico-científica dedicada à Maçonaria em toda a América do Sul, sendo o principal repositório e veículo de divulgação da produção de conteúdo primário acerca de estudos e pesquisas envolvendo a Maçonaria como objeto ou sujeito.

A Ciência & Maçonaria é uma revista qualificada como B2 em Ensino pela Qualis CAPES, e que consta em importantes diretórios e indexadores internacionais, como DOAJ, ROAD e Latindex. Seus artigos, inéditos e relevantes, são fruto do trabalho sério de pesquisadores, mestres e doutores que têm dedicado seus tempos e esforços em prol de trazer e espargir mais luz sobre seus temas de pesquisa envolvendo a Sublime Ordem.

Acumulando aproximadamente 200 mil visualizações desde sua existência, a C&M é mais do que um periódico científico multidisciplinar. É uma referência 100% gratuita a quem se dedica ao estudo da maçonaria em seus mais distintos aspectos. E a CMSB, maior instituição maçônica do Brasil em número de membros, e que tem se dedicado a melhor compreender sua história, os comportamentos organizacionais atuais e as

perspectivas para o futuro, firmou esta parceria para o ano de 2019, que esperamos que se renova em outras edições.

Nesta edição, há um interessantíssimo artigo no qual é realizada uma análise comparativa entre o conceito de divindade de Voltaire e o conceito comum à Maçonaria, do Doutor João Carlos Lourenço Caputo.

O Doutorando Rui Samarcos Lora apresenta em outro artigo uma proposta de visão hebraica sobre os painéis alegóricos dos graus simbólicos do Rito Escocês Antigo e Aceito.

Na sequência, tem-se um reflexivo trabalho sobre a tensão entre fé e razão na Maçonaria, do historiador e Mestre Paulo Ferraz de Camargo Oliveira.

Você também terá a oportunidade de ler um artigo acerca de uma análise de discurso em mídias sociais sobre a iniciação de mulheres na Maçonaria, elaborado pelo Mestre e Doutorando Diego Mota, em parceria com o historiador Cloves Gregório Chaves Filho.

Este número conta também com um excelente estudo do Doutor Sidnei Baumann sobre Planejamento Estratégico na Maçonaria.

Já o Doutor Rubens Caldeira Monteiro, em co-autoria com o Mestre Kenny Ismail, apresentam uma análise da evolução e dos desafios enfrentados pelo ensino maçônico à distância.

Por último, mas não menos importante, temos mais um artigo do Mestrando Edgard Freitas Neto, dessa vez sobre o cosmopolitismo, o patriotismo e o imaginário maçônico nas obras do filósofo alemão Lessing.

Esses artigos nos auxiliam a continuar

cumprindo o compromisso institucional da revista "Ciência & Maçonaria", de publicar produção acadêmico-científica multidisciplinar de qualidade, tendo a Maçonaria como objeto de pesquisa, de forma ampla e gratuita.

Boa leitura a todos!

Fraterna e Sinceramente,

Kennyo Ismail
Editor-Chefe

SERIA O GRANDE ARQUITETO UM RELOJOEIRO?

Uma análise comparativa entre a noção de divindade na Maçonaria e na obra de Voltaire

(WOULD THE GREAT ARCHITECT BE A WATCHMAN?)

A comparative analysis between the notion of divinity in the freemasonry and in the Voltaire work)

João Carlos Lourenço Caputo ¹

Resumo

A proposta do presente artigo é sugerir uma possível relação entre o conceito de Grande Arquiteto do Universo apresentado pela Maçonaria e o conceito de divindade presente nas obras de Voltaire. Não pretendemos com isso afirmar que Voltaire foi a fonte direta da qual a ordem maçônica extraiu suas ideias, mas apenas realizar uma análise comparativa mostrando que há grande semelhança entre os dois conceitos e o método de construção de ambos.

Palavras-chaves: Iluminismo; metafísica; Deus; maçonaria.

Abstract

The proposal of this article is to suggest a possible relation between the concept of Great Architect of the Universe presented by Masonry and the concept of divinity present in the works of Voltaire. We do not mean by this to say that Voltaire was the direct source from which the Masonic order extracted his ideas, but only to carry out a comparative analysis showing that there is great similarity between the two concepts and the method of construction of both.

Keywords: Enlightenment; metaphysics; God; freemasonry.

¹ João Carlos Lourenço Caputo é Mestre e Doutorando em filosofia pela Universidade Federal do Paraná. Possui como principais interesses ética e metafísica no século XVIII, em especial na obra de Voltaire. Possui magistério pelo CEFAM SP. É membro do grupo de estudos das luzes da UFPR. E-mail: j.c.l.caputo@gmail.com

1. Introdução

A maçonaria é uma ordem que acolhe em seu seio homens de todas as nacionalidades, classes e de diversas vertentes religiosas, pretendendo-se uma ordem ecumênica sem que, contudo, a religiosidade mostre-se ausente em sua doutrina. Os diferentes ritos praticados possuem, cada um deles, seu nível de religiosidade, mas a figura da divindade está sempre presente em sua doutrina. Neste sentido, no intuito de evitar nomear a divindade de acordo com alguma tradição específica, excluindo outras tradições ou favorecendo uma religião específica, a ordem maçônica tem por costume nomear a divindade com o nome neutro de Grande Arquiteto do Universo, ampliando-se este conceito de forma que ele signifique um princípio criador, qualquer que seja ele, sendo de responsabilidade do maçom interpretá-lo de acordo com suas crenças religiosas.

É sabido que, historicamente, o início do estabelecimento da ordem maçônica tal qual conhecemos hoje, ou seja, a denominada maçonaria especulativa, deu-se em pleno século XVIII, período de efervescente surgimento de ideias no campo da filosofia e das ciências. Em meio a estas discussões, filósofos como Voltaire desenvolveram temas sobre metafísica e sobre a noção de Deus, discorrendo sobre as formas de provar sua existência e elencar alguns de seus atributos.

Tendo estes pontos em vista, gostaríamos de apresentar, neste artigo, uma análise comparativa entre a noção maçônica de Grande Arquiteto do Universo e a ideia de Deus apresentada nas obras de Voltaire. Não pretendemos aqui sugerir que ambos os conceitos se relacionam pelo simples fato de terem se desenvolvido em um mesmo período da história, o século XVIII. Tal perspectiva seria algo óbvio e infrutífero do ponto de vista filosófico. Ao contrário, nosso intuito será mostrar, amparando-se em textos de Voltaire e de autores maçônicos, que as bases metafísicas de ambos os conceitos são muito próximas, de forma que podemos afirmar que a filosofia francesa do iluminismo apresenta-se como um campo teórico com conceitos intercambiáveis em relação àqueles da maçonaria, sobretudo no que diz respeito a elementos metafísicos.

2. O princípio criador na maçonaria: O Grande Arquiteto do Universo

Apesar de ter se estabelecido como maçonaria especulativa e ter passado a trabalhar e a se organizar da forma que conhecemos hoje apenas no século XVIII, a história da maçonaria e de sua doutrina, bem como de seus símbolos e leis, remete-se a um passado anterior e encontra suas raízes em doutrinas e culturas mais antigas. Não queremos dizer com isso, como dizem alguns autores mais apaixonados e imaginativos, que a maçonaria já era praticada no antigo Egito ou até mesmo no início dos tempos. Longe disso, nos pautando apenas na história documentada, não parece ilícito afirmar que as influências que vieram a compor a simbologia e a doutrina maçônica são um apanhado de elementos de culturas e práticas anteriores ao século das luzes, período no qual a ordem foi formalizada. As próprias leis e regulamentos gerais que se aplicam de forma ampla e universal à ordem maçônica possuem uma origem antiga, apresentando-se em documentos fundamentais, como é o caso, apenas para citar um exemplo, do Poema Regius, datado de 1390 e publicado apenas em 1840 por Halliwell. Os landmarks da ordem e seus Regulamentos mais primitivos também tem sua origem em uma época anterior a aquela da fundação da atual estrutura organizacional maçônica.

Apesar de antigos e de origem variada, todos estes documentos e regulamentos a partir dos quais a maçonaria se ampara ainda hoje para estabelecer suas normas e procedimentos apresentam elementos em comum e, de acordo com nosso atual interesse, o principal deles talvez seja a exigência da crença em um princípio criador. A ideia de uma divindade apresenta-se como elemento basilar das normas e regulamentos da maçonaria e, ainda hoje, é tida como critério para seleção dos novos iniciados. Sem a crença em tal princípio não há a possibilidade de se fazer membro da ordem, regra esta presente em vários dos regulamentos maçônicos, sejam modernos ou antigos. Neste sentido, os landmarks² são claros nesta exigência.

Reunidos em várias listas criadas por diferentes autores, se nos remetermos aos Landmarks de Mackey, por exemplo, compilados em 1856, veremos que o 19º Landmark postula "A crença na existência

² Deve-se entender pelo termo landmark, termo em inglês que significa literalmente "fronteira", "marca na terra", o conjunto de normas básicas da maçonaria que possuem, dentre outras normas, aquela que postula sua inalteração. Os landmarks representam as "fronteiras" da ordem, ou seja, as regras que delimitam o que é e o que não é maçonaria.

de Deus como Grande Arquiteto do Universo”(CAMINO, 2005, p. 49), ou seja, a crença neste princípio criador é colocada como elemento delimitador da maçonaria.

O próprio Mackey, ao comentar os regulamentos maçônicos em sua obra *Os princípios das leis maçônicas* nos apresenta algumas qualificações dos candidatos à iniciação e, dentre elas, encontra-se novamente a exigência na crença em um princípio criador. Nesta obra em questão, Mackey vincula esta norma ao que ele chama de “Antigos Encargos do Estado” (MACKEY, 2009, p.13), que postulam, dentre outras coisas, que o maçom não deve ser “um estúpido ateu, nem um irreligioso libertino”. Uma negação da existência de um Arquiteto Supremo do Universo não pode, evidentemente, ser aplicada a um Maçom, e, nesse sentido, não há um marco mais certo, que o que exclui todos os ateus da Ordem” (Ibid. Id.). Tais Antigos Encargos, dos quais Mackey apresenta uma citação literal de alguns trechos, são, na verdade, as Constituições de James Anderson, que representam um documento ainda mais antigo no qual tais normas são apresentadas.

Tido como um dos promotores da reforma maçônica de 1717 (FIGUEIREDO, 1997, p. 39) James Anderson é o responsável pela compilação, união e estabelecimento de um conjunto de leis a partir da análise e leitura de variados documentos antigos que faziam menção às leis maçônicas. Esta compilação resultou no que conhecemos por *The Constitutions of the Free-Masons*, passando por análise da loja a qual pertencia em 1723 e vindo à público em 1734. Nesta edição podemos ler uma lista do que o autor chama de *Charges of Free-Masons*, ou seja, os Antigos Encargos aos quais Mackey se refere em seus *Princípios das Leis Maçônicas*, que comentamos acima. Dentre estes encargos, o primeiro deles versa sobre a religião e Deus. É exatamente deste ponto que Mackey retira a ideia de que o maçom não poderá ser um “estúpido ateu”(ANDERSON, 1734, p.48).

Até este ponto nos esforçamos em apresentar os fundamentos maçônicos da exigência da crença em um princípio criador, exigência esta que, quando não cumprida, representa um impedimento para a candidatura de um futuro iniciado bem como uma quebra de landmark. Ora, reconhecida esta exigência,

como a ordem maçônica conceituará esta figura divina?

Uma definição de viés maçônico da divindade nos é apresentada por Figueiredo em seu *Dicionário de Maçonaria*. Vinculando-se a uma nomenclatura pitagórica o autor nos diz: “O imortal Pitágoras assim o definiu em linguagem bem maçônica: ‘Deus é a ordem e a harmonia, graças à qual existe e conserva-se o Universo. Deus é Uno; não está nunca, como pensam alguns, fora do mundo, senão no próprio mundo, e todo no mundo inteiro (...)’” (FIGUEIREDO, 1997, p.123). Da Camino, por sua vez, apresentará uma definição mais direta e simples da divindade: “É a força suprema, cósmica e universal, tendo n’Ele o princípio e o fim” (CAMINO, 2018, p.141). Ora, ambas as definições apresentadas nos mostram algo em comum entre elas, a saber, a apresentação de Deus como um primeiro princípio ordenador (cósmico) e, portanto, inteligente, simples e uno.

Tal caracterização maçônica da figura divina, apresentada sobre o nome de Grande Arquiteto do Universo, merece algumas considerações. Tendo em vista o pressuposto ecumênico da ordem, ou seja, o fato de que ela abarca todas as crenças e religiões, não seria permitido que o princípio criador e ordenador da natureza fosse apresentado sobre alguma nomenclatura específica de alguma crença, como, por exemplo, Jeová, Vishnu, Brahma, etc. Além do nome, atributos específicos de determinada cultura ou crença não devem ser vinculados a esta conceituação de divindade proposta pela maçonaria, mas deve-se manter apenas o que há de mais básico e comum a toda e qualquer divindade, ou seja, a ideia de unidade,³ a ideia de ordem e a ideia de princípio básico, evitando-se mais uma vez a vinculação a uma entidade específica.

Como já adiantamos, conceituar o primeiro princípio deste modo permite à ordem maçônica manter seu caráter ecumênico e tolerante em relação a toda e qualquer religião ao mesmo tempo em que garante as normas estipuladas pelos landmarks e pelas antigas Constituições e Encargos. Tendo estabelecido estes pontos, gostaríamos de sugerir, a seguir, uma hipótese sobre a formação deste conceito, ou seja, do conceito de Grande Arquiteto do Universo. Nossa hipótese se baseará em uma comparação des-

³ Por mais que existam crenças politeístas, as quais não são excluídas do grupo de crenças aceitas pela maçonaria, sempre existirá uma entidade que será reconhecida como a suprema, da qual as outras entidades são subordinadas.

ta imagem divina de viés maçônico com aquela apresentada por Voltaire,⁴ um dos maiores, senão o principal, filósofo do século XVIII.

3. O princípio criador na obra de Voltaire: o Deus relojoeiro

"*Si dieu n'existait pas il faudrait l'inventer*" (VOLTAIRE, 1771, p. 45). Emblemática frase de Voltaire que representa muito da importância que o conceito de divindade possui em sua obra. A necessidade de Deus se coloca, pois Ele representará um pressuposto para o desenvolvimento de questões morais e éticas, além daquelas da metafísica.

François-Marie Arouet, mais conhecido como Voltaire foi, sem dúvida, a mais emblemática figura do iluminismo. Iniciado maçom aos 84 anos, em 7 de abril de 1778, apesar das referências à ordem serem quase inexistentes em seus textos, o pesquisador que transita entre os dois assuntos, maçonaria e o pensamento de Voltaire, não deixará de notar muitas semelhanças e diálogos entre os dois campos de pesquisa. Neste artigo nos focaremos apenas no âmbito metafísico desta relação, ou seja, gostaríamos de apresentar nas linhas que se seguem, a forma pela qual Voltaire apresenta o conceito de Deus, como ele prova Sua existência e elenca Seus atributos.

Em primeiro lugar, devemos salientar que o método de investigação proposto por Voltaire representa uma ideia bem específica de procedimento filosófico. Grande opositor das filosofias de sistema, como a de Descartes, autor do século anterior, Voltaire lançará mão de um procedimento que inverte o caminho proposto por Descartes. O que isso quer dizer? Ora, a filosofia cartesiana representada pelas suas *Meditações Metafísicas* realizam um caminho dedutivo, ou seja, um procedimento quase geométrico. Partindo de princípios gerais abstratos, Descartes cons-

trói uma cadeia dedutiva através da qual chegará a resultados gerais, enquanto que Voltaire fará o contrário: sob a tutela de Locke, o grande nome do empirismo inglês, Voltaire se baseará na análise dos fatos particulares para chegar a princípios gerais.⁵ Neste procedimento analítico, Voltaire terá como guia sempre o procedimento empirista, ou seja, ao invés de se basear em elementos abstratos seu ponto de partida será sempre a experiência.

Estabelecido o método que, aliás, não é algo exclusivo de Voltaire, mas sim um movimento geral da filosofia francesa do século XVIII,⁶ ferrenha crítica do racionalismo do século anterior, devemos notar como o conceito de Deus se desenvolve. A princípio, este não é um conceito inato, ou presente na mente de todos os homens e, apesar de certa, é uma ideia que deverá ser provada. Encontraremos, portanto, duas formas de provar a existência de Deus segundo Voltaire, serão elas a) a prova da ordem e dos fins e b) a prova da cadeia de criação.

Sobre a primeira prova, Voltaire nos dirá:

A mais natural e mais perfeita (prova) para as capacidades comuns é a de considerar não somente a ordem que existe no universo, mas também o fim com que cada coisa parece relacionar-se. Muitos grossos livros foram compostos centrados nessa única ideia, e todos os calhamaços juntos contêm apenas este argumento: quando vejo um relógio cujo ponteiro marca as horas, concluo que um ser inteligente arranhou as molas dessa máquina para que o ponteiro marcasse as horas (...) (VOLTAIRE, 1973, p.69).

Esta prova é chamada de mais natural, pois é derivada diretamente da observação do mundo e da

⁴ Nossa escolha por Voltaire vai para além do fato de ser um dos mais conhecidos pensadores da época. Ele representa a própria personificação da figura do filósofo iluminista, ou seja, ele próprio é o modelo de uma personagem específica deste período que tem por papel o desenvolvimento e propagação de ideias no campo da política, ética, metafísica e no campo social. (BACZKO, 1997 p.27). Sua obra também representa um critério que justifica nossa escolha: uma das mais extensas dentre todos os autores da época, escrevendo por mais de 40 anos ininterruptos, Voltaire lida com temas que dialogam com todos os campos da filosofia, sendo a discussão sobre Deus uma das principais e fundamentais em relação ao conjunto do pensamento do autor, de modo que "Devemos examinar o que é a faculdade de pensar nessas diferentes espécies de homens, como lhes vêm as ideias, se têm uma alma distinta do corpo, se essa alma é eterna, se é livre, se tem virtudes e vícios, etc. Entretanto, a maioria dessas noções dependem da existência ou da não-existência de um Deus. É preciso, creio, começar sondando o abismo desse grande princípio" (VOLTAIRE, 1973 p.69 – Grifo nosso).

⁵ Sobre a oposição entre Descartes e Locke e a preferência de Voltaire por este ao invés daquele, ver as Cartas Inglesas, sobretudo a décima terceira e a décima quarta carta.

natureza, o que é exemplificado através da analogia do relógio, exemplo muito corrente na época em que Voltaire escreveu estas linhas. Qualquer composto organizado de forma a atingir um determinado fim me levará a crer que tal composto foi assim arranjado de forma voluntária por alguma inteligência. No caso do exemplo acima, este composto é um relógio, objeto organizado de forma a marcar as horas, mas, segundo Voltaire, podemos encontrar este mesmo tipo de ordem e finalidades na natureza. No verbete “Fim, Causas Finais” do Dicionário Filosófico, Voltaire explicitará qual é o tipo de finalidade à qual ele aqui se refere. Não se trata de afirmar, como é o caso daqueles que possuem “um amor extremo pelas causas finais” (VOLTAIRE, 1973 b, p. 197), que os narizes foram feitos para sustentar óculos ou que os bichos da seda tenham sido criados para que se possa ter tecidos, mas, ao contrário, o que Voltaire entende por finalidades é considerar uma invariabilidade de efeitos sempre que determinadas causas são dadas, ou seja, “Quando os efeitos são invariavelmente os mesmos, em qualquer lugar e em qualquer tempo, quando esses efeitos uniformes são independentes dos seres aos quais pertencem, nessa caso há, visivelmente uma causa final” (Ibid. Id.). Exemplos clássicos deste tipo de finalidades às quais Voltaire se refere são as leis da natureza, invariáveis, matematicamente expressas e constantes. Outro exemplo pode ser dado pelo funcionamento de nossos órgãos: um coração sempre servirá para bombear sangue, de forma invariável. De modo geral, o que devemos reter desta prova é que tudo o que se mostra ordenado na natureza e apresentando um determinado fim, que é sempre o mesmo para cada coisa, deverá necessariamente ser fruto de uma inteligência ordenadora, ou seja, para Voltaire a ordem das coisas naturais não pode jamais ser fruto do mero acaso, assim como não pode ter sido o acaso que combinou as peças de um relógio.

Voltando-nos agora para a segunda prova da existência de Deus, ou seja, a prova da cadeia de criação, veremos que este argumento é “mais metafísico, menos apto para a compreensão dos espíritos rudes e conduz a conhecimentos bem mais vastos” (VOLTAIRE, 1973 a, p.70). Nesta segunda prova Voltaire levará em conta a hierarquia dos seres criados: sempre que vejo algum ser no mundo, devo considerar uma de duas possibilidades, a saber, ou ele existiu desde sempre ou foi criado por outro ser que, por sua vez, ou existiu desde sempre ou foi criado, etc. Deste modo teremos uma cadeia de criação e

de relações de causa e efeito que regrediriam ao infinito. Ora, se não houvesse uma causa primeira, que fosse a causa fundante desta cadeia, não teríamos nada. Entretanto é certo que alguma coisa existe, de onde se seguirá que há uma causa primeira que não foi causada por nada (exigência necessária para que possamos sair da regressão ao infinito). Desta segunda prova devemos notar que esta causa primeira será Deus, independentemente do que ela seja.

Confrontando estas duas provas veremos que existem elementos em comum entre elas. Como já dissemos, sendo um partidário do empirismo inglês, Voltaire partirá sempre da observação do mundo para construir suas provas e nunca de um elemento a priori. Podemos notar, também, que estas provas não apenas indicam a possibilidade da existência de Deus, mas nos fornecerão mais alguns elementos sobre as características divinas. Isso quer dizer que, não podendo pautar-se em elementos a priori ou meramente ideais, Voltaire deverá se basear nestas duas provas e nos dados fornecidos por elas para que se possa construir um discurso mais completo sobre a divindade, de modo que todo atributo divino que o autor lançar mão deverá ser extraído destes dois argumentos expostos acima.

Da prova da ordem e dos fins podemos considerar que Deus é inteligente, visto que uma inteligência é necessária para que a ordem se dê, não podendo tal ordem ser fruto do acaso, entretanto,

só posso concluir desse único argumento que é provável que um ser inteligente e superior tenha preparado e modelado a matéria com habilidade, mas não posso concluir apenas disso que tal ser tenha feito a matéria com nada e que seja infinito em todos os sentidos (Ibid. Id.).

Isso quer dizer que da ordem segue-se apenas a inteligência divina. Qual outro elemento ela nos daria? Bondade? Eternidade? Para Voltaire, este primeiro argumento é o mais limitado e não nos fornecerá mais atributos de Deus além da inteligência. Por outro lado, o segundo argumento a favor da existência divina, apesar de ser mais complexo, será aquele do qual poderemos extrair mais consequências. Visto que Deus deve ser a causa primeira, podemos afirmar que ele é eterno, uma vez que não pode ter sido criado por nada. Sendo eterno e nada havendo antes dele, pode-se afirmar que Deus é livre, visto que não

havia nada além de Sua vontade que possa tê-Lo determinado. Além da liberdade e da eternidade, Voltaire também aceitará que Deus é um ser extremamente poderoso, visto que o mundo se mostra como uma criação muito mais complexa do que a mais complexa criação humana.

Após este percurso, passando pelas duas provas que garantem a existência de Deus aos olhos de Voltaire, pudemos estabelecer uma divindade livre, inteligente, eterna e poderosa. Note-se que nada nestas provas nos indicam a bondade de Deus. Esta será uma característica que fará com que a divindade voltairiana seja destoante em relação àquelas das religiões tradicionais, como a cristã ou a judaica, por exemplo. Considerar que Deus seja justo, bom ou mal, é algo que não podemos assumir pela via racional da metafísica através da qual estamos caminhando e acompanhado o autor até aqui, ou seja, tudo que se pode falar de Deus é que ele age segundo a razão.⁶ Tais características da análise e apresentação da figura divina serão elementos essenciais e formativos do teísmo de Voltaire.

4. Conclusão: uma análise comparativa

Ao colocarmos lado a lado a figura do Grande Arquiteto do Universo proposta pelos autores maçônicos e a figura do Deus relojoeiro proposta por Voltaire veremos grandes semelhanças. Ambos os conceitos são apresentados como portadores de elementos mínimos em suas formulações: livre, eterno, poderoso e inteligente em Voltaire, inteligente, uno, ativo e criador das coisas na concepção maçônica. Estes dois conjuntos de atributos não são excludentes, se enquadram e podem ser considerados intercambiáveis nas duas conceituações da divindade. Se é criador, é inteligente e ativo, se é uno, é a primeira causa incausada, que é eterna e livre. Ora, as semelhanças entre as duas abordagens nos parece patente.

Simples conceituações de Deus, a definição maçônica e da Voltaire tem uma mesma razão de ser: a exclusão da vinculação de Deus a uma doutrina específica. Se para a maçonaria tal exclusão é necessária para que se mantenha a ideia de tolerância religiosa e de ecumenismo na ordem, para Voltaire, ao conceituarmos Deus da forma proposta por ele, também evi-

tamos a mistura entre Deus e religião. Neste sentido, a doutrina teísta sugerida pelo autor será pautada apenas na razão e na análise da natureza e não nos dogmas arbitrários das religiões tradicionais, o que nos leva a afirmar que o Grande Arquiteto do Universo pode ter esta mesma origem, a saber, a razão e não dogmas específicos.

Apesar de próximas e semelhantes, não nos parece, entretanto, correto afirmar que a imagem de Deus proposta pela maçonaria seja tomada diretamente da obra de Voltaire, uma vez que tal concepção encontra-se em textos e autores anteriores, como é o caso da referência feita a Pitágoras, por exemplo. O que gostaríamos de notar, a título de conclusão, é apenas que a doutrina maçônica comunga com o pensamento iluminista muito mais do que o momento histórico: as bases racionais sobre as quais um de seus principais conceitos – Deus – é construído são muito próximas e semelhantes.

5. Referências

- ANDERSON, J. *The Constitutions of the Free-Masons: an online electronic edition*. Lincoln: University of Nebraska, 1734. Disponível em http://digitalcommons.unl.edu/libraryscience/25/?utm_source=digitalcommons.unl.edu%2Flibraryscience%2F25&utm_medium=PDF&utm_campaign=PDFCoverPages
- BACZKO, B. *Job, mon ami: Promesses Du bonheur et fatalité du mal*. Paris: Gallimar, 1997.
- CAMINO, R. da. *Dicionário maçônico*. São Paulo: Madras Editora, 2018.
- CAMINO, R. da. *Introdução à maçonaria: Doutrina, história e filosofia*. São Paulo: Madras Editora, 2005.
- CASSIRER, E. . *A Filosofia do Iluminismo*. 2ª ed. Campinas: Unicamp, 1994.
- DESCARTES, R. *Meditações Metafísicas*. 3ª ed. São Paulo: Abril Cultural, Col. Os Pensadores, 1983.
- FIGUEIREDO, J. G. de. *Dicionário de Maçonaria*. São Paulo: Editora Pensamento, 1997.
- Poema Regius. Versão traduzida online disponível em: <http://joseroberto735.blogspot.com/2013/07/o->

⁶ Gostaríamos de frisar que este é um ponto sobre o qual Voltaire mudará de opinião com o passar dos anos. Neste artigo estamos nos focando nos textos da década de 1730, entretanto, na década de 1760 o autor lançará mão de uma conceituação da divindade muito distinta da que estamos aqui analisando. Sobre esta mudança ver *Il faut prendre un parti e Dieu: reponseausysteme de lanature*.

poema-regius.html. Acesso em: 23 de janeiro de 2019.

MACKEY, A. G. *Os princípios das leis maçônicas*. Volume II. São Paulo: Universo dos Livros.

VOLTAIRE, Epître au auteur du poeme Les troisimposeurs, Iná Epîtres, satires, contes, odes, et pièces fugitives du poète philosophe, dont plusieurs n'ont point encorparu: enrichies de notes curieuses et interessantes, F. Grasset, 1771. Disponível em: https://books.google.co.uk/books/about/Ep%C3%A8tres_satires_contes_odes_et_pi%C3%A8ces.html?id=o8I-AAAACAAJ. Acesso em: 23 de janeiro de 2019.

VOLTAIRE. *Cândido ou O Otimismo* in: *Contos*. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

VOLTAIRE. *Cartas Inglesas*. São Paulo: Abril Cultural, col. Os Pensadores, 1973 c.

VOLTAIRE. *Dicionário filosófico*. São Paulo: Abril Cultural, col. Os Pensadores, 1973 b.

VOLTAIRE. *Dieu*. Réponse au Système de La Nature in Derniers Écrits sur Dieu. Paris: GF Flammarion, 2006 a.

VOLTAIRE. *Il Faut Prendre un Parti, ou Le Principe de l'Action* in Derniers Écrits sur Dieu. Paris: GF Flammarion, 2006 b.

VOLTAIRE. *Tratado de metafísica*. São Paulo: Abril Cultural, col. Os Pensadores, 1973 a.

⁶ Gostaríamos de frisar que este é um ponto sobre o qual Voltaire mudará de opinião com o passar dos anos. Neste artigo estamos nos focando nos textos da década de 1730, entretanto, na década de 1760 o autor lançará mão de uma conceituação da divindade muito distinta da que estamos aqui analisando. Sobre esta mudança ver *Il faut prendre un parti e Dieu: reponse au systeme de lanature*.

CONTEMPORANEIDADE DOS PAINÉIS ALEGÓRICOS MAÇÔNICOS:

Uma visão hebraica

(CONTEMPORANEITY OF THE MASONIC ALLEGORICAL TRACING BOARDS:

A Hebrew vision)

Rui Samarcos Lora ¹

Resumo

Neste trabalho procura-se apresentar aspectos referentes à contemporaneidade dos Painéis Alegóricos dos Graus Simbólicos do Rito Escocês Antigo e Aceito (REAA) com enfoque voltado para a influência hebraica, a fim de dar mais significado ao simbolismo do painel, assim como trazer elementos que reforcem a importância e a atualidade desta peça maçônica para o REAA.

Palavras-chaves: Painéis Alegóricos; Hebraico; Rito Escocês Antigo e Aceito; Kabalá.

Abstract

This article try to present aspects related to the contemporaneity of the Allegorical Tracing Boards of the Symbolical Degrees of the Ancient and Accepted Scottish Rite (A&ASR) with a focus on the Hebrew influence, in order to give more meaning to the symbolism of the tracing boards, as well as to bring elements that reinforce the importance and the relevance of this masonic piece to the A&ASR.

Keywords: Tracing boards; Hebrew; Ancient and Accepted Scottish Rite; Kaballah.

¹ Rui Samarcos Lora é Doutorando em Ciências Políticas pela Universidade de Coimbra, Especialista em Ciências Políticas pela UnB (Universidade de Brasília, 2006), Bacharel em Relações Internacionais pelo UniCEUB (Centro Universitário de Brasília, 2004). . E-mail: ruisamarcos@gmail.com

1. Alegorias e simbolismos da “tábua de traçar”: uma introdução

O significado literal da palavra “painel” não é o mais adequado para se referir ao quadro que os templos maçônicos apresentam por ocasião da abertura dos seus trabalhos. Isto porque, no cotidiano, quando se emprega a palavra “painel”, é comum associá-la à ideia de uma pintura, propaganda, anúncio pintado ou até mesmo ao quadro de funções de um automóvel. O raciocínio não é de todo equivocado. Entretanto, no contexto maçônico, o móvel que compõe um templo maçônico chamado de painel tem significado maior e mais profundo do que o representado pela palavra em si.

Por esta razão, para que se possa extrair este significado correto, direcionando o estudo maçônico para uma compreensão contemporânea do referido instrumento, este trabalho propõe seja utilizada a tradução do termo empregado nas lojas maçônicas de língua inglesa, isto é, tracing board. Com isso, tem-se: “tábua de traçar”. A referida tradução per se exprime com maior clareza a função desta peça maçônica de grande relevância para os trabalhos desempenhados pela maçonaria em seus graus simbólicos no REAA.

A este respeito, necessário destacar, ainda, que, por tratar-se de peça tão antiga quanto a própria história da maçonaria, a diversidade de painéis maçônicos existentes impede que o trabalho ora delineado abranja a totalidade dos muitos exemplares espalhados pelo mundo. Por esta razão, este trabalho concentrar-se-á em analisar o conjunto de painéis alegóricos dos graus simbólicos do REAA, mormente o do grau de aprendiz maçom, por ser o painel primordial para o estudo maçônico, uma vez que a simbologia se repete, de certa forma, nos subsequentes graus e, notadamente, nos painéis.

Importante mencionar que o fundador do sistema de Grandes-Lojas brasileiras, Mario Behring, durante o estabelecimento da referida potência maçônica no Brasil, necessitava fornecer rituais dos graus simbólicos para que as recém-criadas Lojas pudessem trabalhar. A fim de aproximar essas Lojas brasileiras às inglesas e americanas, Mario Behring inclui diversas características dos rituais de York e de Emulação aos seus rituais do REAA. Uma dessas características incluídas foram os jogos de painéis “emprestados” dos mencionados ritos. Dessa forma, com a duplici-

dade de painéis, Mario Behring encontrou como solução intitular os painéis originais do REAA de painéis simbólicos e os de York e Emulação de alegóricos. Um de influência e tradição inglesa e outro de influência e tradição francesa, angariando maçons de ambas potências. De toda forma, ambos os jogos de painéis apresentam simbologia semelhante, sem prejuízo de sua função maçônica (RIBEIRO, 2007).

Ademais, como o viés deste trabalho está relacionado às influências hebraicas no painel, importante esclarecer que o propósito deste artigo não é o de criar um consenso a respeito do tema, nem o de ir contra os muitos escritos sobre o assunto. O principal objetivo do trabalho é o de revelar os elementos típicos da tradição hebraica, a fim de melhor esclarecer o sentido das alegorias, com vistas a se obter entendimento e explicação simbólica concisa acerca do painel.

Assim, ao falar da tradição e influência hebraica, destaca-se o papel do misticismo hebreu, peculiarmente encontrado nos estudos de kabalá.² Por esta razão, importante notar que muitos teóricos e autores maçons se utilizam da terminologia, do estudo e dos muitos escritos a respeito da kabalá associando-a a outras vertentes fora do seu contexto original para justificar lendas, tradições, argumentos herméticos pouco relacionados à kabalá tradicional, transformando a mística hebraica tradicional em uma miscelânea de lendas e contos que fogem do propósito e do estudo milenar levado a cabo por diversos estudiosos e cabalistas de grande renome.

A partir destas diretrizes, pode-se afirmar que, do ponto de vista moral, o painel se dedica ao planejamento e à organização dos trabalhos a serem desenvolvidos em cada grau, assim como como este planejamento pode ser aplicado na vida maçônica fora dos templos, das Lojas. Já no que diz respeito ao lado espiritual e esotérico, retrata conceitos relacionados à criação do universo, à kabalá e a outros elementos que serão desenvolvidos ao longo deste estudo.

2. Contemporaneidade histórica do painel

De acordo com Dring, verifica-se que os painéis maçônicos evoluíram com o passar do tempo, sofrendo alterações estéticas e até mesmo físicas, onde os primeiros eram traçados no chão com carvão, passando pela época em que foram formatados

² Kabalá é um método esotérico, disciplina e escola de pensamento que se originou no judaísmo.

em carpetes até chegar no atual quadro emoldurado do século XIX (1916, pg. 243). Assim, pode-se dizer que a evolução histórica do painel maçônico pode ser dividida em três períodos ou fases: i) painéis traçados no chão (séc. XIII ao séc. XVII); ii) painéis de carpete (séc. XVIII ao séc. XIX); e iii) painéis emoldurados (séc. XIX até à atualidade) (DRING, 1916, pg.243).

No primeiro período, durante a maçonaria operativa (séc. XIII a séc. XVII), as tábuas de traçar eram, na verdade, desenhos feitos no chão com giz. Nelas os mestres mostravam aos obreiros a forma de se construir seus projetos. Nestes desenhos estavam contidas as informações sigilosas de cada guilda, ou seja, a forma, o cálculo e os detalhes de cada ângulo, coluna, arco, das construções, isto é, uma planta dos projetos de arquitetura da época. É por esta razão que, ao final dos trabalhos, os obreiros apagavam os desenhos como forma de preservar a maneira de se construir, fazendo deles um grupo de especialistas na arte da construção (DRING, 1916, pg.244).

Posteriormente, com a chegada do Renascimento, as construções góticas perdem importância e, por sua vez, a maçonaria operativa também. Surge, então, a maçonaria especulativa e o painel ganha formatos diferentes: primeiro como carpetes estendidos no chão - hoje ainda utilizados pelo Rito Schöreder - e, depois, emoldurados, permanecendo, assim, até os dias atuais (STEVENSON, 2005, pg.26).

Sendo assim, apesar das formas e mudanças, a ideia de planejamento tem perpassado todas as épocas, permanecendo atual até os dias de hoje, intrínseco no painel, o que o torna instrumento contemporâneo de trabalho da Ordem Maçônica. Planejamento é a palavra-chave para que se entenda uma das muitas mensagens que esta joia fixa transmite do ponto de vista moral e prático para a vida maçônica dentro e fora dos templos.

O senso de planejamento nunca deixou de existir ao se estudar o painel. A este respeito, interessante lembrar que, de acordo com Da Camino: "Há muitas explicações para o painel. Uma delas nos diz que nenhum trabalho deve ser encetado sem antes ser planejado"(2007, pg. 75).

O painel é fonte primeira do planejamento maçônico, juntamente com o ritual que traduz o simbolismo e a ideia expressada pela joia. Toda a ritualística da Loja e sequência de cerimônias executadas em qualquer sessão maçônica, desde a entrada ao templo, início dos trabalhos até o encerramento, etapa

por etapa, tudo decorre de um planejamento adotado pelo ritual, expresso, simbolicamente, no painel. Não obstante, o planejamento exaurido do painel está relacionado ao trabalho a ser executado em cada grau. Temos, assim, uma espécie de resumo do grau em cada painel do simbolismo. Nele é representado, por intermédio das alegorias e símbolos, o que deve ser extraído de ensinamento para o grau em que a Loja estiver trabalhando (MACNULTY, 1991).

A maçonaria, de forma geral, como organização universal, tem como um de seus propósitos o de tornar feliz a humanidade. É a partir dessa máxima que se pode extrair, mais uma vez, a importância do planejamento para a contemporaneidade da Maçonaria, ou seja, o planejamento maçônico é fundamentado no aspecto legal da Ordem, nos princípios da ética é da moral, na eficiência e na organização, na condução dos trabalhos e debates, no sigilo, nos critérios para ingresso, para correção de erros e administração de forma geral. Assim, o planejamento é intrínseco não só ao que representa o painel, mas a forma de condução dos trabalhos da Loja e da Ordem.

Mencionado o aspecto relacionado ao planejamento, contemplado no painel da Loja, resta, ainda, apresentar o segundo item proposto para o estudo deste trabalho: a influência hebraica presente no painel. Assim, a este respeito, como visto anteriormente, no REAA, durante a passagem da maçonaria operativa para a especulativa, o painel deixou de ser desenhado a cada reunião e se padronizou dentro dos graus simbólicos, sendo adotado pelo REAA (AQC, 1979, p.52). Na maçonaria especulativa as figuras ganharam significado mais abrangente além da noção moral de planejamento intrínseca à peça, onde o valor simbólico passou a ser aprofundado pela maçonaria especulativa, passando a ter significados muito fortes. É sobre estes significados que o próximo item do trabalho versará, abordando a alegoria hebraica e mística do painel.

3. A influência hebraica

Durante seu estabelecimento e formação, o REAA teve muita influência das tradições religiosas hebraicas e cristã. Apesar dessa influência girar em todos de duas grandes religiões, este trabalho tratará exclusivamente da influência hebraica. Isso porque os primeiros graus do simbolismo maçônico, as palavras e toda a ornamentação da Loja, se espelham no histórico bíblico do Antigo Testamento, ou seja, na Ta-

nach.³ Portanto, para se explicar a chave alegórica de interpretação esotérica do painel não se pode deixar de mencionar, em particular, o esoterismo hebraico.

Dentro da tradição hebraica, diferentemente de outros credos, o Livro da Lei não é apenas interpretado por seu conteúdo escrito, há que se levar em conta a tradição oral e a tradição mística. Além da tradição escrita, ou seja, os livros que foram escritos e de onde se extrai toda a essência da Bíblia e tradição que se conhece, também é de elevada importância a tradição oral passada de pai para filho e compilada pelos sábios tempos atrás, a preservando em escritos, a fim de que a tradição e o entendimento de metáforas não fossem perdidos com o passar do tempo, com as guerras e com os massacres e perseguições acometidos contra o povo judeu. Surge, assim, o Talmud. Uma coletânea de livros que registram as discussões rabínicas que pertencem à lei, ética, costumes e história do judaísmo. O Talmud, por sua vez, tem dois componentes: a Mishná (c. 200 d.C.), primeiro compêndio escrito da Lei Oral judaica; e a Guemará (c. 500 d.C.), discussão da Mishná e dos escritos tanaíticos que frequentemente abordam outros tópicos. O Talmud, além de ser a tradição oral relatada ao longo dos anos, representa os comentários orais e explicações de passagens do “Velho Testamento”. Por esta razão, não é tarefa simples a de interpretar o Livro da Lei sem um estudo aprofundado do Talmud e dos comentários dos sábios que o escreveram ao longo dos anos (BRIDGER, 1992).

Com isso, deve-se mencionar que, da mesma forma que o REAA foi influenciado pelos elementos e tradições hebraicas, não poderia ser diferente no que diz respeito aos painéis alegóricos, especialmente por conta de sua simbologia bíblica altamente associada ao Templo de Salomão e aos diversos componentes que os adornam, sendo que o significado e a reflexão que se faz de cada símbolo está relacionado aos escritos e aos relatos bíblicos. Não obstante, nota-se que, ao associar o significado do painel e de seus elementos, a maçonaria contemporânea nem sempre leva em conta os demais escritos e comentários a respeito do Livro da Lei, isto é, se exclui as explicações orais e místicas propostas pelos livros originais que complementam a tradição hebraica, utilizando-se so-

mente da Torá. Sem a explicação oral e mística, não é possível extrair a essência e a parte “não revelada” de cada elemento que adorna o painel. Por esta razão, a interpretação completa do painel deve levar em consideração os demais escritos, especialmente o que diz respeito à tradição mística (ZELDIS, 2014).

Por esta razão, com vistas a responder ao tema proposto para este artigo é fundamental o estudo e um olhar profundo sobre a parte mística da tradição hebraica. Em poucas palavras, seria o estudo do “fundo branco que as letras pretas do Livro da Lei marcam” e aqui é necessário o estudo e melhor entendimento da kabalá, isto é, a mística hebraica, a tradição hebraica de fato. Entretanto, difícil estudar e discorrer sobre a kabalá sem uma boa noção da tradição escrita e oral do Livro da Lei, assim como do hebraico. Por isso a necessidade de se falar destes três elementos ora citados: Tanach, Talmud e Kabalá, observando, assim, a complementariedade e complexidade da inseparável tríade: tradição escrita, tradição oral e tradição mística, nos levando a chamar de tradição hebraica. Somente assim podemos consolidar pleno entendimento das alegorias bíblicas presentes no painel, compreendendo e melhor interpretando a mensagem e função desta peça da Loja.

Por fim, para concluir a análise do trabalho, uma vez apresentados os elementos essenciais para o entendimento do painel, caberá ao tópico seguinte apresentar peculiaridades relacionadas ao significado esotérico cabalístico das principais alegorias desta joia fixa.

4. Compreensão cabalística do painel alegórico

A kabalá tem ganhado grande atenção dentro e fora da maçonaria, atraído curiosos de diversos ramos: artistas, esotéricos, professores, terapeutas, dentre outros. Ademais, ganhou a atenção de cartomantes, místicos, bruxos e herméticos ao longo dos anos. Não obstante, o domínio e o entendimento pleno da kabalá só pode ser aproveitado no estudo maçônico se somado aos demais elementos apresentados anteriormente. Todavia, de nada adianta o conhecimento e o estudo se não estiver associado ao conhecimento

³ Tanach é o acrônimo utilizado dentro da tradição hebraica para denominar seu conjunto principal de livros sagrados, sendo o mais próximo do que se pode chamar de uma Bíblia judaica. O conteúdo do Tanach é quase equivalente ao do Antigo Testamento, porém com outra divisão. O Tanach consiste de vinte e quatro livros. A palavra Tanach é formada pelas sílabas iniciais das três porções que a constituem, a saber: Torá (TA), Neviim (NA) e Chetuvim (CH). Sendo a Torá a mais importante das escrituras do judaísmo, onde estão configurados os cinco livros conhecidos como Pentateuco ou, ainda, Chumash. Neviim significa “Profetas”, isto é, os oito livros escritos pelos profetas da época do Antigo Testamento.

mínimo do idioma hebraico, cerne para toda a filosofia cabalística.

A maçonaria é fortemente inspirada pelas noções e princípios da kabalá. Desde os simples símbolos que adornam a Loja, perpassando pelas palavras de passe de cada grau. Por esta razão, não seria diferente ao analisar o painel, repleto de alegorias alusivas à kabalá. Dentre os muitos elementos presentes, o primeiro a ser destacado neste trabalho é a Etz Ha-Chayim, isto é, Árvore da Vida. Apesar de não estar graficamente representada no painel, com uma breve análise dos elementos e das funções da Loja se pode perceber e, até mesmo visualizar, o esforço do ornamentador em imprimir significados alusivos a este símbolo fundamental para este estudo.

Pacheco afirma que:

dos Rituais Maçônicos do REAA, em todos os Graus, encontramos referências à Cabalá e à Árvore da Vida (...) sempre que se desenrola o diagrama (referência à Árvore da Vida), em termos de representação, o objetivo é reproduzir o drama da Criação Divina (2011, p. 69).

A este respeito, recorda-se que, não é o intuito deste artigo decifrar e esclarecer todo o desenrolar do estudo da kabalá, mas basta para esta abordagem demonstrar que a abertura dos trabalhos no REAA poderia ser uma representação do momento de criação do universo e, por si só, alude à simbologia da Árvore da Vida. Por sua vez, remontará, também, à alegoria do painel do primeiro grau, representado pelas joias móveis (esquadro, nível e o prumo). Toda a criação está descrita na Árvore da Vida, assim como no painel. Cabe acrescentar – apenas para se ter ideia de quão semelhantes são os credos e suas ornamentações alegóricas - que a mesma Árvore de uso cabalístico, o macrocosmo, também é muito usada para explicação dos chackras (ZELDIS, 2014), uma forma reduzida do princípio criador, isto é, em um espectro menor, no caso, o microcosmo, existente em cada ser humano, daí a famosa figura do Adam Kadmon.⁴

Com esta explicação, de maneira esotérica, pode-se extrair da simbologia do painel a representa-

ção da Criação do Universo, a forma com que se deu o estabelecimento do mundo. No painel, as joias móveis (representando o Venerável Mestre, o Primeiro Vigilante e o Segundo Vigilante) associadas aos elementos do sol e da lua (Primeiro e Segundo Diácono) ganham significado fundamental quando se remonta à abertura dos trabalhos da Loja e a circulação dos Diáconos. Assim, ao representar, ademais, o antagonismo da natureza, dia e noite, afirmação e negação, claro e escuro, positivo e negativo, masculino e feminino, também encenam a formação do Universo, isto é, a abertura da Loja.

De acordo com Pacheco:

No início de qualquer sessão, o Venerável Mestre manifesta sua vontade de instalar a sessão e profere o Fiat Lux, ou seja, liberta seu emissário o Sol (Primeiro Diácono) portando a palavra e a Luz, que percorre o caminho solar para iluminar a Coluna do Norte (Primeiro Vigilante). Da Coluna do Norte é acionada a Lua, a qual transmitirá a Luz refletida ao Segundo Vigilante, juntamente com a Palavra (2011, p. 71).

Outro elemento presente no painel e que complementa este entendimento a respeito da Criação do Mundo e a da influência mística é o antigo símbolo do ponto e o círculo. Antes de existir a famosa e tão discutida teoria do Big Bang, acredita-se, por meio da kabalá, que o Patriarca Abraão teria redigido o famoso livro místico Sefer Yetzirá⁵, o Livro da Criação. Neste livro, Abraão teria narrado, em detalhes, a história de criação do mundo e, de certa forma, remonta, igualmente, à simbologia da Árvore da Vida. (CASTELLANI, 1993)

No caso específico do painel, vimos que a circulação dos Diáconos - representados pelo Sol e pela Lua - associada à transmissão da palavra pelas Joias Móveis, culminaria com a abertura do Livro da Lei, isto é, o Fiat Lux, depreendendo que, por meio da palavra divina, em hebraico, o mundo foi criado, a luz foi produzida.

Assim, temos:

⁴ Adam Kadmon representa o Homem Arquetípico, o Homem Primordial, comparável ao Antropos do gnosticismo e do maniqueísmo. Ele é a síntese da árvore da vida, que emana do infinito cabalístico (Ein Soph).

⁵ Sefer Yetzirá ou Livro da Criação é um texto antigo pertencente ao corpus da cabala judaica. O Livro é um dos livros mais antigos e está ligado a literatura cabalística. É um dos pilares que se baseia a cabala judaica.

Antes de todas as coisas serem criadas (...) a Luz Divina era simples e enchia toda a existência. Não havia espaço vazio(...) Quando a Sua simples Vontade decidiu criar todos os universos (...) Ele comprimiu os lados da Luz, deixando um espaço vazio (...) Este espaço era perfeitamente redondo (...) Após essa compressão ter ocorrido (...) passou a existir um lugar onde todas as coisas poderiam ser criadas (...) Ele, então, traçou uma única linha reta da Luz infinita (...) e a trouxe até aquele espaço vazio (...) A Luz infinita foi trazida para baixo por intermédio desta linha (...) (PACHECO, 2011, p. 80).

Essa narrativa se assemelha muito com a explicação de criação apresentada centenas de anos depois pela teoria do Big Bang e revela o significado que mais parece próximo para utilização do simbolismo do ponto e do círculo na Ordem. Este símbolo parece retratar o tzimtzum⁶, ato de contração que Deus fez para que o mundo pudesse ser criado. A contração da Luz Divina deu espaço ao livre arbítrio e, conseqüentemente, ao espaço existente para criação do Universo, o gesto de bondade do Eterno em criar a criatura e possibilitar cada ser humano buscar a Luz, a Verdade e a Ele próprio (MECLER, 2011).

Daqui, ainda se pode fazer alusão às sefirot⁷ da Árvore da Vida, as esferas, os chacras que se revestem de cortinas para os olhos humanos, impedindo que a verdadeira Luz possa ser enxergada, a essência de Deus. Por esta razão, necessário desvendar cada uma delas, como se subíssemos degraus de uma escada até atingir a Luz, a Verdade. Essa mesma escada também está representada no painel e é chamada de Escada de Yacov.

Assim, apoiada nas três grandes luzes da Maçonaria, as Joias Móveis, como já visto, o Venerável Mestre, o Primeiro Vigilante e o Segundo Vigilante, sobre o Altar dos Juramentos, local que intermedeia o círculo e o ponto e o Livro da Lei, vê-se a Escada de Yacov, de inúmeros degraus que sobe até a Estrela

Flamejante, encerrando sua luz com o tetragrama sagrado ou, simplesmente, com a letra "G", uma alusão a Deus.⁸

A Escada de Yacov é alegoria extraída do Livro de Bereshit (Gênesis) 28: 10-19. Pelo relato bíblico, essa escada significava o caminho que conduzia à morada de Deus e, de forma análoga, a Escada de Yacov presente no painel representa o caminho sagrado, o caminho do aperfeiçoamento moral e espiritual, o caminho da perfeição que leva toda criatura ao Criador, como se depreende dos rituais do REAA.

De acordo com o misticismo e o simbolismo representado, ao subir cada degrau, desvendando cada cortina das esferas da Árvore da Vida, a ideia que se tem é a de que se retorna à Luz, à Verdade, à essência de Deus. Assim como Ele se partiu no ato de criação para dar espaço à existência do mundo, o Painel faz alusão à necessidade de que cada maçom, como centelha do Fogo Divino, retorne à Luz, se evolua. (MECLER, 2011)

A alegoria é forte e muito profunda em cada elemento do painel que se reflete na liturgia do ritual e do rito. Por esta razão, é muito importante que se analise e assimile a simbologia de cada elemento e do painel em si. Apesar da antigüidade desta pela, segue atual para os interesses e propósito da ordem em todos os aspectos, sejam eles morais ou espirituais, cabendo ser melhor analisado pelos teóricos e estudiosos do assunto.

5. Considerações finais

Muito da ritualística e alegoria maçônica é simplesmente usada por assimilação ou invencionismo que alguns passaram a chamar de usos e costumes, utilizando isso para justificar qualquer coisa que não haja explicação ou fonte. Uma forma de fugir do tema ou explicar o inexplicável. Por outro lado, a Maçonaria é singular por não pregar uma única verdade, um dogma, uma doutrina e é por esta razão que não é uma religião. A Maçonaria permite discordar, concordar e acordar diferentes formas de se enxergar a

⁶ Tzimtzum no Misticismo judaico, significa "contração" ou "construção". Refere-se à noção cabalística sobre a Criação, de acordo com a qual Deus "contraíu" sua infinitude com a intenção de permitir um "espaço conceitual" dentro do qual um mundo finito e aparentemente independente pudesse existir.

⁷ Sefirot (também grafado Sefiroth, cujo singular é sephira ou sefira) são as dez emanções do infinito (Ain Soph) da kabalá. De acordo com a kabalá, Ain Soph é um princípio que permanece não manifestado e é incompreensível à inteligência humana. Deste princípio emanam os Sefirot em sucessão. Esta sucessão de emanções forma a árvore da vida.

⁸ YHVH é o tetragrama hebraico יהוה comumente transliterado em letras latinas como YHWH. É o nome impronunciável de Deus e na maçonaria está simbolizado pela primeira letra yud, no alfabeto latino se usa a letra "G".

verdade, desde que haja estudo, pesquisa e riqueza de fontes.

A proposta deste trabalho não é trazer uma verdade para o debate acerca do painel, entretanto, propor discussão sobre da importância desta Joia tão relevante para os dias atuais da maçonaria, despertando e estimulando o debate e a pesquisa voltada para os elementos simbólicos que compõem o jogo de painéis alegóricos do REAA. Por esta razão, a contemporaneidade do painel é elemento vital deste trabalho. Ao concluir este estudo, importante relacionar os três principais elementos que sustentam o propósito deste artigo: i) contemporaneidade: a importância do tema para os dias atuais; ii) influência hebraica: inspiração buscada nas escrituras da Tanach (Antigo Testamento); e iii) influência mística: o estudo da kabalá.

Do ponto de vista contemporâneo, o painel além de ensinar a necessidade de se planejar todas as ações que se pretende empregar na vida, apresentando conceitos de organização e estratégia – os mesmos utilizados pelos membros da maçonaria operativa – do ponto de vista esotérico representa a arte de saber dar para receber quando se visualiza o feito de Deus no ato de criação do universo. Isso porque o Eterno contraiu sua Luz para dar espaço à existência de tudo e, assim, poderia receber sua própria Luz, contrário do monótono vazio, ausência.

A busca incessante pela verdade está representada pela gradual ascensão na Escada de Yacov (Sefirot da Árvore da Vida) e essa só acontece quando se sabe dar para poder receber, princípio norteador da kabalá. Para que isso possa ocorrer, importante saber separar a fé da vontade de estudar, de conhecer, de ler e apreender a respeito dos mistérios que rondam a maçonaria.

6. Referências

BIBLICAL STUDIES Mikra. Text, Translation, Reading and Interpretation. Norton Irish Theological Quarterly. 2007; 72: 305-306

BRIDGER, David. *The New Jewish Encyclopedia*. New York: Editora Behrman House, 1962.

CASTELLANI, José. *A Maçonaria e sua Herança Hebraica*. Londrina: Editora A Trolha, 1993.

CASTELLANI, José. *Shemá Israel*. São Paulo: Editora Gazeta Maçônica, 1977.

CORTEZ, Joaquim Roberto Pinto. *A Maçonaria Escocesa*. Londrina: Editora A Trolha, 2009.

DRING, E.H. (1916). "The Evolution and Development of the Tracing or Lodge Board". *Ars Quatuor Coronatorum*. Quatuor Coronati Lodge No. 2076.

GOROVITS, David e FRIDLIN, Jairo. *Bíblia Hebraica*. São Paulo: Editora e Livraria Sefer LTDA. 2006.

HATZAMRI e HATZAMRI, Abraham e Shoshana. *Dicionário Português-Hebraico e Hebraico-Português*. Ed. Sefer, 1995.

HAUNCH, T.O. (1962). "Tracing Boards: Their Development and Designers". *Ars Quatuor Coronatorum*. Quatuor Coronati Lodge No. 2076.

LORA, R. S. A indelével presença do hebraico no Rito Escocês Antigo e Aceito. *Revista Ciência e Maçonaria. C&M | Brasília*, Vol. 2, n.1, p. 37-46, jan/jun, 2014.

MACKAY, Albert. *Encyclopedia of Freemasonry And its Kindred Sciences*. 1879.

MACNULTY, Kirk. *Freemasonry, A Journey through Ritual and Symbol*. London: Thames and Hudson Ltd, 1991.

MECLER, Ian. *O poder de realização da Cabala*. Editora São Paulo: Record, 2011.

PACHECO, Mario Galante: *Maçonaria. A indelével presença da cabala no REAA*. Porto Alegre: Editora Imprensa Livre, 2011.

RIBEIRO, João Guilherme C.: *Os Fios da Meada*. Rio de Janeiro: Editora Zit, 2007.

STEVENSON, David. *As Origens da Maçonaria: o século da Escócia, 1590 – 1710*. Trad. Marcos Malvezzi Leal. São Paulo: Madras, 2005.

ZELDIS, L. The Iconography of the Tracing Boards. *The Israeli Freemason Magazine*, 2014. Disponível em: <http://www.mastermason.com/fmisrael/tb.html>. Acesso em: 2017 jul. 2017.

FÉ E RAZÃO:

A liberdade de consciência na maçonaria e a religiosidade

(FAITH AND REASON:

Freedom of consciousness in freemasonry and religiosity)

Paulo Ferraz de Camargo Oliveira ¹

Resumo

Este artigo analisa a relação entre fé e razão na Maçonaria, com base nas práticas de tolerância e de liberdade de consciência preconizadas ao longo de sua formação institucional. Será adotada uma postura crítica com relação a tão proclamada passagem da chamada Maçonaria Operativa para a Maçonaria Especulativa, que se baseia na visão, há muito superada, de que o século XVIII teria rompido com o misticismo e as crenças antigas e encaminhado a humanidade em direção à luz. Tal reducionismo obscurece a complexidade das transformações pelas quais a Maçonaria passou e que envolvem tensão entre posturas religiosas e racionais.

Palavras-chaves: Maçonaria; Religiosidade; Razão; Liberdade.

Abstract

This paper analyses the relation between faith and reason in the Freemasonry, based on practices of tolerance and conscious freedom preconized through its institutional formation. It will be adopted a critical position regarding the so proclaimed passage from the Operative Freemasonry to the Speculative Freemasonry, based on the vision, so long overcome, that the 18th century would have broken down with the mysticism and old beliefs and routed the mankind towards the light. Such a reductionism clouds the complexity of the transformations that Freemasonry have faced and that involve the tension between religious attitudes rational ones.

Keywords: Freemasonry; Religiosity; Reason; Freedom.

¹ Paulo Ferraz de Camargo Oliveira é Bacharel em História pelo Departamento de História da FFLCH-USP, Mestre em Ciências no Programa de História Social pelo Departamento de História da FFLCH-USP.

E-mail: pauloferraz.canteirodosaber@gmail.com

1. Maçonaria e religião: breve visada histórica

Muito antes da Antiguidade, a vida profana se confundia com o sagrado. A partir da chamada Revolução Cognitiva, ocorrida há, aproximadamente, 50 mil anos, os humanos começaram a conferir significados para a realidade imediata que iam além do mundo material. Aqueles humanos antigos, então, passaram a simbolizar elementos de sua existência. Com isso, fenômenos naturais passaram a não ser apenas o resultado das forças da natureza agindo entre si, mas a manifestação de seres invisíveis, que interagiam neste mundo e, por vezes, controlavam os desígnios da humanidade. Assim, para muitos povos antigos, e também do presente, a vida seria regida pela vontade divina, manifestada por meio de eventos naturais e de acontecimentos das sociedades humanas que incluíam, entre outros, o mundo do trabalho.

É nesse sentido que é possível a compreensão da intensa relação estabelecida, na Idade Média da Europa central, tema de nossa atenção por ter sido o berço da Maçonaria, entre o trabalho e a espiritualidade, sobretudo por parte, no que diz respeito à história maçônica, da Ordem dos Templários e das corporações de ofício de construtores (NAUDON, 1964, p. 99 e ss.). Percebe-se nitidamente, nessas instituições, que o trabalho era marcado não apenas pelo caráter operativo (sua realização em si, como esquadrihar e cortar pedras, empilhar toras de madeira, trançar fios para fabricar cordas, ordenhar animais, cuidar das plantações, alimentar os animais, entre muitos outros), mas também por muita especulação (observações empíricas da natureza, investigações teóricas, realizações de cálculos, reflexões etc.).

Um dos exemplos mais paradigmáticos dessa relação, ou seja, dessa mistura entre operativo e especulativo pode ser visto na Regra Beneditina, estabelecida por São Bento de Núrsia no século VI. De acordo com seus 73 capítulos, as comunidades religiosas cistercienses deveriam ser fixas e contar com todos os meios necessários para sua sobrevivência. Os mosteiros, portanto, precisavam ser autossuficientes, de modo que se encontrem no seu interior todas as coisas necessárias, isto é, água, um moinho, um jardim, uma padaria e oficinas, para que se possa exercer no próprio interior do monastério os diversos ofícios, conforme o capítulo LXVI, versículos 6-7, da Règle de Saint Benoît (SCHMITZ, 2018, tradução do autor). A explicação para isso, neste caso, era a garantia do isolamento dos monges cistercienses, em linha com os preceitos da ordem monástica (JORGE, 2012, p. 39-40). Independentemente de suas origens históri-

cas, a Maçonaria também incorporou, como não poderia deixar de ser, a mistura do Operativo com o Especulativo, observada nas ações de solidariedade, na realização de cultos, nos deveres religiosos, na filantropia e na educação dos aprendizes, incluindo rituais de cunho religioso para a transmissão dos old charges. Entretanto, a peculiaridade da Maçonaria, em comparação com as demais corporações de ofício medievais, residiu na admissão dos chamados aceites, que incluíam, entre outros, alquimistas. Vale destacar que esses alquimistas, assim como os integrantes da Rosa Cruz aceites na Ordem maçônica do século XVIII, tiveram grande importância para a consolidação do caráter especulativo da Maçonaria, contribuindo para o aprofundamento dos estudos do que hoje chamamos de desenvolvimento interior, destinados para o trabalho reflexivo por parte dos maçons.

2. Os aceites

A liberdade de deslocamento concedida aos franco-maçons medievais os havia levado a formar laços com pessoas de diversas localidades, tecendo, assim, uma rede de proteção para os que se moviam de um local para outro. Adentrado o século XVIII, essa transição se completou, primeiro na Escócia, depois na Inglaterra, tendo contribuído para isso o declínio, ainda no século XVII, das corporações de ofício e das guildas, acompanhado pelo desenvolvimento e expansão de uma economia capitalista que levou a mudanças nos ritos de sociabilidade entre membros de distintos grupos sociais, em especial a pequena nobreza e a burguesia.

Como resultado da incorporação e ampliação dos aceites em seu meio, a Maçonaria oitocentista da Europa se constituiu como espaço de tensões e ambiguidades, na medida em que representava toda a configuração social do Antigo Regime – que teve na França seu mais alto grau de refinamento –, baseada na simbologia tradicional de hierarquia e condição social, ao mesmo tempo que construía as bases de uma sociedade que hoje pode ser definida, clara e inequivocamente, como democrática. Nesse sentido, Vieira lembra que a Grande Loja de Londres era dirigida nos seus primórdios por quatro nobres titulados, cinco fidalgos, cinco profissionais da classe média e cinco artesãos, sendo dois marmorários, um carpinteiro, um ferreiro e um pedreiro (VIEIRA, 1987, p. 199). Nas Lojas, os maçons disputavam o poder, debatiam ideias, concorriam de acordo com regras estabelecidas em leis e Constituições, elegiam seus repre-

sentantes por meio de votações, distribuíam funções de acordo com a ocupação que cada maçom tinha na administração da Loja, preconizavam o abandono das distinções profanas de status e riqueza e possuíam e valorizavam a liberdade de expressão, como bem apontou Margareth Jacob (JACOB, 1991, pp. 179-204). Em sua maioria, não se vinculavam ao Estado e a seus monarcas e aristocratas, o que lhes conferia um vasto espaço de manobra, fornecendo, desse modo, uma alternativa viável à Igreja e ao Estado, ainda que não estivesse livre de conflitos e cisões.

Como contraponto a essas transformações em curso, lembremos que, nessa mesma época, a França era governada por um dos mais significativos reis absolutistas da Europa e as monarquias ibéricas seguravam-se como podiam nas antigas, e já cambaleantes, estruturas administrativas coloniais calcadas no Antigo Regime, com suas mercês e concessões de títulos nobiliárquicos como formas de distribuição de privilégios as quais visavam facilitar a dominação das possessões ultramarinas. Porém, chegando o século XVIII, praticamente toda a Europa já contava com suas Lojas maçônicas. Só em Paris havia 10 mil maçons na década de 1770, para uma população estimada em 600 mil habitantes. Para efeitos de comparação, é como se houvesse, atualmente, 250 mil maçons só na capital paulista – o número real em 2019 beira um décimo dessa cifra.

No século seguinte, a Maçonaria europeia foi marcada por ideias progressistas que visavam à construção de uma fraternidade entre os maçons que fosse universal, viés este que seria gradualmente abandonado ao longo do século XX, diante da crescente crítica aos modelos alternativos de sociedades, em especial os de natureza progressista, como o comunismo e os socialismos (utópico e científico). Apesar desse retrocesso reformista da Maçonaria ocorrido na passagem do século XIX para o XX, um marco renovador que perdurou foi a liberdade de culto concedida a todos os seus integrantes, respaldada pela criação e inserção de símbolos, lendas e mitos que, conforme afirmou o Grande Orador do Supremo Conselho da França em um pronunciamento realizado no começo dos anos 2000, tornou a Maçonaria, em especial o Rito Escocês Antigo e Aceito, livre do reducionismo e aberta à multiplicidade de interpretações, até mesmo opostas entre si (ICHER, 2004).

3. Espiritualidade no REAA

A forte carga simbólica do REAA foi criada em um momento em que a espiritualidade europeia ainda não havia saído, de maneira ampla, dos domínios das religiões católica e protestante, o que explica o fato de a Bíblia ter sido a inspiração para essa construção. Esse cenário começou a ser mudado ao longo da segunda metade do século XVIII, com a inserção do hermetismo, do gnosticismo, do misticismo, da cabala e da Rosa Cruz. No século seguinte, fé e razão começavam a ter suas fronteiras sendo bastante bem definidas, com o crescimento do pensamento laico e do materialismo, em especial entre as camadas cultas. Esse cenário colocou em confronto o tradicionalismo das chamadas religiões do Livro e a espiritualidade filosófica e ampla.

O clima de contestação espiritual chegou à Maçonaria e instigou o que ficou conhecido como a Querela do Grande Arquiteto do Universo. Em 1872, Lojas da Bélgica, e depois em 1877, na França, deixaram de obrigar que os trabalhos fossem dedicados à Glória do Grande Arquiteto do Universo. Diante desse impasse, lideranças do Supremo Conselho da França, na Convenção de Lausanne, de 1875, decidiram pela universalização do tratamento destinado ao Grande Arquiteto do Universo, em vez de limitá-lo ao Deus das religiões, referindo-se a Ele como Criador Supremo, Princípio Criador e Força Superior – lembremos de muitas outras denominações como Deus, Essência Divina, Causa Primeira, Eterno, Ser Supremo, Consciência Ilimitada, Energia, Poder Universal, Natureza Original, Verdade Final, Amor, Perfeição, Luz. Desenvolvia-se, desse modo, o princípio da Liberdade Absoluta de Consciência. Contudo, a decisão tomada em Lausanne não pacificou os ânimos e gerou novas polêmicas que perduram (ICHER, 2004).

A falta de concórdia derivada das medidas adotadas em Lausanne pode ser melhor explicada se forem observadas as particularidades das Maçonarias francesa, também conhecida como Maçonaria Liberal (Grande Oriente da França), e inglesa, chamada de Maçonaria Regular (Grande Loja Unida da Inglaterra): a primeira, praticada na França e no continente europeu, foi marcada pelas transformações trazidas pelo iluminismo e pela Revolução Francesa que defendiam os direitos como algo intrínseco aos homens, acima de qualquer crença religiosa; a segunda, caracterizada pela tradição e por uma monarquia conservadora. Os lemas de cada uma dessas maçonarias revelam essas diferenças conceituais: "Liberdade, igualdade e frater-

nidade" (França) e "Sabedoria-Força-Beleza", que nos EUA se tornaria "Fraternidade, Auxílio e Verdade".

Em 1961, essas diferenças seriam retomadas e aprofundadas. Nesse ano, o Grande Oriente da França e potências liberais fundaram o Centro de Ligação e de Informação das Potências Maçônicas Signatárias do Apelo de Estrasburgo (Clipsas), do qual decorreu a liberdade para as Lojas de: utilizarem ou não a Bíblia; saudarem ou não o Grande Arquiteto do Universo; iniciarem mesmo os que não acreditam na imortalidade da alma; aceitarem ou não ateus; incorporarem pessoas portadoras de deficiências físicas; interpretar livremente a simbologia maçônica; e debaterem sobre política e religião.

Disputas ideológicas de natureza espiritual à parte, a decisão manifestada na Convenção de Lausanne vai em linha com os preceitos filosófico-iniciáticos da Maçonaria, manifestados no próprio Rito Escocês Antigo e Aceito (REAA), de uma proposta de retorno a si mesmo ainda antes da cerimônia de Iniciação e, sobretudo, ao longo desta. Esse giro ontológico, essa guinada para dentro, exige do neófito, seguindo a própria ritualística, um esforço intelectual, a instrumentalização de uma razão a serviço de uma busca espiritual. Surge, daí, a necessidade de questionarmos o dualismo tão conclamado nos estudos dos séculos XVIII e XIX feitos sob a perspectiva da industrialização e modernização, a qual opõe, de um lado, a fé, e de outro, a razão. Apesar do inegável industrialismo e dos avanços técnico-científicos promovidos durante esse período, os quais a partir de 1789 vão se juntar ao radicalismo político, jacobino ou não, esse período também deve ser lembrado como o do surgimento de muitas ideias e atitudes que buscavam no além respostas para os dramas e as dúvidas de muitas pessoas.

Por toda a Europa, a partir de meados do século XIX, intensificou-se a procura pelo sobrenatural e místico, que visava obter respostas para problemas que o crescente incremento tecnológico e o desenvolvimento industrial não eram capazes de dar. Assim, milhares de pessoas procuravam no além a resposta para suas angústias pessoais, além de contatos com os mortos, ações que podiam ser atendidas não por meio das tecnologias industriais, mas pelo misticismo. Mesas volantes, gurus espirituais, práticas que se diziam vir do Oriente, novas concepções filosófico-religiosas e

clubes místicos se espalhavam por todo o continente europeu (OLIVEIRA, 2019, pp. 28-29).

Concluimos, desse modo, que nenhuma época histórica deve ser analisada sob o prisma de categorizações amplas que promovam restrições ou alargamentos conceituais que estejam descolados do cotidiano daqueles que o viveram.

4. Maçonaria no Brasil: tensões com a Igreja católica e o despertar da razão

Ainda no século XVIII, a Maçonaria chegava à América portuguesa, acompanhada de seus opositores, que acusavam seus membros de incitarem complôs, atos maldosos e sedições, mesmo tendo em vista que o segundo ordenamento das Constituições de Anderson proibisse os maçons de se envolverem em conspirações (VIEIRA, 1987, p. 199).

Um Maçom é uma Pessoa pacífica perante os Poderes Civis, onde quer que resida ou trabalhe, e jamais deverá se envolver em Conjuras ou Conspirações contra a Paz e o Bem-estar da Nação, nem faltar a seus deveres perante os Magistrados inferiores (ANDERSON, 1982, p. 50).

Apesar dessa exigência colocada por Anderson, em acordo com Jean Théophile Desaguliers, no século seguinte essas imagens ligadas a ideia de complô ganharam força, incitadas pela produção e circulação de textos antimaçônicos (BARATA, 2006, p. 127). Ainda nos seus primórdios como organização efetiva e centralizada, a Maçonaria já levava o papa Clemente XII a emitir em 1738a Constituição Apostólica *In Eminentia postolatus specula*, a primeira condenação católica formal à Maçonaria, motivado pelo incentivo que esta dava à reunião de homens de diferentes credos e pela manutenção de segredos entre maçons – mas isso não foi uma novidade, pois governos europeus já haviam feito o mesmo na Holanda, em Genebra, na França, na Suécia e em Hamburgo. Tal proibição foi reiterada em 1751, pela bula papal *Providas romanorum pontificum*, de Benedito XIV.

Em Portugal, suspeitos de heresia, os maçons eram acusados de serem maus católicos e maus vassallos e deveriam ser denunciados à Santa Inquisição,

freando a expansão da Ordem. Essa associação entre más posturas como crentes e súditos se explica pelo caráter dual que a Inquisição adotou em Portugal a partir do século XVIII até 1821, quando foi extinta. Ciosa por justificar sua existência após a proibição de perseguir cristãos-novos, os inquisidores foram em busca dos “crimes de pensamento”, que incluíam os maçons. Assim, na época da Revolução Francesa, um mal cristão também era considerado um mal súdito, um inimigo do Estado (BARATA, 2006, p. 139). Por isso, diante da ameaça ao poder monárquico em uma Europa convulsionada pelos ideais libertários, todo comportamento suspeito era passível de perseguição e condenação – apesar de todo esse clima persecutório, a entrada de clérigos na Maçonaria não foi impedida. No início do século XIX, com o crescimento da Maçonaria em Portugal e no Brasil, aumentava também o temor de que os maçons pudessem estar em conluio com os invasores franceses e planejar a queda da monarquia portuguesa. Dava-se, portanto, a junção de maçons como hereges e conspiradores. A lenda negra tomava forma, alimentada pelas associações entre Lojas e revolucionários na França de 1789.

Associar a maçonaria a uma “seita” conspiratória que objetivava a destruição dos “tronos e dos altares” era uma forma de colocar ordem no caos. Era um método de encontrar uma resposta para as profundas mudanças vivenciadas na virada do século XVIII para o século XIX (BARATA, 2006, p. 164).

No mundo luso-brasileiro, seguiam as condenações. A Maçonaria era vista como organização dedicada à dominação mundial. E, assim, a “narrativa do complô” ganhava força no mundo luso-brasileiro.

[...] Estava guardado para nós o sermos testemunhas da maior perseguição, que nunca padeceu a Igreja de Deus, e toda excitada, e fomentada pelos Pedreiros-Livres!!! E querem estes miseráveis, que não estremeçamos, só de lhes ouvirmos o nome! Era necessário que deixássemos de ser Católicos, e que perdêssemos todo o cuidado, e interesse pelas coisas de Deus, para que fizéssemos a vista grossa ao maior Labéu da nação Portuguesa. Franco-Maçom é uma espécie de D. Quixote, ou Cavaleiro andante de Constituições, assim

como o herói de Cervantes o era das formosas Dulcineias. Franco-Maçom é uma toupeira com semblante humano, que está ocupada sempre em minar, e escavar, e ainda que veja o poder do mundo a cair-lhe em cima, nem por isso tomará juízo, ou se fará mais comedido. Franco-Maçom é um aborto na classe dos seres racionais, pois se nutre de estragos, e ruínas, e antes quereria ver como Nero incendiada, ou arrasada uma Cidade inteira, do que ver desmentido um só ápice das suas enturradas teorias. Franco-Maçom é um desalmado, que está pronto a envenenar seu próprio Pai, quando seja necessário para os interesses da Seita!!! Ser Franco-Maçom, ou Pedreiro-Livre, é estar sempre em guerra com os seus concidadãos, maquinando contra tudo o que eles mais amam, e respeitam. Ser Franco-Maçom é ser tudo quanto é mau, é quebrar sem pejo os laços mais fortes da vida social, e viver disposto a zombar de todas as Leis, e de todas as autoridades. Ser Franco-Maçom é presumir de saber mais que Nosso Senhor Jesus Cristo, é querer emendar-lhe a mão, e instituir coisa melhor, que a o Evangelho!!! Tudo isto ainda não é nada para o que eles merecem, e creio que será impossível às forças humanas definir exatamente um só pedreiro!!! São eles com efeito os que realizam a adivinha. – Quanto mais se lhe tira maior é. Por mais que se diga, e torne a dizer, sempre fica muito, e muito que arranhar, pois a matéria é inesgotável, dá para tudo, e para todos a fartar (SÃO BOA-VENTURA, 1824).

Ainda em 1809, a Imprensa Régia de Portugal publicou a primeira obra antimaçônica autorizada a circular no Brasil, intitulada Os Pedreiros-Livres, e os Iluminados, Que mais Propriamente se deverião denominar os Tenebrosos, De cujas Seitas se tem formado a Pestilencial Irmandade, a que hoje se chama Jacobinismo. Nela, seu autor aproxima a Maçonaria aos Iluminatti bávaros, para expor os objetivos dessas instituições: a subversão do Trono e do Altar. Esse tipo de publicação só aumentaria nos anos seguintes, até atingir seu ápice na década de 1820, como resultado das disputas políticas em torno das Cortes de Lisboa, da independência do Brasil e das disputas pelo trono português entre D. Miguel e D. João VI, momentos de crise institucional em Portugal e também no Brasil (BARATA, 2006, p. 168).

Já no Segundo Reinado, crescia o clamor das elites sociais do país, veiculadas por setores da imprensa, em favor da modernização do país. O progresso era o grande objetivo ao qual se ansiava. Com base na observação da realidade nacional, muitos concluíram que o Brasil só poderia se modernizar pela ajuda dos protestantes, uma vez que foram eles os grandes responsáveis por muitas obras de infraestrutura iniciadas na segunda metade do século. Disso, concluía-se, por contraposição, que o catolicismo, manifestado pela Igreja, representava o retrocesso, o obstáculo a ser superado. Desse modo, não surpreende a adesão de muitos maçons aos protestantes, em apoio à imigração de pessoas vindas de países protestantes, como Suíça, Alemanha, Inglaterra, Irlanda, Escócia e, em especial, dos estados Confederados que perderam a Guerra de Secessão nos Estados Unidos (VIEIRA, 1987, p. 207). A diáde Maçonaria/complô seguiria firme ao longo do século XX, como ocorreu em Pernambuco, com o acirramento da Igreja católica ao lado de setores da imprensa, tendo à frente o influente jornal A Tribuna. Como resposta a esses ataques, a Maçonaria pernambucana ampliou suas ações efetivas (fundação de escolas, bibliotecas públicas, clubes de leitura, entre outras) com forte teor anticlerical (COELHO, 2016, p. 70-72).

Ao longo do todo o século XIX, a Maçonaria brasileira se viu às voltas com cisões e influências externas. Uma sucessão de Grandes Orientes, apoiados por instituições maçônicas europeias de países como França, Inglaterra, Portugal e Bélgica, começou a ocorrer a partir de 1831, com a fundação do Grande Oriente Brasileiro, dividindo a cena local com o já criado Grande Oriente do Brasil, de 1822. A uma sequência de eventos ora favoráveis, ora contrários às Lojas maçônicas brasileiras, foi instaurada uma crise no seio da monarquia de D. Pedro II, com a chamada Questão Religiosa, nos anos 1870, na qual dois bispos da Igreja católica decidiram enfrentar a Maçonaria. Poucos anos antes desse ocorrido, buscando modificar a situação da Igreja no Brasil, o papado de Pio IX publicou a encíclica *Quanta cura* (1864) e seu anexo, *Sílabo de Erros*, este último atacando a Maçonaria brasileira.

Um dos resultados da Questão Religiosa foi o incremento de grupos concorrentes do catolicismo, como o protestantismo, o positivismo e o espiritismo (MATOS, 2011, p. 7), que se juntaram ao republicanismo e à Maçonaria, reforçando o programa liberal (registro civil de nascimentos, casamentos e óbitos,

laicização dos cemitérios, Lei do Ventre Livre, projetos educacionais para adultos, reforma do sistema de ensino e abolição gradual da escravidão) até que, por fim, foi feita a separação do Estado e da Igreja pelo Decreto n. 119-A, de 7 de janeiro de 1890, confirmada pela Constituição de 1891. Essa separação já vinha sendo intensamente debatida no seio maçônico, entre o Grande Oriente dos Beneditinos (criado em 1863 como dissidência do Grande Oriente do Brasil) e o Grande Oriente do Lavrado que eram, respectiva e sinteticamente, a favore contrário a essa separação.

Diante da laicização do Estado brasileiro, a Igreja católica adotou novas medidas e reformou suas estruturas, formando dioceses, arquidioceses e seminários, incentivou a vinda de religiosos estrangeiros e reforçou sua oposição à Maçonaria e outros grupos (MATOS, 2011, p. 13).

A criação do decreto de 1890, contudo, não levou ao abandono de práticas religiosas e ao aumento da secularização, mas deu as condições para que o contrário acontecesse, ao resultar na ampliação de outras práticas religiosas que não a católica e na busca por autonomia e legitimação de outras crenças em termos de manifestação pública. A liberdade de culto foi, então, consolidada para que as práticas antes tidas como feitiçarias, curandeirismos e batuques se organizassem como religiões, incluindo o espiritismo, de origem francesa (SILVA, 2010, p. 2) e praticada, em boa parte, por membros das classes médias urbanas. Aquele espírito progressista que animara a Maçonaria europeia do século XIX também pôde ser visto no Brasil na virada para o século XX. Em sua análise feita sobre a Maçonaria cearense, Marcos José Diniz Silva chama a atenção para a construção de um espaço maçônico em que as ideias espíritas e teosóficas tiveram campo fértil para germinar em confronto com o tradicionalismo católico.

Silva lembra que essa doutrina espiritual se respaldava na "fé racional", ao lado do avanço do positivismo e do evolucionismo entre as camadas mais letradas e liberais da sociedade imperial, em contraposição à crescente romanização da Igreja católica contrária às modernizações de costumes, dinâmica já exposta por Silva (SILVA, 2010, p. 5). Portanto, assim como Margareth Jacob considerou a Maçonaria europeia como local de embates entre o tradicionalismo do Antigo Regime e o constitucionalismo de caráter democrático, podemos arriscar uma hipótese que sustenta a ideia do surgimento de um outro arco de tensão na Maçonaria brasileira: de um lado, a ritualística

calcada na simbologia católica de base bíblica e, de outro, a adesão de maçons ao espiritismo kardecista, como ocorrera no Ceará, como parte dos esforços racionalistas típicos da Ordem maçônica.

Se a oposição da Igreja católica gerou uma resposta de igual intensidade e de sentido contrário por parte do Grande Oriente da França a partir de 1877, seguido por outros países, no Brasil essa resposta não foi tão intensa.

Essa “religião natural” maçônica conservando elementos esotéricos das tradições e Mistérios Antigos, aos quais se acrescentaram pressupostos racionalistas, positivistas e evolucionistas dos séculos XVIII e XIX, configurou com o Espiritismo e a Teosofia, promovida pela Sociedade Teosófica, uma grande corrente moderno-espiritualista (SILVA, 2010, p. 7).

No Brasil do começo da República, os maçons, ao menos no Ceará, partilhavam crenças comuns ao espiritismo e à teosofia, assentadas

[...] nos seguintes fundamentos: (a) difusão da antiga lei dos renascimentos sucessivos (reencarnação); (b) evolução espiritual; (c) evolução planetário-cósmica; (d) possibilidade de comunicação entre os vivos e os mortos (mediunidade); (e) aliança entre religião e ciência; (f) complementaridade entre todas as crenças religiosas, fundada na unidade das leis divinas; (g) a defesa e a prática da liberdade, da fraternidade e da solidariedade entre todos os povos, crenças e raças (SILVA, 2010, p. 11).

Podemos enfatizar os itens b) e g) como sendo os mais maçônicos, ainda que não os únicos, entre os citados. Do conjunto desses itens, inferimos o nítido caráter teleológico do Espiritismo e da Teosofia, ambos defendendo a ideia de que a humanidade caminharia rumo à evolução, a qual culminaria no encontro com Deus. Esse tipo de proposição é típica do século XIX, durante o qual doutrinas políticas, como o marxismo (que desposava a religiosidade e afirmava seu materialismo), asseguravam que a história humana é a história da evolução (neste caso, o ponto áureo seria a revolução do proletariado e a abolição do Estado). Muitas outras proposições seguiam pela mes-

ma vereda, tais como as ideias de Alfred Russel Wallace e de Charles Darwin sobre a evolução da vida, que contribuíram intensamente para o fortalecimento do pensamento teleológico, o qual gerou proposições como as de Herbert Spencer (sobrevivência das sociedades mais fortes), o darwinismo social e a antropologia criminal evolucionista de Cesare Lombroso.

5. A resolução da tensão entre fé e razão na Maçonaria

A Maçonaria não esteve alheia às influências do pensamento teleológico que dominava as mentes europeias desde o século XVIII e também orientou seus adeptos no sentido de uma prática que misturava racionalismo e religiosidade/espiritualidade, sempre em busca da construção de uma sociedade melhor e mais evoluída, por meio do trabalho de autoconhecimento de cada maçom.

Para dar conta da pluralidade de crenças religiosas e filosóficas dos maçons, os diversos ritos surgidos desde o século XVIII incorporaram em seus rituais e ensinamentos uma forte carga simbólica, a ser decodificada pelos maçons conforme suas crenças. Vale lembrar que o primeiro ordenamento da Constituição de Anderson, de 1723, formulada sob liderança do conde de Montagu poucos anos após a criação da Grande Loja da Inglaterra – recentemente, afirma-se que a Grande Loja foi fundada em 1721 e não em 1717 –, já principiava o caráter ecumênico, ainda que restrito às religiões cristãs – os judeus só seriam aceitos no final do século (VIEIRA, 1987, p. 199) –, da Maçonaria inglesa:

Um Maçom é obrigado, por sua Condição, a obedecer à Lei moral; e se compreende bem a Arte, não será jamais um Ateu estúpido, nem um Libertino irreligioso. Mas se bem que nos Tempos antigos os Maçons fossem obrigados em cada País a ser da Religião, qualquer que fosse, desse País ou dessa Nação, contudo é considerado mais conveniente de somente os sujeitar àquela Religião sobre a qual todos os Homens estão de acordo, deixando a cada um suas próprias Opiniões; isto é, serem Homens de bem e leais, ou Homens de Honra e de Probidade, quaisquer que sejam as Denominações ou Confissões que os possam distinguir; pelo que a Maçonaria se torna o Centro de União, e o Meio de firmar uma

Amizade sincera entre Pessoas que teriam ficado perpetuamente Distanciadas (ANDERSON, 1982, p. 50).

A dicotomia fé e razão remonta à Antiguidade grega, cujas narrativas mitológicas dariam conta de uma suposta verdade que estaria além da compreensão humana e, por isso, inegável, uma vez que pertenceria ao mundo dos deuses e titãs – de acordo com alguns autores, seus mitos não estariam desprovidos de racionalidade e, seguindo esse pressuposto, a filosofia teria surgido da depuração desses mitos, assunto, evidentemente, para muitos debates.

Chegada a Idade Média, período cronológico que começa a dizer respeito mais diretamente à Maçonaria, a religião (que substituiu os mitos gregos) e a filosofia se imiscuíram. Santo Agostinho e São Tomás de Aquino foram, sem dúvida, os nomes mais influentes desse processo de amalgamação. Ao ter se dedicado ao mundo das ideias, Platão foi, então, reinterpretado pelo bispo de Hipona para ser conformado às ideias cristãs baseadas, sobretudo, na contemplação de Deus. Ainda na visão do santo, Platão seria o responsável pela preparação das almas das pessoas para que pudessem receber o cristianismo. Nesse momento incipiente de formação da Igreja, a fé imperava sobre a razão. Tomás de Aquino, por sua vez, procurou equilibrar fé e razão no pensamento cristão medieval, de forma que a razão, a lógica e o empirismo estivessem a serviço da comprovação da existência divina, valorizando o mundo material, ao contrário do pensamento agostiniano – daí a influência de Aristóteles no pensamento de Aquino. A razão, aqui, deve ser mobilizada para demonstrar e organizar os mistérios da fé. Portanto, a verdade poderia ser buscada tanto pela razão quanto pela fé – a primeira fornecida pela filosofia; a segunda, pela religião.

Já no Renascimento, o pensamento contra a fé sem limites, que não aceita as explicações racionais, tomava vulto e se materializava das mais distintas maneiras: nas artes, na ciência, na literatura e na própria filosofia. Séculos depois, o iluminismo aprofundaria essas críticas, sem negar, em sua totalidade, Deus ou a religião cristã. Nesse equilíbrio entre fé e razão, o ideário iluminista pautou-se, em grande parte, pela ideia da evolução constante rumo à perfeição e ao progresso contínuo e irrefreável construído por meio das habilidades humanas. Nesse sentido, o iluminismo acabou por criar uma nova crença: a fé na modernidade e no progresso. No século XIX, em plena

modernidade, o sobrenatural, como já foi mencionado, assumia – cabe indagar se algum dia deixou de assumir – protagonismo diante de muitas questões para as quais a ciência não tinha respostas. Foi nesse período que a Maçonaria, já consolidada na forma como a conhecemos hoje, reforçou suas estruturas políticas, administrativas e também filosóficas.

Preservando a condição de que um maçom deve crer em uma força superior, e não apenas no Deus dos cristãos, a Maçonaria pôde germinar entre adeptos de distintas crenças religiosas, processo que se estendeu ao longo de todo o século XX. Essa confluência fica clara no documento publicado em 1987 pelo Supremo Conselho do Grau 33 do Rito Escocês Antigo e Aceito da Jurisdição Sul dos EUA (SUPREMO, 1987), no qual eminentes maçons, de diferentes religiões, manifestaram-se a esse respeito:

Algumas palavras de introdução.

Por Christian Frederick Kleinknecht Jr., 33o – Soberano Grande Comandante

[...] Todo Maçom deve acreditar em um Ser Supremo. [...]

A Maçonaria sempre recebeu homens de todas as fés e crenças religiosas, para adentrar em suas portas. O único requisito é que sejam homens bons, que acreditem no Supremo Arquiteto e na imortalidade da alma. [...] a Maçonaria trabalha para melhorar os bons homens, construindo dentro de cada Irmão do Craft, um Templo de boas obras e realizações éticas.

[...] A Maçonaria, portanto, congratula-se com suas fileiras de cristãos, judeus, muçulmanos, budistas e todos os homens bons de qualquer religião que realmente aspiram a viver de acordo com a vontade do Criador.

[...]

O que maçonaria significa para mim.

Por Reverendo Dr. Norman Vincent Peale, 33o.

A maçonaria não é uma religião, porém, na minha experiência, os maçons são predominantemente homens religiosos e, em sua maior parte, da fé cristã. Através da Maçonaria, no entanto, tive a oportunidade de compartilhar o pão com homens bons, além da minha fé cristã. A Maçonaria não promove nenhum credo religioso. To-

dos os maçons acreditam na Deidade, sem reservas. No entanto, a Maçonaria não faz exigências sobre como um membro deve pensar no Grande Arquiteto do Universo. A Maçonaria é, para todos os seus membros, um suplemento à vida boa, que elevou a vida de milhões de pessoas que entraram em suas portas. Embora não seja uma religião, como tal, ela complementa a fé em Deus, o Criador. É o apoio da moral e da virtude.

A maçonaria não tem dogma nem teologia. Não oferece sacramentos. Ensina que é importante para cada homem ter uma religião de sua própria escolha e ser fiel a ela em pensamento e ação. Como resultado, homens de 4 diferentes religiões podem se encontrar em comunhão e fraternidade sob a paternidade de Deus. Eu acho que um bom Maçom se torna ainda mais fiel aos princípios de sua fé, por sua participação na Loja.

[...]

Um maçom sem apologia.

Por Bispo Carl. J. Sanders, 32o, K\ C\C\ H\ – Igreja Metodista Unida, Alabama

Deixe-me rápida e enfaticamente dizer que a Maçonaria não é e nunca foi uma religião; no entanto, a Maçonaria sempre foi amiga e aliada da religião. Em 50 anos como ministro e como maçom, não encontrei conflito entre minhas crenças maçônicas e minha fé cristã. Não encontrei e não acho que a Maçonaria seja “incompatível com a fé e as práticas cristãs”.

[...]

Minhas atividades maçônicas nunca interferiram em minha lealdade e meu amor pela minha Igreja. Muito pelo contrário, minha lealdade à minha Igreja foi fortalecida pelos meus laços maçônicos. Os bons maçons são bons homens religiosos.

[...]

Eu tenho orgulho de ser maçom.

Por Rabino Seymour Atlas, 32o, K\ C\C\ H\ – Sinagoga Beth Judah, Nova Jersey

[...] a Maçonaria não é um substituto da religião, nem é uma religião.

[...]

Maçonaria e Religião.

Por Reverendo Dr. W. Kenneth Lyons Jr., 32o, K\ C\C\ H\

[...] O rito escocês e a maçonaria da Loja simbólica nunca inferiram nem declararam que seus edifícios deveriam ser casas de culto, mas lugares onde a religião de todos os homens seria igualmente respeitada e a perseguição com as crenças religiosas não seria tolerada. [grifos do autor]

Se ainda restam dúvidas quanto ao caráter filosófico-religioso da Maçonaria, em especial do REAA, fiquemos com as palavras de Max Icher:

Ela é uma busca, uma meditação e uma aventura pessoal conduzidos num plano tradicional que indica uma orientação de pesquisa mas não exatamente a origem desta pesquisa. Aqui, a prática ritualística não é cultural ou sacramental mas ajuda a distinguir o mundo profano do mundo sagrado e a facilitar a passagem de um ao outro; o seu simbolismo só pode ser visto numa iniciação e como um suporte de uma reflexão meditativa. Ela não reclama nenhuma crença preliminar, mas somente uma disposição que possa responder a um apelo interior e uma tenacidade a querer acompanhar tão longe e por quanto tempo for necessário para lhe permitir desabrochar. Ela não repousa sobre nenhuma afirmação teórica ou formulação dogmática concernente às Verdades as quais convém subscrever, mas implica a prática efetiva de um percurso, prova iniciática em direção a uma “realidade” cuja presença irá revelar-se ao coração, ao centro da pessoa.

[...]

Independente de uma revelação divina, de uma doutrina filosófica ou religiosa, de uma devoção a uma entidade divina, um profeta ou um guru, o caminho espiritual do Rito Escocês Antigo e Aceito é verdadeiramente universalista porque ele não impõe nenhum pré-requisito ideológico. Dirigido para o existencial, repousa sobre uma Fé no Homem, no sentido de uma confiança na sua perfectibilidade, na sua capacidade e discernimento e na sua faculdade de despertar todas as suas potencialidades: sensitiva, psicológica, intelectual, cognitiva, intuitiva e espiritual (ICHER, 2004).

6. Conclusões

O acirramento do conflito entre Igreja e Maçonaria pode ser reconstruído a partir do advento da chamada Maçonaria Especulativa de cunho iluminista, iniciado no século XVIII, rumo a criação de uma organização filosófico-racionalista, com base nos antigos mistérios e harmonizada com as religiões monoteístas de seus integrantes.

Por sua vez, poderíamos concluir também que a polissemia da simbologia maçônica é menos uma fuga fácil de disputas e discussões religiosas dentro das Lojas, do que uma forma eficaz, racional e libertária de incorporação dessas mais variadas crenças e filosofias, fornecida pela pluralidade de interpretações possíveis aos seus símbolos e narrativas simbólicas. A famosa inscrição do Templo de Delfos, na Grécia Antiga, Conhece-te a ti mesmo, muitas vezes atribuída a Sócrates, é um exemplo paradigmático do pensamento clássico antigo e está associada ao enaltecimento da razão e do movimento filosófico e intelectual de autodepuração do indivíduo. Ela é também o título da Introdução da Carta Encíclica sobre as relações entre fé e razão, do papa João Paulo II – lembrando que, aqui, a visada católica se justifica pela busca da verdade plena, que somente pode ser manifestada por Deus (PAULO II, 1999, p. 8). Nesse documento, o papa esclarece que a crença na verdade revelada pela fé está além da compreensão humana, o que a torna dogmática e inquestionável.

Podemos concluir, portanto, que a fé é construída de forma coletiva, mas, ao fim e ao cabo, cala fundo na alma de cada crente, de maneira individual. Por sua vez, a verdade descoberta pela razão está sujeita a questionamentos, experimentações e repetições. Caberia, então, a cada maçom estabelecer um equilíbrio entre esses dois polos. Assim sendo, a liberdade de consciência é fundamental para que os maçons, em consonância com a natureza filosófico-inicática do REAA, possam desenvolver seu longo, e infundável, trabalho de desbastamento interior, uma vez que a liberdade é a falta de entraves, a ausência de bloqueios coercitivos, ainda que possa trazer em si o germe da dúvida, a angústia da liberdade, em uma parente paradoxo. O paradoxo é apenas aparente porque a angústia deriva da imobilização, da incapacidade de se conhecer e reconhecer suas potencialidades e limitações. Sendo a consciência a capacidade inerente ao ser humano de perceber sua realidade imediata (exterior) e a si próprio (interior), ela, associ-

ada à liberdade, é o que deveria mover os maçons em busca de suas conquistas espirituais, sejam elas quais forem.

7. Referências bibliográficas

ANDERSON, James. *As Constituições dos Franco-Maçons de 1723 ou Constituições de Anderson*. Trad. e introd. João Nery Guimarães. São Paulo: A Fraternidade, 1982. p. 50.

AZEVEDO, Celia M. Marinho de. Maçonaria: história e historiografia. *Revista USP*, São Paulo, v. 32, p. 178-189, dez./fev. 1996-97.

BARATA, Alexandre Mansur. *Maçonaria, sociabilidade ilustrada e independência do Brasil 1790-1822*. Juiz de Fora: Ed. UFJF; São Paulo: Annablume, 2006.

COELHO, Claudio Marcio. *Religião e História. Em nome do Pai: Gilberto Freyre e Casa-Grande & Senzala, um projeto político salvífico para o Brasil (1906-1933)? Tese de doutorado* apresentada ao Programa de Pós-graduação em História do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo, 2016.

GRANDE ORIENTE DE SÃO PAULO. *Origem*. Disponível em: <<http://gosp.org.br/maconaria/origem/>>. Acesso em: 6 abr. 2019.

GRANDE ORIENTE DO BRASIL. *O que é a Maçonaria?* Disponível em: <<https://www.gob.org.br/o-que-e-a-maconaria/>>. Acesso em: 23 fev. 2019.

GRANDE ORIENTE PAULISTA. *Ritual de Aprendiz Maçom*. Rio Escocês Antigo e Aceito. GOP: São Paulo, 2002.

ICHER, Max. *A espiritualidade do Rito Escocês Antigo e Aceito*. Trad. MoizHalfon. *O Malhete*, 2004. Disponível em: <<https://omalhete.blogspot.com/2019/02/a-espiritualidade-do-rito-escoces.html?m=0>>. Acesso em: 23 fev. 2019.

JACOB, Margaret C. *Living the Enlightenment. Freemasonry and politics in eighteenth-century Europe*. New York: Oxford University Press, 1991.

JORGE, Virgolino Ferreira. Os cistercienses e a água. *Revista Portuguesa de História*, Coimbra, t. XVIII, pp. 35-69, 2012.

MATOS, Alderi Souza de. *Breve história do protestantismo no Brasil*. Vox Faífae: Revista de Teologia da Faculdade FASSEB, Goiânia, v. 3, n. 1, p. 1-26, 2011.

NAUDON, Paul. *Les origines religieuses et corporati-*

ves de La franc-maçonnerie. Nouvelle édition entièrement fondue. Paris: Dervy-Livres, 1964.

OLIVEIRA, Paulo Ferraz de Camargo. *Leituras da História*, São Paulo, v. 122, pp. 26-34, 2019.

PAULO II, João. *Carta encíclica sobre as relações entre fé e razão*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.

SÃO BOAVENTURA, Fortunato. *O Mastigóforo, Prospecto de hum Diccionario das Palavras e Frazes Maçonicas*. Lisboa, 1824. Verbete Franc-Maçon ou Pedreiro-Livre.

SCHMITZ, Philibert. Règle de Saint Benoît. Revue et annotée à partir de la traduction de Philibert Schmitz de la même abbaye. [ed. digital].

SILVA, Marcos José Diniz. República e "religião social": maçons, espíritas e teosofistas no espaço público cearense. *Revista de História e Estudos Culturais*, v. 7, n. 3, p. 1-20, set./out./nov./dez. 2010.

SUPREMO CONSELHO DO GRAU 33, DO RITO ESCOCÊS ANTIGO E ACEITO DA JURISDIÇÃO SUL DOS EUA. Maçonaria e religião – Uma publicação do Supremo Conselho do Grau 33 do REAA (Mãe do Mundo). 1987. In: *O Prumo de Hiram*, 4 jun. 2017. Disponível em: <<https://www.oprumodehiram.com.br/maconaria-e-religiao-uma-publicacao-do-supremo-conselho-do-grau-33-do-reea-mae-do-mundo/>>. Acesso em: 6 abr. 2019.

VIEIRA, David Gueiros. O Liberalismo, a Maçonaria e o Protestantismo no Brasil no Século Dezenove. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 27, n. 3, pp. 195-217, 1987.

**UMA QUESTÃO POLARIZADA NAS MÍDIAS SOCIAIS:
Discursos sobre a iniciação de mulheres na maçonaria**
(IS FREEMASONRY ONLY FOR MAN? A polarized issue in social media)

Diego Mota ¹

Cloves Gregório Chaves Filho ²

Resumo

O artigo analisa os posicionamentos de sujeitos nas mídias sociais diante de publicações que discutem o tema mulheres na maçonaria. Usando o aporte metodológico do discurso do sujeito coletivo, o ensaio tem como foco os argumentos dos agentes virtuais sob uma perspectiva de análise crítica. Foram identificados dois grupos com pontos de vista contrários em seus discursos. A polarização do tema revela defesas, tensões e questionamentos quanto a dominação de gênero nessas instituições. O coração da questão mostra-se um paradoxo com o antagonismo dos discursos, pois os princípios que definiram uma instituição progressista no século das luzes são contraditórios diante da pluralidade da sociedade contemporânea.

Palavras-chave: Maçonaria; mídias sociais; mulher.

Abstract

This paper focuses on the user speech in the social media around internet postings about the theme initiation of women in freemasonry. Using the methodological contribution of collective subject discourse, the essay analyzes the arguments of this users from a perspective of critical analysis. Two groups with opposing points of view were identified in social media. The polarization of the theme indicates defenses, tensions and questions about gender domination in these institutions. The findings of the study indicates a paradox, for the ground rule that defined a progressive institution in the century XVIII are contradictory to contemporary society.

Keywords: Freemasonry; social media; woman.

¹ Diego Mota é Doutorando em Ciências Humanas - Educação na PUC- RIO, Mestre em Formação Científica, especialista em Educação e biólogo, formado na Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail: diegoomota@gmail.com

² Cloves Gregório Chaves Filho é licenciando em História pela Universidade Paulista e autor do blog Maçonaria Tupiniquim cujo foco é a história da Maçonaria no Brasil. E-mail: clovesgcf@gmail.com

1. Introdução

As questões relacionadas à igualdade de gêneros têm se destacado na contemporaneidade, desafiando os códigos sociais estabelecidos historicamente. No presente, há evidências de que as diferenças cognitivas entre homens e mulheres são rasas e claramente influenciadas por fatores sociais e culturais (SCHUWARTZ, RUBEL, 2005; LEVINSON, 2006; LENT, 2018). Nesse sentido, o paradigma dos papéis tipicamente masculinos e femininos tem sido desconstruído em muitos setores profissionais, proporcionando grande visibilidade ao tema em diversos campos sociais (SANTOS, OLIVEIRA, 2010).

Diante dessa arena, a literatura acadêmica recomenda ponderação e reconhece a centralidade do tema e a necessidade de estudos com fundamentação científica, pois as conclusões acerca de dimorfismos comportamentais e cognitivos entre os sexos se mostram um terreno carente de investigações (PFAFF, 2011).

No contexto da maçonaria, essa é uma questão polêmica, considerada um tabu nas organizações maçônicas com maior expressividade numérica. Nessas ordens maçônicas, pertencer ao sexo masculino é um fator determinante para filiação de potenciais membros e, por esse motivo, em tais instituições a distinção de gênero é um fundamento.

Norteador por essa questão, o presente artigo discorre sobre um estudo de caso acerca de discussões em mídias sociais em torno do tema "iniciação de mulheres na maçonaria". Com isso, os autores têm a finalidade de trazer para o debate as colocações e opiniões de sujeitos virtuais acerca do tema, objetivando submeter os posicionamentos nas mídias a uma análise de status crítico.

Além desta introdução, o ensaio se organiza em mais quatro seções. O próximo tópico traz a contextualização do tema e a historicização da questão da iniciação de mulheres na maçonaria; a seção seguinte detalha os fundamentos metodológicos e as ferramentas investigativas da pesquisa; em seguida, são discutidos os resultados do corpus textual categorizado a partir dos depoimentos obtidos nas mídias sociais; e, por fim, são feitas as últimas considerações e os apontamentos do estudo.

São muitos os desafios enfrentados pela maçonaria no início do século XXI, além de serem diversos os questionamentos institucionais em busca da manutenção de sua solidez, a qual se constrói há

mais de 300 anos. Por esse motivo, estudos acerca de temas que envolvem seus fundamentos são não só importantes, mas também necessários. Não obstante, investigações voltadas àqueles que possuem envolvimento com a maçonaria podem ser um caminho oportuno para revelar seus anseios, pretensões e posicionamentos.

Diante da escassa literatura acadêmica direcionada a essa questão, o presente ensaio objetiva trazer alguma contribuição para ampliar as discussões e o debate entre os que se interessam pela área. Assim, discutir as opiniões e posições daqueles que possuem envolvimento com a maçonaria pode ser um caminho promissor para revelar elementos presentes no pensamento do grupo social que podem apontar consonância e divergências acerca de um tema relevante para essas organizações.

2. Uma questão não tão recente

A ligação das ordens maçônicas com as guildas de construtores medievais é um tema presente nos debates que envolvem sua origem. Essa possibilidade tem sido apontada por alguns autores como um argumento para a exclusão de mulheres em seu círculo (COSTA, 2014; CAMPILLO, 2015; RODRIGUES, 2015). Contudo, é consenso entre os pesquisadores da área que a estrutura contemporânea da maçonaria é referenciada pelas Constituições de James Anderson, elaboradas no contexto da Grande Loja Unida da Inglaterra em 1723 (HAYWOOD, CRAIG, 1927).

Segundo Alvarez Lázaro (2014, p. 2), nesse documento "criado para unir os homens acima das diferenças que os separavam, [...] um dos pontos que limitam drasticamente seu universalismo é a proibição da admissão de mulheres como membros de uma loja". Nesse sentido, é importante considerar que a condição feminina na sociedade europeia do período moderno não permitia que as mulheres tivessem as mesmas oportunidades de participação no pacto social que os homens (HUNT, 2009; SOUZA, 2015). De acordo com o discurso de Rousseau, naquela época as mulheres deveriam

desde cedo ser submetidas a limitações. Elas têm de ser submissas durante toda a vida à mais constante e severa repressão, que é a do decoro: é portanto necessário

acostumá-las cedo a tal confinamento, para que mais tarde não lhes custe caro demais, e a supressão de seus caprichos, para que se submetam mais facilmente à vontade dos outros... as mulheres têm ou deveriam ter muito pouca liberdade, pois estão propensas a ser excessivamente indulgentes consigo mesmas no que é permitido (ROUSSEAU, 1762apud WOLLSTONCRAFT, 2017).

As mudanças ocorridas na estrutura social descrita estão ligadas a questionamentos que não existiam na cronologia. De fato, a sociedade ocidental sofreu profundas transformações quanto aos papéis dos gêneros desde a revolução industrial (GARCIA, 2015). Essas mudanças se tornaram ainda mais proeminentes com a revolução sexual e as reivindicações dos movimentos feministas do século XX (HIRATA, 2009).

Contudo, ao aproximarmos essa discussão da realidade brasileira, encontramos diversos segmentos que segregam a participação da mulher. Como exemplo, além da maçonaria, o futebol, considerado paixão nacional do brasileiro, também faz parte desse *hall*. Observando o esporte praticado, seja profissionalmente, nos campos de várzea ou quadras país afora, a participação das mulheres é expressivamente inferior, de modo que esse quadro constitui apenas mais um reflexo da herança histórica da exclusão das mulheres em vários setores da sociedade, os quais reduzem-nas a "cuidadoras do lar". Na primeira metade do século XX, quando sequer podiam votar, a prática de futebol pelas mulheres era malvista e depreciada. Além disso, o esporte foi proibido por lei para elas entre 1941 e 1979 (FRANZINI, 2005).

Fizemos esse paralelo pois o futebol se aproxima da maçonaria em algumas perspectivas. Além da predominância masculina, em certos aspectos, ambas também são atividades recreativas. A maçonaria, como conhecemos hoje, nasceu de encontros em tavernas, espaços privilegiados de socialização masculinos nos anos 1700 (ROCHA, 2003; GALDEANO, ISMAIL, 2017).

No entanto, a presença das mulheres na maçonaria não chegou a ser proibida na esfera civil como ocorreu no futebol. Apesar disso, ao longo do século XX, com a ascensão feminina em diversos campos da sociedade, esse ponto passou a ser questionado por elas. Consequentemente, algumas ordens

maçônicas em diferentes lugares do mundo passaram aceitá-las, ou foram criadas com essa finalidade (RÉVAUGER; 2012; AKINDÈS, MIRAN-GUYON, 2017).

No universo das instituições maçônicas contemporâneas, cada organização possui um conjunto de leis próprias baseadas em princípios que definem o que é maçonaria: os Landmarks. Segundo Ismail (2011), essas organizações "exercem poder soberano sobre suas leis e administrações, tendo suas próprias relações de landmarks, variando seus totais entre 7 e 54".

De acordo com a compilação feita pelo autor, um dos pontos comuns a todos esses demarcadores do que é maçonaria é a admissão exclusiva de homens. Dessa maneira, com base nesses referenciais e uma teia de relações políticas, as potências maçônicas estabelecem seus tratados de reconhecimento. E nessa arena de legitimidades e regularidade, como "a Grande Loja Unida da Inglaterra, Obediência mais antiga do mundo, é a fiel guardiã das antigas tradições, muitas outras Obediências seguem suas recomendações" (ISMAIL, 2011, p. 1).

Caminhando no sentido oposto, ainda nos anos 1880, a Loja Les Libres Penseurs rompeu esse postulado e iniciou uma mulher na maçonaria francesa, a escritora e militante feminista Maria Deraismes. As consequências da iniciativa levaram a loja a se desfiliar da Grande Loja Simbólica Escocesa. Além disso, a polêmica fomentou a evasão de diversos membros e o encerramento de suas atividades. Mesmo assim, os maçons ativistas envolvidos com a causa fizeram emergir a Ordem Le Droit Humain, que deu origem ao ramo da maçonaria mista e feminina (LE DROIT HUMAIN, 2009).

No fim dos anos 1990, a Grande Loja Unida da Inglaterra (GLUI, 1999), em sua página oficial respondeu que "Sim! Mulheres podem ser maçons! Existem lojas separadas, restritas às mulheres. No entanto, a GLUI, seguindo o exemplo dos pedreiros medievais, sempre foi e é restrita aos homens". Nos tempos atuais, a Grande Loja Unida da Inglaterra (GLUI), emitiu a 'Orientação geral de sua nova política sobre transição de gênero'. Nela, especifica-se que homens trans podem ser iniciados, e que se membros do quadro deste organismo, que era puramente masculino, fizerem transição para o sexo feminino, não precisam se desligar da obediência maçônica (NETO, 2018). Ainda, de acordo com o autor,

no caso da Inglaterra, as leis antidiscriminação de gênero garantem a qualquer cidadão britânico o direito à identidade de gênero. Não é o caso aqui, agora, de discutir as ideias filosóficas subjacentes a esta corrente, e nem de dizer que a GLUI virou pós-moderna, comunista, conspirante da ideologia de gênero, mas apenas reconhecer este é um dado da realidade social na qual a GLUI está inserida (NETO, 2018, pág.1).

Conforme salienta Ismail (2011),

apesar da Grande Loja Unida da Inglaterra ter dado um sinal que pode ser positivo a longo prazo e que pode vir a influenciar as demais Obediências mundiais, a maior resistência não vem do "Velho Mundo", e sim do novo, muito influenciado pelo conservadorismo americano, com ¼ de todos os maçons do mundo. (ISMAIL, 2011, p. 1)

Convergindo nesse sentido, Duarte (2013, p. 54) destaca que, no contexto brasileiro,

embora existam Lojas Maçônicas chamadas de mistas, por admitirem homens e mulheres, e Lojas femininas, a Maçonaria tida como regular não reconhece nenhuma dessas modalidades, sendo a mulher impedida de integrar seus quadros, sob argumentos diversos.

Porém, observando a evolução da sociedade e as novas políticas de não discriminação, seria possível vislumbrar um futuro com homens e mulheres juntos na maçonaria tradicional?

Buscando desmistificar questões polêmicas que envolvem as ordens maçônicas, como o tabu da iniciação de mulheres, Ismail (2012) explora a diversidade de colocações que circulam como argumentos que defendem a tradição. Ao fazer uma análise crítica acerca da exclusão da mulher da maçonaria, Duarte (2013, p. 52), pondera que a questão "perpassa a hermenêutica e argumentação jurídicas". Basílio Souza (2018), ao explorar o discurso de mulheres com algum envolvimento com a instituição, destaca em seus resultados os silêncios e ausências de discursos sexis-

tas nesses ambientes heteronormativos, além da presença de elementos múltiplos e difusos nas argumentações.

Na direção dos apontamentos destacados, este ensaio pretende reunir elementos discursivos presentes em mídias sociais para enriquecer a discussão. Desse modo, apresentamos uma possível via contributiva que pode ser somada ou contraposta a outros estudos que objetivam debater essa questão.

3. Procedimentos Metodológicos

3.1. O uso de dados de mídias sociais em pesquisas acadêmicas

O crescimento exponencial do uso das redes e mídias digitais entre brasileiros é um reflexo das transformações na forma como a sociedade recebe e ressignifica as informações que circulam nessas teias de interatividade (SODRÉ, 2011; BRASIL, 2018).

Uma marca da contemporaneidade, as mídias sociais são instrumentos que permitem a criação e o intercâmbio de conteúdo, possibilitando que seus agentes usuários estabeleçam uma ponte de comunicação entre si e com seus produtores (CASTELLS, 2000; KAPLAN, HAENLEIN, 2012). Segundo Marteleto (2018; p. 28), ao propiciar a interatividade, as mídias sociais apresentam muitas situações que levam as pessoas a demonstrar seus posicionamentos e opiniões. Segundo a autora,

as diferentes reações que um usuário pode expressar nas mídias sociais têm inúmeras aplicações para pesquisas (...), um operador conceitual que parece servir a dois fins: configurar o espaço comunicacional no qual se produzem formas diferenciadas de ações coletivas, de expressão de identidades, conhecimentos, informações e culturas; indicar mudanças e permanências nos modos de comunicação e transferência de informações, nas formas de sociabilidade, aprendizagem, autorias, escritas e acesso aos patrimônios culturais e de saberes das sociedades mundializadas. (MARTELETO, 2018, p. 28)

Por esse motivo, na grande área da sociologia, temos um fértil terreno para pesquisas, o qual

exige um esforço interdisciplinar na busca de fontes históricas e teóricas assim como na reflexão metodológica (...), um campo multifacetado cuja aproximação envolve diversas áreas de pesquisa assim como uma metodologia que acione técnicas distintas e complementares de investigação (MISKOLCI, 2011).

Contudo, a literatura direcionada à análise de materiais presentes nas redes virtuais, além de apontar para a necessidade da consolidação de metodologias investigativas, revela também um campo que vem se expandindo desde a última década (SUDULICH, 2014; SOUZA, QUANDT; 2008; ALVES, 2016).

Nesse sentido, o presente ensaio sugere um caminho metodológico e deriva de uma pesquisa na qual buscou-se analisar as opiniões pessoais de usuários de mídias digitais cujo conteúdo é voltado para a maçonaria. Com esse intento, os autores utilizaram dados produzidos no ambiente virtual dessas mídias, nas quais esses agentes possuem interatividade com os conteúdos veiculados. No tópico seguinte, são apresentados os passos metodológicos para a organização do material consultado.

3.2. Coleta e categorização dos dados

Para a obtenção dos dados utilizados neste estudo, os autores realizaram uma pesquisa em mídias sociais direcionadas a temas ligados à maçonaria, incluindo blogs e páginas de redes sociais no mês de dezembro de 2018. No tratamento dos dados, os pesquisadores descartaram os comentários dos autores dos textos e as publicações cujos conteúdos dispersassem da ideia central investigada.

Para encontrar no corpus textual os elementos centrais dos posicionamentos dos agentes virtuais, foram consideradas apenas os comentários opinativos e argumentativos acerca do objeto da pesquisa. Seguindo a proposta metodológica de categorização para análise de conteúdo (BARDIN, 2011; LEWIS et al., 2013), foram encontradas publicações com escopo ligado ao tema "iniciação de mulheres na maçonaria" em duas páginas da internet: No Esquadro e Bibliot3ca; e em um canal do YouTube denominado "Fatos maçônicos". A tabela 1 apresenta os temas dos artigos pesquisados e o número de interações dos agentes virtuais com as respectivas publicações.

Procedendo o tratamento dos dados, as colocações textuais dos leitores que fugiam da centralidade do tema foram descartadas. Por conseguinte, foram considerados para categorização dos posicionamentos 26% dos textos analisados, englobando apenas aqueles publicados no espaço que proporciona interatividade com o conteúdo produzido pela mídia.

Titulo da publicação	Nº de interações	Página da internet	Nº de Interações filtradas para o estudo
A mulher e a maçonaria	38	Bibliot3ca	18
Maçons do Grande Oriente da França dão luz à maçonaria mista com forças	2	Bibliot3ca	1
A iniciação de mulheres é uma realidade no Grande Oriente da França	5	Bibliot3ca	2
As mulheres na Maçonaria	26	No Esquadro	5
Maçonaria Feminina e Mista: Conheça detalhes nunca mencionados	66	Fatos Maçônicos*	10
Frequência relativa %	100		26

Tabela 1 - Categorização das publicações selecionadas para a coleta de opiniões acerca do tema "iniciação de mulheres na maçonaria".

*Canal do Youtube

Segundo Melo (2003), as postagens dos atores virtuais são classificadas como textos opinativos, fruto de um comportamento característico da era da informação, marcada por profundas mudanças nos relacionamentos com os meios de comunicação (BAUMAN, 2008). Por esse motivo, conhecer os pontos de vista dos agentes virtuais que possuem envolvimento com temas ligados à maçonaria é a questão central do presente estudo.

4. O discurso do sujeito coletivo

A metodologia para análise do conteúdo do material textual produzido a partir da ideia central "iniciação de mulheres na maçonaria" é fundamentada pelos pressupostos de categorização elaborado por Fernando Lefèvre e Ana Maria Lefèvre (2000). Os pesquisadores desenvolveram uma técnica de tratamento de dados com base nas convergências dos discursos de um grupo social que investigavam no início dos anos 1990. Essa metodologia reúne em uma única voz a manifestação de uma coletividade em relação ao tema Discurso do Sujeito Coletivo (DSC),

uma possibilidade que permite ao pesquisador tatear o significado da questão explorada no grupo investigado pela obtenção das opiniões através de questões abertas:

A técnica consiste em reunir, na forma de um discurso único redigido na primeira pessoa do singular, conteúdos de depoimentos com sentidos semelhantes que buscam produzir no leitor um efeito de "coletividade falando", dando lugar a um acréscimo de densidade semântica nas representações sociais, fazendo com que a ideia ou posicionamento dos depoentes apareça de modo "encorpado", desenvolvido, enriquecido, desdobrado. (LEFÈVRE et al., 2009, p. 2)

O DSC tem suas raízes ancoradas na teoria das Representações Sociais (RS) e, através de um sujeito plural, expõe "o regime natural de funcionamento das opiniões ou representações sociais" (LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2006, p. 3). Para Bourdieu (1994), a linguagem verbal é uma das faces do habitus, como um código comum de um grupo social. Dessa forma, a linguagem expressa as posições aceitáveis dentro do grupo no qual os indivíduos estão inseridos.

Analisar as manifestações discursivas é uma possibilidade de captar as opiniões, as crenças, os valores e os desejos de um indivíduo ou de um grupo sobre um objeto que faz parte da sua vida cotidiana (LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2014). Elas revelam os códigos socialmente compartilhados em um campo social, em seu caráter múltiplo, dinâmico, fragmentado e contraditório (FOUCAULT, 2004).

Lefèvre e colaboradores (2009), considerando a complexidade das RS, defendem que o discurso é uma de suas camadas. Na visão dos autores, as Representações Sociais Discursivas ajudam na compreensão do senso comum e na busca de sugestões e de estratégias para os conflitos presentes nos grupos sociais:

São pesquisas cujo produto são representações sociais (...), que pode ser visto como um signo do tipo que representa o pensamento ou opinião coletiva na medida em que busca trazer à luz não apenas o sentido ou significado de tal pensamento, mas

também sua forma significativa de depoimento, discurso, história (...).O DSC pode funcionar como "espelho psicanalítico" do pensamento de coletividades e grupos, o que faz dele instrumento útil para intervenções em que se busque despertar consciências coletivas e/ou ensejar diálogos com posturas ou opiniões distintas. (LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2014, p. 505)

O DSC é construído através da identificação das "expressões-chave", "ideias centrais" e "ancoragens" no material verbal explorado. As primeiras são recortes do discurso que trazem conteúdo significativo e o seu teor é organizado em temáticas que representam as ideias centrais. Já as ancoragens são as certezas expressas pelo falante, afirmações presentes no texto que sustentam o discurso (LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2006). A construção do DSC, cabe salientar, ocorre por uma sequência de procedimentos, iniciando-se com a soma das expressões-chave individuais que apresentam a mesma ideia central para depois fundi-las e convertê-las em um discurso cuja marca é a expressão de uma voz coletiva (Figura 1).

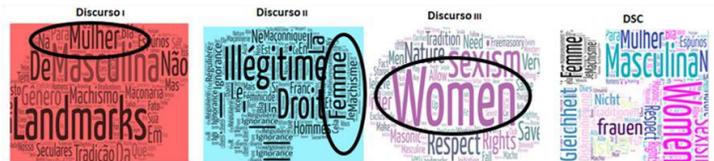


Figura 1: Construção do Discurso do Sujeito coletivo através da identificação de expressões-chave acerca de uma mesma ideia central em diferentes discursos.

Desse modo, as crenças e concepções que circundam um grupo podem ser percebidas por meio de diversas expressões ou manifestações. Elas contribuem para a construção de uma realidade comum na medida em que possibilitam a comunicação entre os pares de um meio, sua legitimação e distinção entre outros grupos sociais (JODELET, 1985; MOSCOVICI, 1988).

Lefèvre e colaboradores (2009), considerando a complexidade das RS, sugerem que o discurso é uma de suas camadas. Na visão dos autores, conhecer as representações discursivas pode ser um caminho próspero para a compreensão de pensamentos

que revelam as consonâncias e divergências entre os indivíduos em suas redes de interação.

No caso do presente estudo, temos a possibilidade de usar o DSC para a análise de dados obtidos nas mídias sociais, as quais podem trazer apontamentos dos pensamentos coletivos que emergem dos espaços de interação virtuais (LEVI, 2003).

5. Resultados e discussão

Para explorar as representações discursivas dos sujeitos da pesquisa foram produzidos, com base na identificação das opiniões presentes nos depoimentos, seus DSC. O programa DSCsoft foi utilizado para a categorização do material verbal analisado, permitindo a classificação das expressões chave acerca da ideia central investigada. Foram verificados dois polos de posicionamento quanto ao tema, classificados pelos pesquisadores como “grupo contrário” e “grupo favorável”. Prosseguindo a análise, apresentamos os Discursos do Sujeito Coletivo, os quais reúnem as expressões-chave da ideia central “iniciação de mulheres na maçonaria”.

Essas narrativas expressam as representações sociais de um sujeito coletivo, destacando as singularidades de discursos que não são individuais. Como resultado, o grupo de agentes virtuais que manifestaram discursos contrários à iniciação de mulheres na maçonaria representa 39% do universo amostral de posicionamentos analisados. O Quadro 1 reúne os posicionamentos dos 14 sujeitos, que convergem com as mesmas opiniões acerca do tema.

Para esses agentes virtuais, as maçonarias são, de fato, instituições masculinas. Os argumentos apresentados em seus discursos defendem a naturalidade e imutabilidade de uma organização limitada a um sexo. Contudo, contraditoriamente, em suas colocações, negam a distinção de gêneros e a discriminação da mulher.

A análise do material verbal coletado possibilitou a identificação de duas ancoragens para justificar o posicionamento desse grupo em relação à ideia central “iniciação de mulheres na maçonaria”. A primeira ancoragem é referenciada pelos códigos institucionais: é necessário ser do sexo masculino para ser

iniciado nessas ordens maçônicas. Tal argumento é compartilhado por muitos desses sujeitos para sustentar suas opiniões – um paradigma construído na sociedade europeia da modernidade, enraizado institucionalmente e utilizado como critério de regularidade e reconhecimento entre as potências maçônicas internacionalmente.

Por esse motivo, o DSC dos sujeitos contrários à iniciação de mulheres na maçonaria justifica a ilegitimidade das potências maçônicas femininas ou mistas, que constituem grupos marginalizados na visão desses agentes virtuais. A expressão “espúrias”, por exemplo, classifica as organizações que possibilitam a iniciação de mulheres como ilegítimas, falsas e desonestas

A segunda ancoragem utilizada por esses sujeitos para sustentar seu posicionamento de negação feminina envolve elementos abstratos, como a “natureza solar” da ordem e uma pedagogia destinada à “natureza masculina”. Essa argumentação metafísica vai além das possibilidades analíticas propostas por esse estudo, limitado à luz da sociologia. No entanto, sua identificação é fundamental para conhecermos as estruturas edificadoras do pensamento do grupo analisado.

Ideia Central	DSC 1
Iniciação de Mulheres na maçonaria	Mulher não salva maçonaria. Muito blá, blá, blá para tomar legítimo o ilegítimo. Isto não diminui nosso respeito pelas cunhadas. Eu não aceitaria! Não tem nada de machismo. Creio que algumas coisas precisam ser esclarecidas, antes de cairmos em discursos sexistas. O fato é simples, assim mandam os landmarks, leis criadas para serem respeitadas. Se a gente não seguir, vira um clubinho. A maçonaria existe firme e forte em virtude das tradições. Respeite nossas tradições seculares. Sua metodologia pedagógica é solar e fática, aplicável exclusiva e eficazmente à natureza masculina. As mulheres têm um papel importante dentro da família maçônica, mas a iniciação nos mistérios da Ordem jamais lhes será permitido. E existem motivos para isso. Sinto muito. A chamada maçonaria mista não é maçonaria. Tudo espúrios. É o mesmo que você se vestir de bombeiro, comprar um carro vermelho, mas você não é um bombeiro de fato. Sempre foi ponto pacífico, na maçonaria regular a iniciação é exclusivamente de homens. E viva feliz, fora da maçonaria.
Freq. Relativa	39%

Quadro 1 – Discurso do Sujeito Coletivo do grupo contrário

No quadro, as frequências relativas mostram a porcentagem de pessoas que produziram em suas manifestações “expressões-chave” utilizadas na construção do Discurso do Sujeito Coletivo – 14 sujeitos participantes. Ressaltamos que as expressões-chave com mesmo sentido foram suprimidas para evitar repetições.

Quadro 2 – Discurso do Sujeito Coletivo do grupo favorável

Os discursos circulantes nesse grupo sustentam-se em uma demarcação simbólica do terreno da maçonaria ao gênero masculino. Para tais indivíduos, essa estrutura social é uma norma aceitável. Na perspectiva foucaultiana, a segurança dessa estrutura de pensamento institucionalizado e normatizado é regida pelo código legal do grupo e pela vigilância quanto à disciplina a essas normas (FOUCAULT, 2010). Dessa maneira, segundo o DSC desses sujeitos, a limitação à iniciação de homens nas respectivas instituições é o axioma que demarca o normal e legítimo, fundamento inquestionável para o grupo. A tradição, nesse sentido, é traduzida como o carro forte da maçonaria, de modo que os costumes e valores proporcionam a esses sujeitos a certeza da permanência da instituição na continuidade. Assim, baseando-se na ideia de que uma tradição não precisa justificada e considerando que, para esse sujeito coletivo a tradição é não ter mulheres, sua inserção rui as estruturas dos pilares institucionais.

Segundo o olhar de Bourdieu, os agentes sociais descrevem um espaço que reúne todas as condições para o pleno exercício da dominação masculina, evidenciada em seu DSC como algo indiscutível. Trata-se de um dualismo, portanto, que excluía mulher das relações entre os iguais, estabelecido arbitrariamente em um momento da história da humanidade no qual elas eram espectadoras, além de reunirem linhas de demarcação místicas reconhecidas por esses sujeitos.

Contrariamente a esse posicionamento, 61% dos depoimentos produzidos questionam a ordem social e masculina da maçonaria (Quadro 2).

Ideia Central	DSC 2
Iniciação de Mulheres na maçonaria	Isto é ignorância, machismo que, infelizmente, vejo a Ordem fomentar. Sou a favor da mulher na maçonaria. Precisamos acabar com o feminicídio maçônico. Os direitos têm que ser iguais para todos, pois hoje as mulheres ocupam diversos postos. As mulheres podem salvar a Ordem de sua decadência. Esquecem que estes landmarks foram escritos quando as mulheres não tinham nenhum direito. Era um estatuto machista, bem apropriado na época. Falar em natureza masculina é acreditar em um binarismo de gênero construído socialmente, ou seja, algo artificial. E fica aí uma pergunta: por que a evolução espiritual caberia apenas aos homens? Afinal, a maçonaria é progressista e não podemos deixar de combater nossos preconceitos. Se existissem lojas só para mulheres não quebraria a tradição. Isso permitiria às mulheres fazer um bom trabalho paralelo às lojas masculinas. Mas a presença da mulher na maçonaria já é uma realidade, embora não queiram admitir! Esse é um dos assuntos que causam maior repulsa da maçonaria regular no nosso país e denota o atraso em que nos encontramos. Mas um dia chegamos lá!
Freq. Relativa	61%

No quadro, as frequências relativas mostram a porcentagem de pessoas que produziram em suas manifestações “expressões-chave” utilizadas na construção do Discurso do Sujeito Coletivo – 22 participantes. Ressaltamos que as expressões-chave com mesmo sentido foram suprimidas para evitar repetições.

São discursos que usam como ancoragem os direitos de igualdade entre homens e mulheres na sociedade contemporânea. O DSC do grupo favorável à iniciação de mulheres na maçonaria traz questionamentos aos preceitos estabelecidos pela maçonaria em um momento histórico em que as mulheres eram consideradas seres de segunda categoria. Por esse motivo, seria um anacronismo pensar que as instituições maçônicas eram sexistas nos anos 1700. Àquela época, a iniciação de homens não escravos e a exclusão de mulheres não eram princípios dissonantes com o pensamento progressista dessas ordens.

Todavia, muito influenciados pelos ideais iluministas, os movimentos feministas têm promovido avanços em muitos espaços sociais quanto às condições das mulheres. Estas, lenta e gradualmente, conquistaram o direito ao voto, ao divórcio, à escolarização e ao trabalho, mudanças que são clarificadas nos posicionamentos desses agentes virtuais.

Na polissemia do DSC, são fortes os questionamentos à norma desses grupos maçônicos. Além disso, são apresentadas alternativas mais plausíveis de aceitação em relação à tradição, como a possibilidade de uma maçonaria feminina dentro dessas instituições. São sugestões menos abruptas, claramente tímidas, no entanto progressistas. Esses sujeitos também enxergam com maior aceitação as maçonarias que incluem mulheres, de maneira que não deslegitimam a natureza dessas organizações.

A análise dos posicionamentos dos dois grupos de agentes nas mídias sociais acerca de temas que discutem a iniciação de mulheres na maçonaria revela uma arena marcada por uma clara oposição de argumentos nesses ambientes virtuais de interatividade. Assim, o dualismo presente nos DSC é sustentado por ancoragens metafísicas, antropológicas e de raízes históricas.

Dessa forma, são argumentos que defendem tradições estabelecidas ou questionam sua coerência na contemporaneidade e também colocam em evidência o multiculturalismo contemporâneo das maçonarias masculinas, femininas e mistas frente à égide da tradição. Nessa arena de debates, a legitimidade e a regularidade se confundem e os discursos anunciam as desigualdades entre as diferentes maçonarias.

6. Considerações

O objeto desse estudo é composto por depoimentos e opiniões obtidos em mídias sociais voltadas para o campo da maçonaria. O foco da investigação, por sua vez, é direcionado à pluralidade de posicionamentos em relação à mulher enquanto sujeito passível de pertencer a essas organizações.

Nos ambientes de interação das mídias sociais analisadas, não existe um pensamento ou ponto de vista hegemônico. Dentre tais posicionamentos, 61% são progressistas e 39% são conservadores quanto ao assunto. Por esse motivo, a questão da iniciação de mulheres se revela um tema polarizado. Assim, um dos preceitos dessas instituições masculinas é colocado em questão nos debates.

Contudo, no coração dessas organizações as tradições estabelecidas são muito sólidas. As ordens maçônicas masculinas preservam sua deontologia e reconhecem normas institucionais, constituindo, então, legitimidades de pertencimento ao grupo social.

No caso dos sujeitos desta pesquisa, configuraram-se defesas e objeções em seus posicionamentos. As contradições das argumentações são consonantes com as mudanças de pensamento consequentes das conquistas sociais das mulheres nas últimas décadas. Não apenas mudanças em suas perspectivas, mas também nos questionamentos quanto ao seu papel na sociedade.

Todavia, não existem rupturas abruptas nos pensamentos coletivos de um grupo social (FLECK, 2012). Apesar disso, os novos adventos possibilitam sua transformação. Essas mudanças, para o autor, permitem a desestabilização das sólidas concepções de um grupo sobre um objeto e com isso a gênese de novos fatos. Grandes transformações de estilo de pensamento e, portanto, os desdobramentos significativos, surgem com muita frequência em épocas de transformação social geral. Tais épocas intranquilas mostram a luta das ideias, as diferenças nos pontos de vista, as contradições, a ausência de clareza e a impossibilidade de perceber imediatamente uma forma ou um sentido. De uma determinada situação surge um novo estilo de pensamento (FLECK, 2012).

No contexto deste ensaio, há aqueles que defendem com veemência as tradições e marcos definidores das maçonarias, o que é uma forma de manter a intocabilidade e a legitimidade da tradição e de suas normas convencionais. Entretanto, a polarização dos discursos distancia a questão da iniciação de mulheres de um paradigma, considerando-se os graus de compartilhamento de opiniões contraditórios.

A questão analisada, em nossa visão, torna-se um paradoxo na contemporaneidade. Frente a égide de suas raízes epistemológicas, os princípios maçônicos do progresso, da liberdade e da igualdade são pouco harmoniosos com a supressão das mulheres em suas lojas no século XXI. Sendo assim, o ideal de edificar uma sociedade humana, universalista e igualitária depara-se com as fronteiras estabelecidas para alcançá-lo.

7. Referências

- ALVAREZ-LAZARO, P. Woman, Freemason and Spanish: Freemasonry and the Origins of Feminism. *Global Journal of Human-Social Science Research*, 2014.
- AKINDÈS, F; MIRAN-GUYON, M. La franc-maçonnerie en Côte d'Ivoire, brève histoire des enjeux actuels. *Afrique contemporaine*, n. 3, p. 325-338, 2017.

- ALVES, Marcelo. *Abordagens da coleta de dados nas mídias sociais*. Monitoramento e pesquisa em mídias sociais: metodologias, aplicações e inovações. São Paulo: Uva Limão, 2016.
- BARDIN, L. 2011 [1977]. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70.
- BASÍLIO SOUZA, J. O discurso sexista na Maçonaria. *Revista Ciência & Maçonaria*, v. 5, n. 1, 2018.
- BAUMAN, Z. *Vida para consumo*. A transformação das pessoas em mercadoria. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
- BRASIL, 2018. Instituto Brasileiro de Geografia Estatística; Uso de internet na população brasileira e suas finalidades. Disponível em <https://www.ibge.gov.br/estatisticas-novoportal/sociais/justica-e-seguranca/9127-pesquisa-nacional-por-amostra-de-domicilios.html?edicao=10500&t=resultados>. Acesso em 02/12/2018.
- CAMPILLO, M. A maçonaria para os leigos: Mistérios, Origens e Estrutura. *Revista Ciência & Maçonaria*, v. 3, n. 1, 2015.
- CASTELLS, M. *A sociedade em rede* (vol. 1). São Paulo: Paz e Terra, 2000
- COSTA, L. A Maçonaria Operativa e Especulativa: Uma discussão em torno das origens da Ordem. *Revista Ciência & Maçonaria*, v. 2, n. 1, 2014.
- DUARTE, H. A mulher, a maçonaria e os direitos fundamentais. *Revista Ciência & Maçonaria*, v. 1, n. 1, 2013.
- FOUCAULT, M. *Vigiar e Punir*. Nascimento da Prisão. 38ª ed. Petrópolis: Vozes, 2010 (1987).
- FRANZINI, F. Futebol é "coisa para macho"?: pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol. *Revista Brasileira de História*, v. 25, n. 50, p. 315-328, 2005.
- GALDEANO, L; ISMAIL, K. DA TERRA AO CÉU E DA SUPERFÍCIE AO CENTRO DA TERRA: A evolução física das Lojas Maçônicas ao longo da história. *Revista Ciência & Maçonaria*, v. 4, n. 1, 2017.
- GRACIA, GARCIA, C. *Breve história do feminismo*. Editora Claridade, 2015.
- GLUI, Grande Loja Unida da Inglaterra. UGLE 1999 Are there women Freemasons? -Disponível em <https://www.ugle.org.uk/10-faq/41-are-there-women-freemasons> Acesso em 05/12/2018.
- HAYWOOD, H; CRAIG, J. *A history of freemasonry*. Disponível em <http://www.tbm100.org/Lib/Hay35.pdf>. Acesso em 05/12/2018.
- HIRATA, H. Mundialização, divisão sexual do trabalho e movimentos feministas transnacionais. *Cadernos de crítica feminista*, p. 80-107, 2009.
- HUNT, L. *A invenção dos direitos humanos: uma história*. Editora Companhia das Letras, 2009.
- ISMAIL, K. *As mulheres na maçonaria*. Disponível em <https://www.noesquadro.com.br/conceitos/as-mulheres-na-maconaria/>. Acesso em 13/11/2018.
- _____. *O que é landmark*. Disponível em <https://www.noesquadro.com.br/termos-e-expressoes/o-que-e-landmark/> Acesso em 14/12/2018
- _____. *Desmistificando a Maçonaria*. São Paulo: Universo dos Livros, 2012.
- KAPLAN, a. M.; HAENLEIN, M. Social media: back to the roots and back to the future. *Journal of Systems and Information Technology*, v. 14, n. 2, p. 101-104, 2012.
- LE DROIT HUMAIN. OMM; Maria Deraismes. Disponível em <http://www.droit-humain.org.br/website/pagina301.php>. Acesso em 04/10/2018.
- LEFÈVRE, F; LEFÈVRE, A. *O discurso do sujeito coletivo: uma nova abordagem metodológica em pesquisa qualitativa*. Cidade: Caxias do Sul editora EDUCS, 2000.
- Levinson, S. C. The evolution of culture. In: S. C. Levinson, P. Jaisson (Eds.). *Evolution and culture*. A Fyssen Foundation Symposium (pp. 1-41). Cambridge: MIT Press, 2006.
- LEWIS, S. Content Analysis in an Era of Big Data: A Hybrid Approach to Computational and Manual Methods. *Journal of Broadcasting & Electronic Media*, p. 34-52, 2013.
- MARTELETO, R. Redes sociais, mediação e apropriação de informações: situando campos, objetos e conceitos na pesquisa em Ciência da Informação. *Revista Telfract*, v. 1, n. 1, 2018.
- MELO, J. *Jornalismo opinativo*. São Paulo: Mantiqueira, 2003.
- MISKOLCI, R. Novas conexões: notas teórico-metodológicas para pesquisas sobre o uso de mídias digitais. *Revista Cronos*, v. 12, n. 2, 2011.

- NETO, Edgard Costa Freitas. A Política de gênero da Grande Loja Unida da Inglaterra. Disponível em <https://york.blog.br/a-politica-da-genero-da-grande-loja-unida-da-inglaterra-notas-iniciais/>. Acesso em abril de 2019.
- PIERRE, L. L'intelligence collective: pour une anthropologie du cyberspace. La découverte, 2013.
- RECUERO, R. *Redes Sociais na internet*. Porto Alegre: Editora Sulina, 2009
- RÉVAUGER, C. Les femmes et la franc-maçonnerie, des origines à nos jours. *REHMLAC. Revista de Estudios Históricos de La Masonería Latinoamericana y Caribeña*, 2012.
- RODRIGUES, M. Maçonaria Operativa: um estudo sobre as possíveis origens da maçonaria. *Revista Contemporânea*, n. 9, 2015.
- ROCHA, L. *Nas Tabernas dos Antigos Maçons*. Londrina: Editora Maçônica a trolha; 2003.
- SANTOS, S; OLIVEIRA, L. Igualdade nas relações de gênero na sociedade do capital: limites, contradições e avanços. *Revista Katálysis*, Florianópolis, v. 13, n. 1, p. 11-19, jan./jun. 2010.
- Schwartz, H. S., & Rubel, T. (2005). Sex differences in value priorities: Cross-cultural and multimethod studies. *Journal of personality and social psychology*, 89, 1010 - 1028.
- Scott, J. (1990). Gênero, uma categoria útil de análise histórica. *Revista Educação e Sociedade*, 16, 5-22
- SODRÉ, M. Redes sociais ainda não mudaram a ação política. 23/08/2011. In <http://www.unb.br/noticias/unbagencia/unbagencia.php?id=5538>. Acessado em 21/11/2018.
- SOUZA, C. A desigualdade de gênero no pensamento de Rousseau. *Novos Estudos Jurídicos*, v. 20, n. 1, p. 146-170, 2015.
- SOUZA, Q; QUANDT, C. *Metodologia de análise de redes sociais. O tempo das redes*. São Paulo: Perspectiva, p. 31-63, 2008.
- SUDULICH, Let al., The Importance of Method in the Study of the Political Internet. In: CANTIJOCH, Marta; GIBSON, Rachel; WARD, Stephen (Ed.). *Analysing Social Media Data and Web Networks*. Londres: Palgrave Macmillan, p. 1-24, 2014.
- THOMPSON, J. *Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa*. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.
- WOLLSTONECRAFT, M. *Reivindicação dos direitos da mulher*. Boitempo Editorial, 2017.

PLANEJAMENTO ESTRATÉGICO NA MAÇONARIA
(STRATEGIC PLANNING IN FREEMASONRY)

Sidnei Baumann ¹

Resumo

Este trabalho apresenta a ferramenta de gestão denominada Planejamento Estratégico, normalmente utilizada em médias e grandes empresas, que aqui será desmistificada com enfoque para sua aplicação em Lojas Maçônicas. Neste contexto, o artigo contribui para o crescimento, fortalecimento e evolução dos obreiros e das Lojas Maçônicas, que atualmente passam por momentos desafiadores. O presente artigo, apresenta de modo simples e claro a aplicação prática de ferramentas como diagnóstico, análise de ambiente interno e externo, além de planilhas utilizadas em gestão de empresas, que aqui serão voltadas às Lojas Maçônicas, podendo ser um referencial para quem desejar implantar o Planejamento Estratégico.

Palavras-chaves: Planejamento Estratégico; Maçonaria; Gestão.

Abstract

This work presents the management tool called strategic planning, normally used in medium and large-sized enterprises, which, however, will be demystified here with focus for applications in Masonic Lodges. With this in mind, the article contributes to the growth, strengthening and evolution of the workers and the Masonic Lodges, which currently have been facing challenging times. This article presents in a simple and clear way the practical application of tools such as diagnosis, internal and external environment analysis, as well as worksheets used in business management, which will be aimed here at the Masonic Lodges, and may be a reference for those who intend to implement the strategic planning.

Keywords: Strategic Planning; Freemasonry; Management.

¹ Sidnei Baumann é Licenciado em Ciências Biológicas pelas Faculdades Integradas do Tapajós, com Mestrado em Educação pela UTIC (Paraguai) e Doutorado em Educação pela UNG (Paraguai). E-mail: sidnei!@qualityetro.com.br

1. Introdução

Membros dignos, obreiros assíduos, e até mentes brilhantes captados por Lojas Maçônicas, mas que não tem visão de todas possibilidades de atuação em prol de sua evolução nem da própria Maçonaria. Esta é a realidade que encontramos na maioria dos templos Maçônicos no Brasil, resultando em baixo interesse e evasão dos membros.

Tendo em vista inúmeras situações que provocam o desinteresse e evasão, destacamos Mota (2018. p. 13) que enfatiza a busca de "estratégias e soluções para possíveis problemas e conflitos presentes nas coletividades", mas que não podem ser implantadas de qualquer modo, entretanto com organização, e controle por parte dos gestores maçônicos. Nesta mesma linha, Piva (2014. p. 16) orienta com objetivo de minimizar os efeitos colaterais do desinteresse, que as Lojas Maçônicas "voltem a ser verdadeiras escolas de conhecimento e formação, com seções atrativas... despertando em seus membros o interesse... diminuindo a evasão". Conforme Ismail (2018. p.20) "Urge a necessidade de uma administração mais eficaz" que possa captar e manter obreiros produtivos e conscientes da necessidade da evolução constante e gradual.

Ismail (2018. p. 41) alerta para a fragilidade na gestão ao enfatizar que "uma Loja Maçônica como associação... compõe o chamado terceiro setor... e via de regra tem apresentado cenário similar ao de outras ONGs brasileiras: o amadorismo como característica inerente à gestão das organizações do terceiro setor no Brasil"(grifo do autor). Agora vamos imaginar uma pequena ONG, que não tem um planejamento escrito, com apenas cinco colaboradores, onde cada um faz o que quer... será que terá êxito no atual mercado competitivo? Vamos agora para outra ONG, com 20 colaboradores, que também não possui nenhuma diretriz estratégica, será que conseguirá sobreviver? Chegando a uma outra ONG com 1.000 colaboradores, que similarmente não possuem um "RUMO A SEGUIR", qual será o possível destino? Para as três empresas acima, independentemente do tamanho e número de funcionários, há grande "RISCO DE SOBREVIVÊNCIA" pois sem "Planejamento Estratégico" poderá sucumbir aos problemas imprevistos.

Para Ismail (2018. p. 21) "uma Loja Maçônica é, evidentemente, uma organização" e podemos considerar uma ONG também como uma organização, formada por pessoas. Então vamos trocar a palavra "ONG" por "Loja Maçônica", e também troque a pala-

vra "colaboradores" por "Maçons" e refaça a leitura do parágrafo anterior.

Dado o alerta para a necessidade de se ter um roteiro a seguir, acalentamos os obreiros com mais tempo de Loja através das palavras de Ismail (2018. p. 21) "Aos Irmãos mais conservadores, preocupados com a preservação da Ordem, cabe o esclarecimento de que aplicar tal conhecimento na gestão das Lojas Maçônicas não é inovar a Maçonaria, já que seus princípios, simbologia, filosofia e rituais não serão afetados". Portanto o objetivo maior é apresentar ferramentas de gestão aplicadas as Lojas Maçônicas, que podem trazer melhores resultados, principalmente afastando riscos, sem jamais alterar as regras e princípios da Ordem Maçônica.

2. Planejamento na administração das organizações

Conforme BOUERIA (2007, p. 9)

A origem do Planejamento Estratégico pode ser identificada nas mais antigas civilizações. Os reis, governantes e administradores sempre tiveram a necessidade de decidir antecipadamente o que fazer, o porquê de fazer, como fazer e o quando fazer, para alcance do sucesso e avanço de seus recursos no longo prazo. Apesar de todos esses anos, décadas, séculos e milênios de amostras de Planejamento Estratégico exercido na prática, somente nos anos 50 surge o Planejamento Estratégico com a finalidade de tratar do problema econômico entre oferta e demanda.

Assim percebe-se que apesar de ter muito tempo de uso empírico, apenas recentemente o Planejamento Estratégico teve a devida análise e interpretação por parte dos estudiosos. Identificamos que na década de 70, foi trabalhado de maneira pouco estruturada e aplicação pouco prática e, nos anos 80, sofreu grande declínio devido a chegada de ferramentas como Programas de Qualidade Total, Administração por Objetivos, Reengenharia, Seis Sigma, Produção Enxuta, Teoria dos Jogos, Empowerment, Organizações Virtuais, E-bussiness, entre tantos outros (MINTZBERG 2004). Chegando aos anos 90, estabeleceu-se um caos conceitual referente a Planejamento Estratégico, devido ao emaranhado de pro-

postas para se desenvolver esta ferramenta Planejamento Estratégico é para as Lojas Maçônicas. (Porter2002).

Já entrando no século XXI, renomados autores como Kaplan e Norton (2004), afirmam que "O Planejamento Estratégico está em fase de renovação e reinvenção". Assim estes autores enfatizam que "as empresas voltam a usar a ferramenta como forma de sustentabilidade, recuperando sua relevância perante as organizações". Agora com as facilidades de telecomunicações, internet, tablets e celulares interligados, não há mais fronteiras para a informação, e independente de onde for e que for, se desenvolver e aplicar seu Planejamento Estratégico, poderá ser mais assertivo para novos mercados, e aumentar sua blindagem da concorrência.

3. Etapas do processo de Planejamento Estratégico

Atualmente há abundância de literatura sobre Planejamento Estratégico, onde cada autor defende seu modo de desenvolvimento, ou processo. Entretanto mesmo que cada modo ou processo tenha características distintas, ainda podemos identificar que apresentam etapas similares (BOUERI 2007):

1. Definição das Diretrizes Estratégicas, que determinam a atuação no ambiente;
2. Análise do Ambiente Interno, pelo levantamento das informações sobre a organização, buscando identificar suas forças e fraquezas;
3. Análise do Ambiente Externo, que compreende a análise do macro ambiente, da empresa, da concorrência, do mercado, e previsões futuras;
4. Formulação dos Objetivos e Metas que se pretende alcançar;
5. Definição das Estratégias, visando estabelecer uma posição futura para atender os objetivos estabelecidos, e
6. Implementação do plano estratégico.

Podemos fazer a seguinte pergunta: "Qual o melhor modelo de Planejamento Estratégico?" A resposta é simples, Segundo Kaplan e Norton (2004, p.5), "não existem duas organizações que pensem sobre estratégia da mesma maneira", assim como um medicamento pode trazer ótimos resultados para um paciente, e pouca eficácia para outro, similarmente o

4. Finalidades do Planejamento Estratégico em Lojas Maçônicas

O Planejamento Estratégico em Lojas Maçônicas, tem como objetivo dar um direcionamento para todos os obreiros, com ênfase:

1. Criar desafios para estimular membros da Loja Maçônica.
2. Desenvolver formas criativas para resolver problemas;
3. Inovar a forma de gestão na Loja Maçônica;
4. Preparar-se para enfrentar ameaças internas ou externas;
5. Promover a evolução dos obreiros;
6. Aprimorar a captação de Recursos humanos e financeiros para projetos;

4.1. Ciclo de planejamento na Loja Maçônica

- **DIAGNÓSTICO**—É o modo como vamos levantar dados e informações acerca do assunto que nos interessa e vamos atuar na Loja Maçônica.
- **ELABORAÇÃO** – tendo o diagnóstico confiável em mãos, vamos definir o que queremos (estratégia). Aqui são elaborados os objetivos, e metas da Loja Maçônica.
- **EXECUÇÃO** - É a implantação de atividades na Loja Maçônica, para alcançar os objetivos e metas planejados.
- **CONTROLE** – É como vamos acompanhar os resultados, evitando os desvios.
- **AVALIAÇÃO** – Vamos continuar com o objetivo dentro da Loja Maçônica, ou mudar para outro?
- **REPLANEJAMENTO** - É a partir do resultado da avaliação acima, que podemos reformular o Planejamento Estratégico, caso seja necessário.

4.2. Planejamento Estratégico na gestão da Loja Maçônica

O Planejamento Estratégico é um eficaz instrumento de gestão para todo Venerável Mestre, cujo principal objetivo é ajustar instantaneamente a Loja

Maçônica ao momento e ambiente onde tem suas atividades.

Porter (2002) afirma que “uma empresa sem planejamento corre o risco de se transformar em uma folha seca, que se move ao capricho dos ventos da concorrência” de modo idêntico uma Loja Maçônica sem Planejamento Estratégico corre sério risco de pouco produzir resultados e perder seus obreiros. Ismail (2018. p. 92) corrobora esta afirmação ao dizer que “há décadas falhando da educação Maçônica no Brasil por meio de gestões amadoras... não estamos ensinando aos nossos Maçons o que é a Maçonaria e qual seu objetivo geral, sua finalidade, sua razão de existir”.

De fato, se o Venerável Mestre não exerce a sua função enquanto planejador e incentivador de obreiros, acaba por se concentrar excessivamente no operacional, atuando principalmente como um bombeiro que vive apagando incêndios, e provavelmente com baixos resultados e desinteresse de seus membros. Assim surgem questionamentos que devem ser considerados importantes:

1. Como realizar gestão na Loja Maçônica, que seja realista diante das intensas e profundas mudanças que ocorrem na atualidade?
2. O que fazer para não sobrecarregar o Venerável Mestre, tendo em vista as inúmeras atribuições que já possui?
3. É possível evitar a armadilha do imediatismo na administração da Loja Maçônica?

Para guiar as respostas vamos conhecer a visão de Drucker (1998, p. 136)

Planejamento Estratégico é o processo contínuo de, sistematicamente e com o maior conhecimento possível do futuro contido, tomar decisões atuais que envolvem riscos, organizar sistematicamente as atividades necessárias à execução dessas decisões e, através de uma retroalimentação organizada e sistemática, medir o resultado dessas decisões em confronto com as expectativas alimentadas.

A partir dessa percepção de Peter Drucker, fica claro o entendimento que o foco é no resultado futu-

ro, porém com as ferramentas e estratégias que tenho no presente, eliminando os erros do passado. Ismail (2018. p. 92) reforça que “precisamos dedicar um pouco de nossas vidas a não deixar que a ciência maçônica retroceda ao nível de simples credices e se perca na escuridão”. Salienta-se que os membros de uma Loja Maçônica (de Aprendiz à Venerável Mestre) são colunas fortes para o alcance de resultados futuros, pois são estes que voluntariamente estarão se doando para a busca de soluções e sua efetiva implantação.

4.3. Diagnóstico Estratégico na Loja Maçônica

Vamos deixar claro que o Diagnóstico Estratégico se desenvolve por informações preciosas e verdadeiras oriundas do Ambiente Interno à Loja Maçônica – que vamos chamar de Pontos Fracos e Pontos Fortes.

Ainda teremos as informações coletadas no Ambiente Externo à Loja Maçônica – ou seja, tudo o que forem Ameaças e Oportunidades, serão muito relevantes para o Planejamento Estratégico da Loja Maçônica.

Sugerimos começar com análise da situação da Loja Maçônica em relação ao seu local de atuação, através de uma ferramenta simples e eficaz, desenvolvida na década de 60 por Albert Humphrey, que foi líder de pesquisa na Universidade de Stanford – (SERRA, 2004, p. 87).

4.3.1. Análise SWOT

Conforme Serra (2004) a sigla “SWOT vem do inglês e representa as iniciais das palavras Opportunities (oportunidades) e Threats (ameaças) além de Strengths (forças), Weaknesses (fraquezas)”. Então vamos agora descrever como é o ambiente externo à Loja Maçônica (oportunidades e ameaças), bem como o ambiente interno (pontos fortes e pontos fracos). Ismail (2018. p. 100) descreve “é uma espécie de diagnóstico, que possibilita a melhor exploração (maximização) dos pontos fortes, a melhoria (minimização) dos pontos fracos, o melhor aproveitamento das possíveis oportunidades e o devido alerta e proteção ou até aproveitamento das ameaças”.

Podemos criar um quadro com a realidade de nossa Loja Maçônica:

<p style="text-align: center;">OPORTUNIDADES</p> <ol style="list-style-type: none"> 1) Poucas Lojas Maçônicas na região. 2) Boa relação com autoridades locais. 3) Maçons ocupantes de cargos em órgãos públicos que podem ser parceiros. 4) Possibilidade de captação de recursos por novos projetos. 5) Facilidade de comunicação com... 6) ... 	<p style="text-align: center;">AMEAÇAS</p> <ol style="list-style-type: none"> 1) Outras entidades concorrentes (Rotary, Lions Club, Clubes esportivos, etc). 2) Novas Lojas Maçônicas 3) Grande distancia de Belém-PA 4) Dificuldade de comunicação com 5) Não ter apoio do.... 6) Fornecedores de paramentos... 7) ...
<p style="text-align: center;">PONTOS FORTES</p> <ol style="list-style-type: none"> 1) Obreiros com alto nível intelectual 2) Prédio próprio 3) Bom clima organizacional 4) Maçons comprometidos 5) Credibilidade perante... 6) ... 	<p style="text-align: center;">PONTOS FRACOS</p> <ol style="list-style-type: none"> 1) Número de membros ativos na Loja 2) Localização da Loja Maçônica. 3) Pouca arrecadação no “Tronco de solidariedade”. 4) Baixo poder aquisitivo do obreiros... 5) ...

Quadro 1: Análise SWOT

Fonte: Elaborado pelo autor

Agora destaque numericamente o que efetivamente é importante para a sua Loja Maçônica, e faça o descarte dos itens que são pouco relevantes ou que raramente são presentes.

Crie um novo quadro, com o que pode efetivamente afetar a Loja Maçônica em estudo.

<p style="text-align: center;">OPORTUNIDADES</p> <ol style="list-style-type: none"> 1) Facilidade de comunicação com... 2) Maçons ocupantes de cargos em órgãos públicos que podem ser parceiros. 3) Possibilidade de captação de recursos por novos projetos. 	<p style="text-align: center;">AMEAÇAS</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Dificuldade de comunicação com 2. Não ter apoio do 3. Fornecedores de paramentos...
<p style="text-align: center;">PONTOS FORTES</p> <ol style="list-style-type: none"> 1) Maçons comprometidos 2) Credibilidade perante... 3) Obreiros com alto nível intelectual 	<p style="text-align: center;">PONTOS FRACOS</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Baixo poder aquisitivo do obreiros 2. Número de membros ativos na Loja 3. Pouca arrecadação no “Tronco de solidariedade”.

Quadro 2: Análise SWOT II

Fonte: Elaborado pelo autor

4.3.2. Definição de Missão, Visão, Princípios e Valores da Loja Maçônica

A direção estratégica numa Loja Maçônica será estabelecida e comunicada através de ferramentas como visões, missões e valores.

4.3.2.1. Declaração de Missão da Loja Maçônica

A missão da Loja Maçônica, esclarece a razão de sua existência como instituição, caracteriza sua identidade e atuação. Segundo Ismail (2018. p. 96)

“uma organização com uma compreensão clara de sua própria identidade e objetivo tem muito mais chances de sucesso do que outra que não tem uma compreensão nítida de sua razão de existir”. Apesar da sua definição ser um elemento essencial para a gestão exitosa, é comum o Venerável Mestre não conseguir definir com clareza a missão de sua Loja Maçônica. Quando isso ocorre, pode

limitar a evolução dos obreiros, levando-os ao ostracismo chegando à evasão.

A missão deve ser curta e clara, e todos na Loja Maçônica devem saber de imediato quando inquiridos!!!

- Qual a missão da Maçonaria no Brasil?
- Qual a missão da Maçonaria no Estado que atuamos?
- Qual a missão da Maçonaria no Oriente que moro?

Provavelmente raros serão os Maçons que podem ter as respostas às três perguntas acima, a grande maioria absoluta jamais saberá pois elas não existem ou não estão formalizadas. Conforme Ismail (2018. p. 96) a missão é “o propósito e os valores básicos da organização... dá aos

membros... um senso compartilhado de finalidade e direção”. Então pode surgir a dúvida: se a Maçonaria é única, então a missão da Loja Maçônica é a mesma para todas as lojas? Não, pois nenhuma Loja Maçônica é igual a outra, devido seus membros serem únicos e com características e vocações distintas. Assim Ismail (2018. p. 97) ressalta que “o componente mais importante da missão é a vocação... algumas lojas tem vocação educacional; outras de pesquisa; algumas para filantropia... ritualística perfeita... difundir um rito minoritário...”, portanto as vocações dos membros da Loja Maçônica é que influenciam e caracterizam a missão da Loja Maçônica.

Qual a “Vocação da sua Loja Maçônica”? Seria

educacional, de pesquisa, de ritualística, ou de criação de Ordens DeMolay, filantropia ou de manutenção de Rito? Entretanto ela raramente é clara aos seus membros. Porém essa Vocação ou facilidade de atuação deve ser o guia para a Missão da sua Loja Maçônica. Exemplos de Missão seguindo a vocação:

- “Ser uma Loja de pesquisas e produções de trabalhos do Rito Adonhiramita”, ou
- “Promover a expansão do Rito XYZ”, ou ainda
- “Fomentar a filantropia na área de XYZ”, etc.

4.3.2.2. VISÃO de Futuro da Loja Maçônica

A visão é aquilo que a Loja Maçônica deseja ser no futuro, e consiste num macro objetivo que deixo muito claro como pretende e onde quer chegar. Para Ismail (2018. p. 97) a visão “é o sonho institucional, que é possível tornar em realidade... um sonho realista e não uma missão impossível”. Portanto deve ser específica, desejável e possível. Exemplo: “Seremos reconhecidos em Santarém – PA como uma Loja Simbólica de Pesquisas confiáveis sobre Maçonaria, até 01/12/2025”.

Ismail (2018. p. 97) confirma o exemplo acima dizendo que “a visão deve ser específica, realizável, desejável e comunicável”. Pois sem os adjetivos inerentes, a visão tornar-se-á turva e sem sentido de alcance, como este exemplo de visão impossível: “Seremos reconhecidos em breve, como a melhor e maior Loja Maçônica no Brasil”.

Aqui facilmente identificamos três erros, por não deixar claro em que quer ser reconhecido, não ter data específica, e o objetivo final está acima da capacidade da Loja Maçônica proponente.

4.3.2.3. Valores organizacionais

É o conjunto de conceitos e filosofias que a Loja Maçônica respeita e emprega. Para Ismail (2018. p. 98) “são os princípios morais que devem estruturar a cultura, o comportamento e as práticas da organização”. Salientamos que os valores guiam as decisões e o comportamento dos obreiros.

Valores da Loja são os fundamentos éticos da nossa Loja Maçônica; refletem a nossa cultura, aquilo que somos e no que acreditamos. “Somos uma Loja Maçônica comprometida com o encantamento dos nossos admiradores. Pautamos nossas relações pela ética porque acreditamos e respeitamos as pessoas.

Somos empreendedores, inovadores e temos a excelência como meta. Tudo isso fundamenta nossa solidez, credibilidade que a sociedade reconhece.

Percebemos que os valores da Loja XYZ é longo e confuso, e se perguntarmos a um obreiro, ele diria: “Não sei agora, mas deixa eu pegar aquela folha que escreveram para que eu leia para você!” Isso comprova que seriam valores não inculcado e dificilmente seguidos.

4.3.3. Plano Tático da Loja Maçônica

O segundo passo do processo de elaboração do Planejamento Estratégico é definir o conteúdo do Plano Tático da Loja Maçônica, segmentado por área. É nesta fase do Processo de Planejamento Estratégico que todos os obreiros da Loja Maçônica são desafiados a elaborar os seus planos táticos compostos por objetivos e metas. Isto significa que todos em loja (de aprendizes a Venerável Mestre) devem ser desafiados à criação de seus objetivos e metas, lembrando-se de todos os itens anteriores desenvolvidos (Missão, visão, valores). Ismail (2018. p. 105) salienta que “faz-se necessário ponderar sobre a coerência entre essas informações previamente definidas”.

OBJETIVOS: Deve ser claro para todos os obreiros, preferencialmente criado por eles para que tenha sentimento de pertencimento ao objetivo proposto. Lembrando que deve estar ligado com a visão de futuro e com a missão a ser cumprida pela Loja Maçônica.

Na prática cotidiana, recomenda-se que o **OBJETIVO:**

- Seja estratégico ou que promova grande impacto na Loja Maçônica;
- Tenha redação clara e precisa, que todos entendam em Loja.
- Seja desafiador ao obreiro;
- Tenha data claramente definida pelo proponente.
- Seja possível de ser alcançado;

Portanto os objetivos são as intenções de ação que os obreiros da Loja Maçônica se propõem, com os quais cada um assume um compromisso de realização. Exemplos:

- “Promover um BINGO BENEFICIENTE todo mês de Setembro de cada ano”
- “Incentivar a filantropia no asilo XYZ semestralmente”
- “Criar um grupo de estudos sobre XYZ de caráter permanente”
- “Revisar material de estudo para Companheiros e Mestres até 2021”

Ismail (2018. p. 106) comenta que os “objetivos podem seguir o raciocínio tradicional, departamentalista, abrangendo as diferentes áreas de uma Loja (finanças, recursos humanos, eventos, educação e ritualística, filantropia, social etc.)” entretanto muitos membros podem não se sentir parte do processo, pois ocasionalmente somente os ocupantes de cargos fariam o Planejamento Estratégico, e os demais obreiros ficariam sem serem estimulados ou desafiados.

4.3.4. Metas Organizacionais

Decorrem dos objetivos, as metas, as quais devem ser entendidas como resultados parciais e que devem cumprir a finalidade de funcionar como verdadeiros pontos de controle. Ismail (2018. p. 109) afirma que “as metas são como frações de um objetivo... ao cumprir todas as metas daquele objetivo, necessariamente realiza-se o objetivo”. A quantidade de metas varia de acordo com a complexidade do objetivo. Em Loja Maçônica, a meta precisa ser coesa aos objetivos.

Metas são declarações operacionais que especificam o que precisa ser feito para chegar aos objetivos (são mensuráveis). Ismail (2018. p. 109) esclarece que “as metas podem ser índices, como parcelas ou porcentagens do objetivo, a serem cumpridos até determinado prazo.”

As metas devem estar claramente associadas aos objetivos. Metas com percentuais podem trazer dificuldade de aferição, pois não deixa claro qual é o número atual e o futuro. Cada membro deve criar suas metas em função dos objetivos e visão de futuro.

Não há número mínimo ou máximo de metas, pois algumas vezes, apenas uma meta é suficiente para se alcançar o objetivo, e outras vezes são necessárias dezenas de metas. Se cada obreiro da Loja Maçônica tiver por exemplo 03 metas para que se alcance cada objetivo proposto teremos um número signifi-

ficativo de metas somando para o êxito.

Seguindo este roteiro, os obreiros da Loja Maçônica podem utilizar uma planilha para facilitar a visualização do Planejamento Estratégico. Ismail (2018. p. 109) afirma que “uma ferramenta útil para planejar a execução operacional de cada meta é a ferramenta chamada 5W2H”.

4.3.5. Planilha 5W2H ou 3Q1POC

Agora vamos adaptar à nossa realidade, uma ferramenta da Qualidade chamada de 5W2H (who, why, what, when, where, how, how much) ou 3Q1POC (quem, quando, quanto, por que, o que, como), identificando conforme Lobato (2012, P. 97):

- Who- quem deve fazer (responsável para cada atividade).
- Why- por que deve ser feito (de que forma a atividade contribui para atingirmetas).
- What- o que fazer para atingir a meta (medidas, atividades para atingi-la).
- When- quando deve fazer (prazo de início e término para cada atividade).
- Where- onde deve fazer (local onde as atividades deverão ser executadas).
- How- como deve ser feito (procedimento para executar a atividade prevista).
- How much – quanto deverá custar (estimativa da atividade)

5. A implementação do Planejamento Estratégico na Loja Maçônica

Agora as ações precisam acontecer. É muito comum terminar o Planejamento Estratégico e deixá-lo esquecido em alguma gaveta, lembrando que a procrastinação é uma das causas de grandes fracassos nos processos de implantação. Assim os dirigentes devem apresentar o Planejamento Estratégico para todos em loja, Ismail (2018. p. 109) exorta que “é hora de tirar o Planejamento do papel, de transformar a teoria em prática, de botar a mão na massa, ou melhor de botar suas luvas e avental e começar a trabalhar”.

É possível desenvolver um Planejamento Estratégico antes mesmo de se ocupar cargos de dire-

ção na Loja Maçônica, conforme Jakobi (2017; p. 34) "O ideal seria que o plano anual fosse discutido antes do pleito eleitoral para a futura gestão... ao Venerável". Sendo uma ação de contínua reflexão sobre onde a Loja Maçônica e seus obreiros querem chegar (objetivos) e de como chegarão (estratégia), será importante a apresentação de um Planejamento Estratégico convincente, para atrair o máximo possível de apoiadores, mesmo aqueles que não ocuparão nenhum cargo na futura gestão.

Assim, conforme Ismail (2018, p. 110), cabe ao Venerável Mestre "garantir a organização dos recursos e atividades previstas para sua gestão (Organizar), a direção dos membros em suas execuções (Dirigir) e o controle dos resultados obtidos (Controlar)". Portanto ele deve ser um grande líder para idealização, desenvolvimento e implementação do processo de Planejamento Estratégico, sendo flexível sem perder o foco dos objetivos, visão e missão.

5.1. Avaliando resultados

Estando estruturado o "Planejamento Estratégico" faça-o acontecer. Inicialmente, os que participaram da elaboração estarão mais inclinados ao trabalho. Porém aos primeiros resultados visíveis, os demais obreiros acabam sendo induzidos à participação.

Mas como fazer para avaliar resultados? Inicialmente vamos entender o processo de avaliação, que SIQUEIRA (2010, p. 7) descreve como "o conjunto de indicadores genéricos, com funções matemáticas para mensurar a Qualidade e a produtividade de todo o processo". E prossegue fazendo esclarecimento que dentro do processo de planejamento, deve-se levar em conta as "Ações planejadas, ações necessárias e ações realizadas".

Como cada Planejamento Estratégico é único e específico para cada Loja Maçônica, quem estiver fazendo o acompanhamento e implantação, deve criar uma lista com os possíveis medidores de desempenho, e escolher os que melhores para aferição das ações planejadas, ações necessárias e ações realizadas.

6. Conclusão

O presente trabalho teve como objetivo apresentar a ferramenta de gestão conhecida como Planejamento Estratégico, aqui direcionada para aplica-

ção em Loja Maçônica. Pesquisas confiáveis acerca da situação da Maçonaria no Brasil, reiteram a urgente necessidade de melhoria na gestão de Lojas Maçônicas que insistem em modelos tradicionais e ultrapassados. Entretanto o desenvolvimento do Planejamento Estratégico e sua aplicação, depende muito da aprovação do respectivo Venerável Mestre no cargo, pois mesmo que haja a boa e honesta proposta de um programa estruturado para melhoria e evolução da loja e obreiros, deve haver a aquiescência do dirigente maior. Caso contrário, até mesmo o melhor trabalho desenvolvido estará fadado ao ostracismo.

No cotidiano de uma Loja Maçônica, o Planejamento Estratégico deve ser uma referência, onde a participação de todos (de aprendiz a Mestre Instalado) torna mais exitosa a implementação da estratégia, pois cada um somará com seus conhecimentos e habilidades, pelas sugestões de diagnóstico, elaboração de objetivos e metas, execução, controle, avaliação e replanejamento.

Logicamente problemas diversos surgirão, dos mais simples aos mais complexos envolvendo paixões e egos, oriundos de pessoas que não se esperava. Mudanças de rumo e objetivos podem ser necessários com a perda de algum membro, ou até retorno de outros obreiros adormecidos, assim o Venerável Mestre deve mostrar liderança e habilidade para gerenciar o processo.

Temos convicção que o material acima, sendo adaptado à realidade da Loja Maçônica proporcionará a evolução de seus obreiros, em vários aspectos, além de fortalecer a Loja. Também incentivará a continuidade desta pesquisa por mais integrantes da Maçonaria, aprimorando as metodologias aplicáveis.

7. Referências Bibliográficas

- BOUERI, Thiago Saraiva. *Planejamento Estratégico* (Importante passo para sobrevivência das organizações no mercado). Rio de Janeiro: 2007
- DRUCKER, Peter F. *Introdução à administração*. 3. ed. São Paulo: Pioneira, 1998
- ISMAIL, Kenny. *O livro do venerável mestre*. Londrina: Editora Maçônica, 2018.
- JAKOBI, Heinz Roland. *Como Gerenciar uma Loja Maçônica*, Ed. A Trolha, 5ª Ed., 2017
- KAPLAN, Robert S.; NORTON, David P. *Mapas estratégicos*. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Campus, 2004.

LOBATO, David Menezes. *Gestão estratégica*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012.

MINTZBERG, Henry. *Ascensão e queda do Planejamento Estratégico*. Porto Alegre:Bookman, 2004.

MOTA, D.; LANNES, D. R. C. Em Loja! A Centralidade das Representações Sociais e Maçonaria. *Revista Ciência & Maçonaria Brasília*, Vol. 5, n.1, p. 13-24, jan/jun, 2018.

PIVA, M. As Lojas Maçônicas: Desafios e entraves 2014.Revista Bibliot3ca, 2014 Disponível em: <https://bibliot3ca.com/2014/01/31/as-lojas-maconicas-desafios-e-entraves/> acesso: 18/02/19.

PORTER, Michael E. *Vantagem competitiva*. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

SERRA, Fernando; TORRES, Maria Cândida S; PAVAN, Alexandre Torres. *Administração Estratégica: Conceitos, Roteiro Prático, Casos*. Rio de Janeiro: Reichmann& Affonso Editores, 2004

SIQUEIRA, Iony Patriota. *Indicadores de desempenho de processos de planejamento*. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2010.

**Cosmopolitismo, patriotismo e imaginário maçônico em
“Ernst und Falk: Gespräche für Freimaurer”, de Gotthold Lessing (1778-80)**

(Cosmopolitanism, patriotism and Masonic imagery in
“Ernst und Falk: Gespräche für Freimaurer” by Gotthold Lessing (1778-80))

Edgard Costa Freitas Neto ¹

Resumo

O presente trabalho apresenta uma análise de como o cosmopolitismo e o patriotismo se articulam à luz do ethos maçônico exposto na obra “Ernst und Falk: Gespräche für Freimaurer”, de Gotthold Lessing.

Palavras-chaves:

Cosmopolitismo; Maçonaria; Gotthold Lessing.

Abstract

This paper presents a review on how cosmopolitanism and patriotism work together in the light of the masonic ethos as exposed in Gotthold Lessing’s “Ernst und Falk: Gespräche für Freimaurer”.

Keywords:

Cosmopolitanism; Freemasonry; Gotthold Lessing .

¹ Edgard Costa Freitas Neto é graduado em Direito pela Universidade Estadual de Santa Cruz, Especialista em Direito e Magistratura pela UFBA e Mestrando em Relações Internacionais pela UFBA. E-mail: edgardcfn@gmail.com

1. Introdução

Gotthold Ephraim Lessing (1729-81) foi um filósofo iluminista alemão, autor de vasta obra em diversos campos, como a dramaturgia, literatura, teologia, considerado como sendo um dos pais da moderna literatura alemã. De modo pioneiro, Lessing abordou temas como a liberdade religiosa e o cosmopolitismo, sendo um dos primeiros iluministas a utilizar os neologismos “Kosmopolit” e seu sinônimo “Weltbürger” no contexto de uma filosofia abertamente cosmopolita (NISBET, 2013, p.237).

Como muitos dos membros da “República das Letras” europeia do século XVIII, Lessing foi membro de uma Loja Maçônica, a “Para as três Rosas de Ouro” (Zudendrei Goldenen Rosen), de Hamburgo, a partir de 1771.

Sua experiência maçônica, numa época em que a Maçonaria alemã vivenciava conflitos ideológicos internos, com uma profusão de sistemas ritualísticos e simbólicos distintos competindo entre si acabou se revelando central para a formação do opúsculo “Ernst e Falk: diálogos entre maçons” (Ernst und Falk: Gespräche für Freimaurer),² produzido por volta de 1778 e publicado inicialmente de forma anônima. Consistindo em cinco diálogos (dos quais apenas os três primeiros foram inicialmente publicados) e contém, segundo o próprio autor, se não uma “verdadeira ontologia” da Maçonaria, uma tentativa de definição precisa da natureza essencial da organização.³

2. O contexto geral da obra

O século XVIII viu a emergência de novas formas de sociabilidade. O Absolutismo, como prática política que seguiu ao fim das guerras religiosas que haviam devastado o continente europeu desde o início da Reforma Protestante, funcionou estabelecido sobre uma clivagem entre a razão individual e a razão

de Estado: o soberano não se interessava pelo foro íntimo de seus súditos na medida em que este não interferisse nos negócios do Estado (KOSELLECK, 1999, p. 38).

A ordem internacional então estabelecida punha em pé de igualdade os estados independentemente de suas constituições internas, seja religiosa seja de organização política.

O foro íntimo se tornou o ponto de partida da contestação do Absolutismo e o surgimento do Iluminismo. O segredo, neste contexto, andava de mãos dadas com a exposição, muitas vezes dentro de novas formas de sociabilidade já que os súditos – excluídos que estavam da política – começaram a se reunir em espaços apolíticos, onde podiam discutir o estado de coisas fora da alçada estatal (KOSELLECK, 1999).

Uma destas novas formas de sociabilidade foi a Maçonaria.

A Maçonaria é uma sociedade fechada, ritualística, de caráter iniciático, estruturada simbolicamente em torno das tradições e lendas das guildas de pedreiros (masons em inglês, maçons em francês) que, com o declínio das corporações de ofício na era moderna, passou por uma transição para uma organização especulativa a partir do ingresso cada vez mais frequente de gentis-homens desvinculados do ofício nos fins do século XVII.⁴

Em algum momento, provavelmente entre 1717 e 1721, ocorre em Londres a separação formal entre a corporação de ofício e sua contraparte especulativa com a fundação da Grande Loja de Londres e Westminster a partir da união de quatro Lojas especulativas londrinas em uma Grande Loja.⁵

A organização da Maçonaria trazia algumas peculiaridades em relação às demais sociedades da época. De seus membros não se exigia senão um credo religioso vagamente deísta que não incompatibilizava a iniciação quer de cristãos (católicos ou protestantes) quer de judeus, muçulmanos e mesmo mem-

² Como não existem versões conhecidas para o português da obra aqui estudada todas as citações diretas serão traduções livres nossas feitas a partir da tradução para a língua inglesa feita por Hugh Nisbet em LESSING, *Gotthold Ephraim. Philosophical and Theological Writings* (Cambridge: Cambridge University Press, 2005).

³ LESSING, *op cit.*, p. 184.

⁴ A respeito desta fase de transição, conferir STEVENSON, David. *As origens da Maçonaria: o século da Escócia (1590-1710)*. São Paulo: Madras, 2009.

⁵ A data de 24/06/1717 é tradicionalmente aceita como sendo a data de fundação da Grande Loja de Londres, a primeira do mundo, conforme descrito na segunda edição das “Constituições dos Franco Maçons” publicada por James Anderson, em 1734. Esta assunção foi recentemente posta em xeque pelos pesquisadores britânicos Andrew Prescott e Susan Sommers, que demonstraram algumas inconsistências na cronologia dos eventos escrita por Anderson. A respeito, cf. PRESCOTT, A.; SOMMERS, S. *Searching for the Apple Tree: revisiting the earliest years of organised English freemasonry*. In: Wade, J. (ed.) *Reflections on Three Hundred Years of Freemasonry: Papers from the QC Tercentenary Conference*. Lewis Masonic. (2017).

bro de religiões politeístas, como hindus. A organização também proibia formalmente seus membros de engajarem as Lojas nas disputas políticas. Além disso, a Maçonaria aderiu expressamente à ideia de igualdade entre os membros a despeito de suas posições hierárquicas "profanas" (i.e., relativas à vida fora da organização, como títulos nobiliárquicos, postos governamentais e graduação militar). Os maçons se obrigavam, sob o manto de segredo, a reconhecerem e ajudarem uns aos outros na medida de suas possibilidades. Nas palavras de Koselleck:

Essas associações [maçônicas] se caracterizam pela evocação de mitos e mistérios antigos e pela criação de uma hierarquia independente, nem clerical nem estatal, apenas uma nova forma de organização peculiar da nova sociedade civil

Esta fórmula se provou um sucesso dentro e fora da Inglaterra, e em poucos anos já se encontravam Lojas Maçônicas em quase todos os países da Europa Continental e em muitas de suas colônias no ultramar. Em pouco tempo as Lojas se tornaram nós numa grande rede (network) que se espalhava pela Europa ligando homens e idéias (WEISBERGER, 2017).

Todavia, a estrutura original da Maçonaria inglesa, que era relativamente simples, composta de três graus (aprendiz, companheiro e mestre), ganhou novas e variadas versões tão logo se espalhou pelo continente europeu com a invenção de vários sistemas de "altos graus" que nada mais significavam do que uma ampliação progressiva do segredo e com pretensões políticas e teológicas mais ostensivas. Esta situação era ainda mais verdadeira na Alemanha, palco de disputas, desde a década de 1760, entre diversas facções maçônicas e paramaçônicas, num estado de virtual anarquia que duraria pelo menos até o início do século XIX.

Foi neste cenário, pois, que Lessing foi admitido na Loja Maçônica "Para as Três Rosas de Ouro", de Hamburgo, no outono de 1771. Segundo um de seus biógrafos, Lessing adotou uma postura levemente simpática à Ordem, ainda que tenha ficado decepcionado por ter encontrado menos do que esperava (ROLLESTON, 1889).

"Ernst und Falk" foi escrito possivelmente en-

tre 1776 e 1778 e foi ostensivamente dedicado ao Duque Ferdinando de Brunswick (1721-1792), militar e prócer maçônico alemão, líder do sistema da Estrita Observância, que havia lido e gostado das versões não publicadas do texto. Esta dedicatória muito provavelmente fora feita para burlar os mecanismos da censura. Os três primeiros diálogos foram publicados originalmente de forma anônima, enquanto os dois últimos foram "vazados" e publicados – ao menos nominalmente – sem sua autorização. A obra desagradou aos maçons alemães, que a viram como indiscreta, e acabou não se incorporando ao cânone das obras "populares" sobre Maçonaria.

Trata-se de uma série de cinco diálogos. Dois personagens, apenas, aparecem: o personagem de Ernst simboliza a Maçonaria real e seus defeitos, ao passo que o personagem Falk simboliza a versão ideal da Ordem.

Nos diálogos Ernst e Falk debatem uma série de concepções sobre a Ordem e a sociedade que revelam um pouco da visão de Lessing, dentre outras coisas, sobre cosmopolitismo e o patriotismo, duas concepções aparentemente antagônicas sobre a posição do indivíduo no mundo e no seu país.

3. Os diálogos

Como já dito, o texto possui cinco diálogos, dos quais o segundo é, talvez, o mais importante para o escopo do presente artigo. O primeiro diálogo se inicia com Ernst tentando sondar os pensamentos de Falk, então quieto. Após uma breve troca de amenidades, Ernst pergunta de modo direto a Falk se ele era maçom:

Ernst: É verdade, meu amigo, que você é um maçom?

Falk: Esta é uma pergunta de quem não o é.

A resposta de Falk, formulada de modo enigmático, se explica pelo fato de que parte do segredo maçônico é a posse de certas palavras, fraseologia, apertos de mãos e sinais utilizados para no contexto da identificação mútua.⁶ A posse desse conhecimento demarca e distingue os que estão dentro daqueles que estão fora. Ao fazer a pergunta de modo ordiná-

⁶ Leo Strauss faz notar que Lessing, como muitos filósofos antigos escrevia sob uma dupla linguagem, ao mesmo tempo exotérica e esotérica, num padrão de revelação sob ocultação. Cf. STRAUSS, Leo. Exoteric Teaching. Interpretation: a Journal of Political Philosophy. Vol. 14 n. 1, janeiro de 1986, pp. 51-61 e TARCOV, Nathan; PANGLE, Thomas. Epílogo in STRAUSS, Leo; CROUSEY, Joseph (orgs). História da Filosofia Política. Rio de Janeiro: Forense, 2013, pp. 819 e seguintes.

rio, e não do modo convencional entre os maçons, Ernst mostra a Falk que não é membro da organização.

Logo na sequência, Falk esclarece a Ernst que crê ser maçom, mas não tanto por ter sido regularmente iniciado numa Loja, mas por entender e reconhecer a existência e os fins da Ordem. Falk explica a um incrédulo Ernst que a Maçonaria não é algo arbitrário, mas sim uma necessidade na natureza humana e na sociedade civil.

Ernst não se convence desta suposta necessidade. Ele aponta que muitas das qualidades das quais se gabam os maçons não são exclusivas deles, mas valores que deveriam ser comuns a qualquer cidadão. Falk retorque afirmando que as boas ações praticadas pelos maçons não são apenas aquelas facilmente percebidas por todos (tais como diversas ações de filantropia que enumera), mas sim aquelas que "tornam as demais boas ações supérfluas". Ernst, então, diz que a afirmação é uma charada – e que ele se recusa a pensar sobre charadas.

O segundo diálogo se passa horas mais tarde. Ernst e Falk se reencontram. Questionado por Falk se havia refletido sobre a resposta dada, Ernst reage dizendo que Falk é como os outros maçons: "jogam com palavras, formulam perguntas e respondem sem responder", e que doravante não irá mais tratar de Maçonaria com ele. Falk então propõe que mudem de tópico, e Ernst, então, propõe que observem um formigueiro perto deles.

Ernst aponta, então, como as formigas trabalham em ordem, mesmo sem quem as comande. Falk então concorda, e diz que pode ser possível que possa haver ordem sem governo. Ambos concordam, entretanto, quem uma ordem sem governo somente seria possível se cada indivíduo fosse capaz de se autogovernar.

Falk então questiona Ernst sobre se ele acha que a sociedade civil é um fim, ou um meio, ou seja, se os homens foram feitos para o Estado, ou se o Estado é que fora feito para os homens. Após seu interlocutor se mostrar inclinado para a última afirmação, Falk responde:

Concordo inteiramente convosco. Os Estados servem para congregar os homens, a fim de que, nesta associação e por meio dela, cada indivíduo aproveite ao máximo a porção de felicidade à qual faz jus por sua natureza. A soma total da felicidade individual de todos os membros faz a felicidade da sociedade; fora disso, não há mais nada. Porque qualquer outra felicidade

de social, que supõe uma que alguns indivíduos devam sofrer, não é senão uma máscara da tirania.

Os dois concordam que a sociedade civil e as constituições políticas são meios, e não fins, e meios criados pelos homens, pelo que – afirma Falk – não apenas não são infalíveis como frequentemente falham e produzem resultados opostos aos pretendidos.

Ernst não se dá por convencido e crê na possibilidade de invenção de uma Constituição perfeita. A conversa segue:

Ernst: (...) creio que entendo você agora, mas nós sabemos o porquê de tantos indivíduos não obterem nenhuma felicidade extra na Constituição de seu Estado. Existem muitas constituições políticas: umas, portanto, são melhores que outras. Algumas são bem defeituosas e em franca contradição com suas intenções, e a melhor delas ainda há de ser inventada.

Falk: (...) Vamos presumir que a melhor Constituição concebível já foi escrita, e que todos os seres humanos pelo mundo aceitaram esta melhor Constituição: não crês que mesmo então, mesmo esta melhor constituição deve dar azo a coisas altamente prejudiciais à felicidade humana e das quais os seres humanos no estado de natureza eram totalmente ignorantes?

Ernst: Em minha opinião se tais coisas se originassem da melhor Constituição, ela já não mais seria a melhor.

Falk: E alguma outra melhor seria possível? Se sim, presume ser esta Constituição a melhor e repita minha pergunta.

(...)

Falk: Então vamos presumir que a melhor Constituição concebível já foi escrita, e que todos os seres humanos pelo mundo aceitaram esta melhor Constituição. Todas as pessoas no mundo constituiriam, assim, um Estado único?

Ernst: Dificilmente. Tal estado, gigantesco, seria impossível de se administrar. Ele teria que se dividir em vários estados menores, e todos seriam administrados pelas mesmas leis.

Falk: Em outras palavras, os povos continuariam a ser alemães e franceses, holandeses e espanhóis, russos e suecos, ou qualquer outro nome pelos quais sejam cha-

mados.

Lessing reconhece que a ideia de um governo único, mundial é irreal, e que, portanto, o poder teria necessariamente que ser distribuído em unidades menores, ponderando o que se vê como as unidades políticas naturais, ou seja, os grupos étnicos – alemães, franceses, holandeses, espanhóis, russos, suecos, etc.

O autor, entretanto, adverte contra os riscos daquilo que podemos identificar como um nacionalismo étnico:

Falk: Ao menos, então concordamos em uma coisa. Sendo o caso [da divisão do poder em estados menores], cada um destes estados não teria o seu próprio interesse? E cada membro destes estados iria compartilhar com os interesses de seu próprio estado?

Ernst: E daí?

Falk: Estes interesses diversificados eventualmente entrariam em colisão, tal e qual já acontece hoje, e dois cidadãos de dois estados distintos não seriam mais capazes de encontrarem sem preconceitos do que hoje, quando um alemão se encontra com um francês, ou um francês quando encontra um inglês.

Ernst: É bem provável.

Falk: Em outras palavras: presentemente, quando um alemão encontra a um francês, ou um francês a um inglês (e vice-versa), não se trata mais do encontro de um mero ser humano com outro mero ser humano, atraídos um ao outro por força da sua natureza comum, mas um encontro entre um tal ser humano e outro tal ser humano que estão cômicos de suas tendências opostas. Isto os faz frios, reservados e desconfiados um em relação ao outro, mesmo antes que tenham a menor interação ou experiência compartilhada como indivíduos(...).

Lessing estava ciente de que aspectos como a etnicidade ou a religião (o personagem Falk cita, à guisa de exemplo, as relações entre cristãos, judeus e muçulmanos) são capazes de unir uma comunidade. Esta união, entretanto, é feita à custa da divisão entre esta e aquela comunidades:

Falk: (...) um estado: vários estados. Vários estados: várias constituições. Várias consti-

tuições: várias religiões.

Ernst: Sim, sim. Assim me parece.

Falk: Assim o é! Agora você pode ver o segundo mal que a sociedade civil causa, contrariando suas intenções: não pode unir o povo sem dividi-lo, e não pode dividi-lo sem escavar golfos entre eles, sem construir um muro em seu meio.

As divisões, continua Falk, não se limitam à etnia e religião. Mesmo dentro de uma comunidade supostamente homogênea – mesma origem nacional e mesma religião – divisões existirão, e dentro de cada fração, uma nova divisão:

Falk: Você concebe conceber um estado sem diferenças de classes? Não importa se boa ou má, mais ou menos perfeita, é impossível que todos os membros de uma sociedade tenham a mesma relação uns com os outros. Ainda que tenham o mesmo quinhão perante a lei, não poderão tê-lo de fato, ao menos não diretamente. Existirão, portanto, cidadãos de alto e baixo escalão. Mesmo que toda a propriedade em um estado seja distribuída igualmente entre eles, essa igualdade não duraria mais do que duas gerações. Um homem saberá dar melhor uso à sua propriedade do que outro. O outro, portanto, terá que distribuir sua propriedade não tão bem gerida por seus descendentes. Haverão, portanto, ricos e pobres.

As divisões, entretanto, não são sagradas. Vale dizer: se a lei não pode proibi-las (proibição inócua, já que as divisões decorrem necessariamente da operacionalização da Constituição) também não pode obrigá-las. Assim, se os deveres do crente, do estadista e do chefe de família os impelem à divisão, a harmonia social pode ser preservada se "os melhores e mais sábios membros de cada estado estejam dispostos a ir acima e além do chamado dos seus deveres ordinários (opus supererogatum)".

Assim, Lessing conclui que é mais que desejável que em cada estado hajam homens capazes de ir além dos preconceitos nacionais e de reconhecer quando o patriotismo deixa de ser uma virtude; capazes de não sucumbir às preocupações de sua religião originária, ou que estejam ofuscados pelas distinções civis e sociais. Estes homens, na concepção de Falk, deveriam ser os maçons.

É bem verdade que mesmo a Maçonaria pos-

sui suas divisões internas – e este era um fato especialmente verdadeiro ao tempo e no lugar em que Lessing viveu. Para os fins da compreensão da Maçonaria enquanto fenômeno social, entretanto, o acompanhamento das dissensões administrativas internas mais confunde do que esclarece.

Se aceitarmos a Maçonaria como uma prática de sociabilidade sem uma forma canônica estabelecida (CAMARGO, 2019), então se torna evidente que apesar das divisões administrativas a Ordem pode ser vista como uma única comunidade imaginada, utilizando-se aqui o conceito cunhado por Benedict Anderson: é imaginada pois seus membros, os maçons, se imaginam em comunhão com os demais “irmãos” do mundo, é limitada pelas fronteiras estabelecidas pela iniciação ritual, soberana quanto aos seus assuntos internos e, ao final, uma comunidade pois seus membros se imaginam num estado de “camaradagem horizontal”, (“no nível”, segundo o jargão maçônico) independentemente da desigualdade real (de poder, prestígio ou qualquer outro valor) que se possa observar entre eles (ANDERSON, 2008). Os maçons em todo o mundo compartilham um mesmo “idioma”(isto é, os símbolos e alegorias, que operam como uma língua franca entre eles) e uma mesma tradição cujo mito fundador reside na construção do Templo do Rei Salomão.

4. Conclusão: cosmopolitismo, patriotismo e ethos maçônico

Em “A Paz Perpétua” (1795) Kant – um contemporâneo de Lessing – propõe um protótipo de tratado perpétuo de paz, estruturado em artigos preliminares e definitivos, contendo ainda anexos e apêndices. Suas considerações partem das condições pelas quais não é possível que os Estados mantenham paz entre si para como os Estados podem manter a paz entre si. Trata-se de uma das obras-chave para a compreensão do cosmopolitismo como ideia.

Os artigos preliminares partem de uma crítica do estado atual das relações de paz e guerra entre os Estados ao tempo de Kant. O filósofo de Königsberg parte de uma análise empírica de condições então prevalentes, justificando o porquê de estas condições serem impeditivas da paz em longo prazo. Sua prevalência, fica assim subentendido, impede o desenvolvimento da confiança mútua entre os Estados e fornecem incentivos materiais e ideológicos para a iniciação da agressão em nível internacional.

Kant parte de uma análise crítica sobre os exemplos históricos e vai na direção de prescrições positivas de quais seriam as condições suficientes para a progressiva pacificação da humanidade. Importa ressaltar que tanto a discussão a respeito das origens dos conflitos – em especial quanto às tensões entre os interesses nacionais – quanto as prescrições positivas (como a hospitalidade universal como um dever) encontram eco na obra de Lessing.⁷

Na concepção de Falk, a maçonaria forma uma comunidade em si mesma que transcende as divisões nacionais, religiosas e sociais. Esta concepção é coerente com os valores formalmente esposados não apenas nas obras maçônicas mais populares ao seu tempo (como as Constituições de James Anderson [1734], o Ahiman Rezon de Laurence Dermott [1751] e as Ilustrações da Maçonaria de William Preston [1772]). Na obra de Preston, por exemplo, encontramos um preceito similar à ponderação de Falk:

(..) a Maçonaria é uma ciência que não está confinada a nenhum país em particular, mas que se estende pelo globo terrestre. Onde quer que floresçam as artes, ela florescerá. Além disso, através do segredo e dos sinais cuidadosamente preservados na Fraternidade, se torna uma verdadeira linguagem universal. Assim, o distante chinês, o árabe feroz, o americano selvagem, todos abraçarão um irmão bretão e saberão que para além dos laços comuns de humanidade haverá uma obrigação forte a induzi-lo a prestar seus bons ofícios. O espírito furioso do sacerdote se moderará, e o irmão de boa moral, mas persuadido de outras opiniões, poderá receber sua estima, pois a mútua tolerância em opiniões religiosas é uma das mais valiosas características da Arte. Como todas as religiões ensinam moralidade, um irmão honesto deixará suas opiniões especulativas para Deus e para si. Assim, através da influência da Maçonaria, que é compatível com a mais sã política, as disputas que azedam a vida e amarguram o espírito dos homens são evitadas, e o bem comum, objetivo geral, é buscado zelosamente.

Deste ponto de vista a utilidade do nosso sistema é suficientemente óbvio. Os princípios universais da arte unem num laço indissolúvel de afeto homens das mais opostas tendências, dos mais distantes países e das opiniões mais contraditórias,

⁷ Não se está a inferir, entretanto, seja que Lessing tenha influenciado diretamente a Kant neste tópico, ou que Kant tenha participado da Maçonaria em Königsberg: não se conhecem evidências quer de uma coisa, quer de outra.

de forma que em cada nação um maçom encontre um amigo, e em cada latitude um abrigo.

Na concepção de Lessing, como nas dos autores maçônicos citados, os deveres patrióticos dos cidadãos não são incompatíveis com os seus deveres cosmopolitas. Em verdade, estes se pronunciam quando aqueles se desvirtuam.

O ethos maçônico enunciado nestas obras clássicas (Anderson, Dermott, Preston) evidencia esse aparente paradoxo: ao mesmo tempo em que se exige do maçom com a sua pátria e com seu soberano, exige-se também fraternidade para com os demais, em especial os irmãos, ainda que estrangeiros.

Neste sentido, o problema da relação entre o patriotismo e o cosmopolitismo se aproxima daquilo enunciado por Martha Nussbaum: o cosmopolitismo oferece instâncias viáveis de educação para a solução de problemas que não podem ser fornecidos pelo patriotismo: o patriota é faccioso, e a lealdade com o mundo evita os perigos advindos daquela visão estreita.

Mas a relação entre o Cosmopolitismo e o Patriotismo não é necessariamente uma de puro antagonismo, posto que são mais sentimentos do que ideologias. Como frisou Kwame Appiah (2002),

Um patriota cosmopolita pode contemplar a possibilidade de um mundo em que todos são cosmopolitas enraizados, ligados a uma terra natal, mas que apreciam a existência de outras terras, diferentes, casa de outras e diferentes pessoas.(...) Num mundo de cosmopolitas patriotas as pessoas aceitariam a responsabilidade cidadã de nutrir a política e cultura de seus países. Muitos, sem dúvida, viveriam suas vidas nos locais em que foram moldados, e esta é uma das razões pelas quais as práticas culturais locais seriam mantidas e transmitidas. Mas muitos se mudariam, e isto significa que as práticas culturais também viajariam (como têm viajado desde sempre). O resultado disso seria um mundo em que cada forma local da vida humana é resultado de um processo de hibridização cultural persistente e de longo prazo: um mundo, neste ponto, muito parecido com que vivemos hoje.

O cosmopolita, assim, não é necessariamente alguém desvinculado de suas raízes. Através de uma

visão cosmopolita é possível que aprendamos mais sobre nós mesmos possibilitando a resolução de problemas que dependem de cooperação internacional, mas principalmente, reconhecemos deveres (obligations) para com as demais pessoas que de outro modo passariam batidos.

A ética maçônica, assimvista, não se sobressai como oposta à ética do cidadão, mas simplesmente, com a solução para o enigma proposto no início por Falk: as boas ações que tornam as demais boas ações supérfluas são aquelas que são praticadas para além do cumprimento do dever. São, portanto, boas ações pois praticadas para o bem comum, e não para o bem do estado, da religião ou da classe, de forma que os conflitos continuarão a acontecer – pois é inevitável que aconteçam – mas poderão ter nos maçons e na Maçonaria um mecanismo de mediação.

Difícilmente a Maçonaria de Lessing/Falk era a Maçonaria real, quer no século XVIII, quer hoje. Mas Lessing não estava preocupado em descrever a Maçonaria real, e sim em propor a sua Maçonaria ideal como mecanismo para melhorar o mundo real. Neste sentido, essa obra quase esquecida pode fornecer muitas lições valiosas e atemporais para os maçons (ou não maçons) de hoje e de amanhã.

5. Referências

- APPIAH, Kwame. *Cosmopolitan Patriots*. In NUSSBAUM, Martha (org). *For love of country?* Boston: Beacon Press, 2002.
- ANDERSON, Benedict. *Comunidades Imaginadas*. Reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- CAMARGO, Felipe Côrte Real de. "The Freemasons are useful to the regime": An analysis of the representations of Freemasonry in cinema and its utility on reinforcing or criticizing the establishment. *REHMLAC+*. Vol. 10 nº 2. Dez/2018 a Maio/2019
- KANT, Immanuel. *À Paz Perpétua*: um projecto filosófico. Beira: LusoSofia Press, 2008
- KOSELLECK, Reinhard. *Crítica e Crise*. São Paulo: Contraponto, 1999
- LESSING, Gotthold Ephraim. *Philosophical and Theological Writings*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005
- NISBET, Hugh. *Gotthold Ephraim Lessing*: his life, works & thought. Oxford: Oxford University Press, 2013
- NUSSBAUM, Martha. Patriotism and cosmopolitanism. In NUSSBAUM, Martha (org). *For love of country?* Boston: Beacon Press, 2002

PRESCOTT, A.; SOMMERS, S. Searching for the Apple Tree: revisiting the earliest years of organised English freemasonry. In: Wade, J. (ed.) *Reflections on Three Hundred Years of Freemasonry: Papers from the QC Tercentenary Conference*. Lewis Masonic (2017).

PRESTON, William. *Illustrations of Masonry*. Londres, 1772.

ROLLESTON, T. W. *Life of Gotthold Ephraim Lessing*. Londres: Walter Scott, 1889.

STEVENSON, David. *As origens da Maçonaria: o século da Escócia (1590-1710)*. São Paulo: Madras, 2009.

STRAUSS, Leo. Exoteric Teaching. Interpretation: a *Journal of Political Philosophy*. Vol. 14 n. 1, janeiro de 1986, pp. 51-61.

TARCOV, Nathan; PANGLE, Thomas. Epílogo in STRAUSS, Leo; CROUSEY, Joseph (orgs). *História da Filosofia Política*. Rio de Janeiro: Forense, 2013.

WEBB, Thomas Smith; FREITAS NETO, Edgard da Costa. *O monitor dos franco-maçons: ilustrações da Maçonaria*. Salvador: Curtipiu, 2017.

WEISBERGER, R. William. *Speculative Freemasonry and the Enlightenment*. A study of the craft in London, Paris, Prague, Vienna and Philadelphia. 2nd ed. Jefferson: McFarland & Co, 2017.

ENSINO MAÇÔNICO A DISTÂNCIA: evolução e desafios (DISTANCE MASONIC EDUCATION: Evolution and Challenges)

Rubens Caldeira Monteiro ¹
Kennyo Ismail ²

Resumo

Como parte da tradição maçônica, o maçom é chamado a provar seus conhecimentos em diversas ocasiões, como aumento de salário (passar para o grau seguinte), admissão em outras ordens maçônicas ou assumir cargos e funções em Lojas. Além do aprendizado presencial, em Loja ou fora dela, vem crescendo no mundo maçônico a oferta de cursos de Ensino à Distância (EaD), visando maior flexibilidade de datas e horários aos participantes, mitigação de impacto com deslocamentos e redução de custos diversos, permitindo maior alcance com menor esforço. Os cursos a distância podem ser por correspondência, alguns já bastante tradicionais, ou virtuais, oferecendo ou não avaliações e certificação. A maçonaria brasileira vai ao encontro da maçonaria estadunidense e inglesa ao adotar mais amplamente o EaD como método de educação maçônica complementar e suplementar a seus membros, porém diverge quanto à sua duração, formalismo e organização. Além disso, é preciso definir se o objetivo é a formação de pós-graduados e pesquisadores em Maçonaria ou uma educação maçônica mais ampla para o maçom.

Palavras-chaves: Educação; Maçonaria; Ensino à Distância.

Abstract

As part of the Masonic tradition the Mason is called present evidences of his knowledge on various occasions, such as passing to the next degree, admission into other Masonic orders, or assuming positions and functions as Lodge Officer. In addition to face-to-face learning, in or outside the Masonic Lodge, the number of distance-learning courses has increased in the world, aiming at greater schedules flexibility for the participants, mitigation of impact with displacements, and reduction of many costs, allowing broader reach with least effort of the instructors. Distance-learning courses may be by correspondence, like some already traditional ones, or virtual/e-learning, offering or not evaluations and certification. Brazilian Freemasonry meets North-American and British Freemasonry by adopting more widely distance-learning as a method for supplementary/complementary Masonic Education to its members, but diverges as to its duration, formalism and organization. In addition, we must define whether the goal is: the educational formation of postgraduates and researchers in Freemasonry or a broader Masonic Education for Mason.

Keywords: Education; Freemasonry; distance learning.

¹ Rubens Caldeira Monteiro é geólogo (Unesp) e gestor ambiental (USP), Doutor em Geociências e Meio Ambiente (Unesp). Atualmente trabalha como geofísico de reservatórios na Petrobras. É Mestre Instalado da Loja Quatuor Coronati do Rio de Janeiro n. 145 e atua como Grande Secretário de Relações Exteriores da Grande Loja Maçônica do Rio de Janeiro (GLMERJ). E-mail: aprendiz.pitagorico@yahoo.com.br.

² Kennyo Ismail é bacharel em Administração pela UnB, com MBA em Gestão de Marketing pela ESAMC e Mestrado Acadêmico em Administração pela EBAPE-FGV. E-mail: kennyoismail@hotmail.com

1. Introdução

Conhecimento é a busca do maçom. O compartilhamento, a construção e a resignificação desse conhecimento se dão de forma presencial ou a distância. De forma presencial, se dá principalmente em Loja, através da prática do Ritual nas sessões maçônicas, instruções, apresentação de trabalhos e debates, mas também fora da Loja, através de treinamentos ou conferências ministrados formalmente pelas obediências, outros irmãos ou até mesmo por pessoas que não fazem parte da Maçonaria, para trabalhar aspectos de Liderança, Ética, Gestão entre outros. À distância, de forma remota, esse conhecimento é compartilhado por correspondência ou virtualmente, pela internet (e-learning).

Na tradição maçônica o maçom é chamado a provar seu conhecimento para se avaliar a qualificação de um maçom: na admissão em visita a uma Loja Maçônica (pelo trolhamento); para o recebimento de um novo grau (chamado algumas vezes de aumento de salário) ou admissão em uma ordem maçônica (por uma sabatina ou questões sobre um grau precedente); ou para tomar posse em um novo cargo ou função (por um exame de proficiência de ritual).

Ainda, para progredir nos graus, o maçom recebe instruções básicas durante as reuniões, previstas em ritual. O ritual é uma síntese, que traz o conhecimento primário dos temas de cada grau. Em muitas Lojas no Brasil ainda se adota um questionário padrão com dezenas ou centenas de perguntas e respostas que se espera que o maçom saiba responder, muitas vezes sendo exigida a resposta *ipsis literis*. Todavia, talvez se deva esperar que o maçom elabore conteúdos, resignifique o conhecimento adquirido por sua visão, suas experiências e percepções. Para auxiliar nesse sentido, é importante ao maçom cultivar o hábito da leitura, do diálogo com outros irmãos, da elaboração de trabalhos (conhecidas maçonicamente por peças de arquitetura), apresentação oral em Loja e debate racional e frutífero.

No entanto, com a evolução educacional experimentada no mundo ocidental a partir de, principalmente, a década de setenta, a Maçonaria, mesmo preservando suas antigas fórmulas, procurou se beneficiar dos novos métodos de ensino e seus benefícios. As primeiras experiências nesse sentido foram voltadas para o desenvolvimento de lideranças maçônicas. Destaca-se o programa da *Freemason University*,³ em parceria com a Grande Loja de Ohio, com dois módulos, "Liderança em Loja" e "Gestão de Loja",

além de um curso de conhecimento e compreensão do ritual; e o *Masonic Leadership Training*, da Grande Loja da Flórida.⁴

Outras Grandes Lojas e organizações maçônicas também oferecem material voltado à administração das Lojas, mentoria, desenvolvimento de membros, manuais para oficiais (handbooks), trabalho de solo (floorwork), além de acervo de biblioteca e seminários e conferências, entre os quais citamos, por exemplo, a Grande Loja do Colorado e os Shriners International. Além de seus programas presenciais de educação, muitas vezes vinculados a universidades e instituições de ensino, o Ensino à Distância (EaD) tem ganhado espaço, pela série de benefícios atrelados ao sistema. Dentre esses benefícios, pode-se citar: redução de custos em comparação com eventos educacionais presenciais (de espaço, equipamentos, coffee-breaks, etc.); não perecibilidade do conteúdo ministrado; flexibilidade de data e horário para cursar; possibilidade de avaliar aprendizagem; maior alcance com menor esforço do instrutor para atender aos participantes; dentre muitos outros.

Os cursos oferecidos na modalidade EaD podem ser divididos em três tipos: cursos de correspondência, cursos de auto-aprendizagem (estudo individual orientado), e cursos convencionais.

O curso por correspondência é um programa de ensino à distância no qual o estudante se corresponde com o instrutor originalmente via serviço postal. Esse modo de ensino teve início com Sir Isaac Pitman, em 1843, através de um curso de taquigrafia por correspondência, permitindo dar formação a grupos de pessoas que, por motivos geográficos, econômicos ou socioculturais, não poderiam se deslocar aos centros de ensino tradicionais. Segundo Daniel Hantula (2018), a Maçonaria se utiliza hoje em dia de cursos por correspondência para providenciar oportunidades a maçons, independente de sua localização geográfica, com o benefício adicional de seu certificado ser frequentemente reconhecido em outras jurisdições maçônicas. Assim, um título, broche, gravata ou certificado recebido por um maçom que viaja frequentemente ou planeja se mudar pode ter sua proficiência reconhecida em outros locais. Um outro benefício que esse tipo de programa oferece é o estímulo da formação de grupos de estudo locais para acelerar o processo de formação e conclusão do curso e auxiliar novos maçons a encontrar outros irmãos com interesses similares em pesquisa, história e filosofia.

Um programa de estudo individual orientado

³ Disponível em: <http://freemasonuniversity.com/>

⁴ Disponível em: <http://grandlodgefl.com/mlt.html>

tipicamente envolve material online e testes, nos quais o desempenho é avaliado pelo próprio estudante. Dessa forma, não há o reconhecimento ou certificação após a conclusão, nem tampouco suporte ou assistência de qualquer organização, contando apenas com a sua própria satisfação. Ao Mestre Maçom é dito que, com a sua dita plenitude maçônica, ele passa ser o responsável pelo seu aprendizado e depende de seu próprio esforço seus passos em busca do Conhecimento e da Verdade. No entanto, para maçons mais estudiosos, também existe a oportunidade de formação de um grupo de estudos para o desenvolvimento de leitura e debates junto com outros irmãos ou grupos de discussão em internet ou outro meio digital. Um exemplo interessante de estudo individual é a Virtual-Lol (*Virtual Lodge of Instruction*), da Aquabarn Development Ltd., que se trata de um conjunto de CDs como ferramenta de treinamento multimídia projetada para o aprendizado do ritual, separado por oficiais, e que reproduz uma Loja Maçônica Virtual com todo ritual de Emulação, apenas com alguma salvaguarda aos sinais, toques e palavras.

Um curso convencional por EaD pode oferecer aulas por diferentes meios de multimídia, reunidas ou não em módulos, sendo mais comuns as vídeoaulas e apostilas, havendo ao final ou entre as etapas uma aplicação de avaliação online, geralmente com questões randomizadas, sendo necessário o alcance de um nível mínimo de nota na avaliação para que o aluno seja aprovado e recebe seu certificado.

2. Programas Internacionais

Dentre as dezenas de programas de educação maçônica na modalidade EaD, destacam-se aqueles de maior alcance, envolvendo, principalmente, os altos graus dos dois únicos ritos maçônicos regularmente praticados nos Estados Unidos e o novo programa da maçonaria da Inglaterra.

2.1. Scottish Rite Master Craftsman

Criado em junho de 2008, o programa Scottish Rite Master Craftsman (SRMC) é um curso por correspondência tradicional, concebido e administrado pela House of the Temple, em Washington, DC, que atua sob as diretrizes do Supremo Conselho do Grau 33° do Rito Escocês Antigo e Aceito, Jurisdição Sul, dos Estados Unidos da América. Foi estruturado como em um curso único com 6 quizzes (um básico, um para cada um dos 4 corpos e um para as honras do

Rito Escocês) e desde 2015 seu conteúdo é organizado em três módulos em um programa de Grupo de Estudos:⁵

- Programa 1 - A Loja Simbólica: familiariza o estudante com aspectos do desenvolvimento da Maçonaria Simbólica (Blue Lodge) e explora parte do simbolismo. Introduce o fato de que os "altos graus" começaram a se desenvolver logo após a formação da Primeira Grande Loja (1717). É baseado nos livros "Esoterika: The Symbolism of the Blue Degrees of Freemasonry", de Albert Pike, e do "Scottish Rite Ritual Monitor & Guide", 3 ed., de Arturo de Hoyos, para demonstrar uma interpretação racional e filosófica para além do que é encontrado na Maçonaria.
- Programa 2- História e Ritual do Rito Escocês: consiste de seis lições dos graus 4° a 32°, utilizando como texto base os livros "Scottish Rite Ritual Monitor & Guide", 3 ed., de Arturo de Hoyos, e "A Bridge to Light", 4 ed., de Rex Hutchens. Sua inscrição requer a conclusão do programa anterior.
- Programa 3- Filosofia do Rito Escocês: tem por texto base o livro "Morals & Dogma", de Albert Pike, em sua edição comentada por Arturo de Hoyos, e retorna ao ritual do Rito Escocês para reexaminá-lo em um nível mais profundo, procurando a lição moral dada em cada grau e, em seguida, aplicando essa lição para a vida cotidiana.

A avaliação dos cursos é dada através de quizzes e ensaios escritos e os participantes recebem um broche, o certificado de cada curso e uma medalha após a conclusão do último curso. Os grupos de estudos são independentes e operados por organização local. O investimento nesses cursos é de 60, 40 e 65 dólares, respectivamente, adquiridos na Loja do Supremo Conselho.⁶

2.2. Companion Adept of the Temple

O quanto você conhece do Rito de York, também chamado de Rito Americano ou Inglês Antigo? Assim como o programa *Scottish Rite Master Craftsman*, do Supremo Conselho do Rito Escocês da Jurisdição Sul dos EUA, o Rito de York tem um curso por correspondência, criado em 2011 e administrado pelo Soberano Colégio do Rito de York da América do Norte (*York Rite Sovereign College of North America*

⁵ Disponível em: <https://scottishrite.org/members/general-membership-information/masonic-education/srmc/>

⁶ Disponível em: <https://www.scottishritestore.org>

- YRSCNA). O YRSCNA é um ramo do Rito de York sediado em Detroit, Michigan, tem sua própria estrutura organizacional e confere graus. O *Companion Adept of the Temple*⁷ é um programa de auto-estudo por correspondência através dos graus e ordens do Rito de York e cobre a ritualística, a filosofia e os ensinamentos teológicos e morais de todos os graus do Capítulo, Conselho e Ordens de Cavalaria.

O programa é aberto para qualquer Cavaleiro Templário por inscrição através do YRSCNA. Os exames incluem uma combinação de testes de múltipla escolha, questões de Verdadeiro-ou-Falso e ensaios referentes a informações apresentadas nos Graus e Ordens do Rito de York, com base nos rituais do General Grand Chapter (Real Arco), General Grand Council (Crípticos) e Grand Encampment (Cavalaria):

- Exame 1 – Os Graus da Maçonaria Capitular: Mestre de Marca e Past Master;
- Exame 2 – Os Graus da Maçonaria Capitular: Mui Excelente Mestre, Real Arco e as palavras na Maçonaria;
- Exame 3 – Os Graus da Maçonaria Críptica: os graus do Conselho, Mestre Real, Mestre Eleito e a tradição da Cripta Secreta;
- Exame 4 – As Ordens de Cavalaria: as ordens de Cavalaria, Ordem da Cruz Vermelha, Ordem de Malta e Ordem do Templo;
- Exame 5 – As Tradições do Rito de York e da Maçonaria: História do Rito de York, Segundo Templo/Tradição da Cripta Secreta, Tradição do Real Arco e Tradição de Cavalaria.

Entre as obras extras recomendadas estão textos clássicos de Jackson Chase, Jeremy Ladd Cross, George Cooper Connor, Bernard E. Jones, Albert Mackey e Thomas Smith Webb para pesquisa. Um aspecto único desse programa é que o material indicado para pesquisa está disponível online, reduzindo muito o seu custo em comparação com outros programas similares. Os exames são abertos e o estudante pode avançar no seu ritmo. Este é um curso voltado para o estudo individual e se propõe a aguçar as habilidades de escrita ao abordar, com suas próprias palavras, os ensaios para as questões apresentadas nos quizzes. Com a conclusão do programa, o estudante irá receber um certificado que o intitula como *Companion Adept of the Temple of the York Rite of Freemasonry*

(Companheiro Adepto do Templo do Rito de York da Maçonaria), bem como tem seu nome registrado na York Rite Crusader Magazine, publicação oficial do YRSCNA. Até setembro de 2018, cerca de 80 cavaleiros templários já haviam concluído e mais de 900 irmãos participavam do programa.

2.3. Hauts Grades Academy - 2018

O Supremo Conselho do Grau 33º do Rito Escocês Antigo e Aceito da Jurisdição Norte dos EUA não ficou atrás, tendo criado em 2018 a Academia de Altos Graus (Hauts Grades Academy – HGA, sendo "Hauts Grades" o termo francês para "Altos Graus").

O curso foi concebido para promover a educação, o conhecimento e o engajamento dos membros no Rito Escocês da Jurisdição Norte (NMJ).⁸ É um programa supervisionado e organizado em três níveis de estudo, cada um com características únicas:

- Nível 1: o candidato mergulhará no ritual de todos os 29 graus do da Jurisdição Norte e será aplicado um teste de múltipla escolha.
- Nível 2: nesse nível é requerida a elaboração de um ensaio que permitirá uma autorreflexão e revisão de graus selecionados pessoalmente pelo candidato.
- Nível 3: exige um artigo de pesquisa escrito pelo candidato sobre um tópico de sua escolha, que será pré-aprovado e revisado pelo Comitê da HGA. Os tópicos de pesquisa podem variar entre história, ritual e filosofia do Rito Escocês.

Com a conclusão dos três níveis, o graduado recebe o título de Acadêmico dos Altos Graus do Rito Escocês (Scottish Rite Hauts Grades Academic) e passa a poder utilizar as iniciais HGA após seu nome em assinaturas e registros do Rito Escocês. Ainda, um certificado e uma joia do HGA é concedida.

O programa é ofertado gratuitamente para os membros regulares do Rito Escocês da Jurisdição Norte dos EUA, e outros interessados precisam ingressar numa lista de espera. Sua condução progressiva é uma abordagem que encoraja o estudante a continuar sua dedicação ao estudo da Maçonaria.

⁷ Disponível em: <https://companionadept.wixsite.com/companionadept>

⁸ Disponível em: <https://scottishritenmj.org/hauts-grades-academy>

2.4. Solomon - 2018

Lançada pela Grande Loja Unida da Inglaterra (*United Grand Lodge of England* - UGLE) no final de 2018, o programa "SOLOMON - Promovendo a curiosidade - desenvolvendo a compreensão"⁹ se apresenta como uma ferramenta que apoiará os desejos e necessidades de, ao menos, três grupos:

- aqueles que querem aprender mais sobre a Maçonaria;
- aqueles com responsabilidade numa Loja ou Capítulo; e
- oficiais provinciais ou distritais encarregados de promover e fornecer recursos e atividades de aprendizado.

É voltado para membros da UGLE e seu conteúdo abrange pequenas "pepitas", artigos e demonstrações, bem como itens mais longos para apresentação e discussão. A proposta dessas "pepitas" é ser um item a ser apresentado em 5 a 10 minutos em reuniões da Loja, semelhante a gotas, pérolas, pequenos extratos, para estimular o desejo de se aprender mais.

A plataforma Solomon é dividida em três categorias com diversos módulos:

- **Seek & Learn (Busque& Aprenda):** voltada à exploração individual e apresentação do programa, com os seguintes módulos: 1. Sobre Maçonaria; 2. Primeiro Grau; 3. Segundo Grau; 4. Terceiro Grau; 5. Mestre Instalado; 6. Arco Real; 7. História Maçônica; e 8. Assuntos de Loja.
- **Share & Encourage (Compartilhe& Incentive):** voltada ao uso por Lojas e Capítulos, com nove módulos: 1. Apoiando a Aprendizagem; 2. Sobre Maçonaria; 3. Primeiro Grau; 4. Segundo Grau; 5. Terceiro Grau; 6. Mestre Instalado; 7. Arco Real; 8. História Maçônica; e 9. Assuntos de Loja.
- **Support & Promote (Apoie & Promova):** voltada para as Províncias e Distritos, com os módulos de: 1. Introduzindo Aprendizagem e Desenvolvimento; 2. Criando um Plano Provincial; 3. Promovendo e Ministrando Aprendizagem; 4. Evento de Lançamento e Recursos; e 5. Conferência de Aprendizagem e Desenvolvimento.

⁹ Disponível em: <https://solomon.ugle.org.uk>

¹⁰ Disponível em: <https://unyleya.edu.br/pos-graduacao-ead/curso/historia-da-maconaria/>

¹¹ Disponível em: <http://www.uniacacia.org/>

Apesar desse formato atual, a proposta do Solomon é crescer e se ampliar e diversificar.

3. Programas Nacionais

A Maçonaria brasileira também tem se beneficiado do método de Ensino à Distância no meio maçônico nos últimos anos, com o surgimento de cursos com diferentes enfoques e muitas promessas para os próximos anos.

3.1. GODF & Unyleya

O Grande Oriente do Distrito Federal - GODF, federado ao Grande Oriente do Brasil (GOB), foi pioneiro na educação formal maçônica quando, em 2011, desenvolveu, então em parceria com o Centro Universitário do Distrito Federal, o primeiro curso de pós-graduação relacionado à Maçonaria no Brasil, com foco em História da Maçonaria. Na época, o curso era presencial e formou apenas uma turma, sendo então descontinuado. Com os esforços do então Grão-Mestre, Lucas Galdeano, em 2016 um novo curso foi criado, dessa vez em parceria com a Unyleya e na modalidade EaD. São 460 horas de curso distribuídas em 15 disciplinas.¹⁰

3.2. Uniacácia

Projeto desenvolvido pela Uninter inicialmente sem o apoio institucional oficial de qualquer obediência, a Uniacácia teve início em 2017 e abriga o curso de pós-graduação em Maçonologia, que já formou milhares de maçons. Dividido em 12 disciplinas, o curso soma 360 horas e pode ser concluído em nove meses. A instituição planeja lançar novos cursos para o público maçônico.¹¹

3.3. Escola No Esquadro

Diferente das propostas anteriores, voltadas para pós-graduação, a Escola No Esquadro, lançada em 2017, apresenta-se como plataforma de educação organizacional, com cursos online de curta duração, de forma que os irmãos possam focar em áreas específicas de conhecimento que tenham maior necessidade ou interesse. O projeto foi desenvolvido pelo

website maçônico No Esquadro, que existe desde 2010, com o apoio de sete lojas das três vertentes maçônicas brasileiras. Dois cursos já foram lançados na plataforma: Introdução à Maçonaria e História da Maçonaria no Brasil. Cada curso é composto de vídeoaulas, apostila e questões de avaliação objetiva. Ainda, a Escola No Esquadro conta com a recomendação da Confederação Maçônica do Brasil (COMAB).

4. Considerações Finais

A maçonaria brasileira, em claro processo de internacionalização (ou globalização), coaduna da iniciativa da maçonaria estadunidense e inglesa, que juntamente com a do Brasil compõem o pódio das maiores nações maçônicas do mundo, ao abraçar o método de Ensino à Distância para complementar e suplementar a formação do maçom brasileiro.

Entretanto, vê-se claramente uma diferença entre o modelo desenvolvido nesses países ditos desenvolvidos e no Brasil. Enquanto nos Estados Unidos e na Inglaterra o modelo é de cursos de menor duração e com foco interno; no Brasil os cursos, de modo geral, têm formato de pós-graduação Lato Sensu, como se o título tivesse um peso tão importante quanto o conhecimento. Nesse contexto, a exceção brasileira é a Escola No Esquadro, que adotou modelo similar ao das iniciativas anglo-saxônicas.

Não há dúvidas de que, considerando as dimensões continentais do Brasil, suas estradas precárias, crises econômicas e alto preço de combustível, cursos e seminários presenciais desenvolvidos pelas obediências nas capitais do país geram custos elevados para ambos os lados: organização e membros. Além disso, as atribuições da vida cotidiana em muito podem impactar na ausência involuntária de membros em datas ou horários desses eventos presenciais. Tudo isso reforça o entendimento de que os cursos à distância são soluções viáveis e eficientes para a maçonaria brasileira.

Ainda assim, ao verificar que, das três iniciativas brasileiras apresentadas, duas ocorreram de maneira independente (Uniacácia e Escola No Esquadro), pela força de vontade de irmãos interessados em colaborar e com visão educacional e estratégica atuais, pode-se sugerir que ainda há muitas resistências a serem vencidas até que cursos de EaD se tornem parte institucional da educação maçônica brasileira, como é em outros países.

5. Referências

ENGLAND, United Grand Lodge of. Solomon: Fostering Curiosity - Developing Understanding. Disponível em: <https://solomon.ugle.org.uk/> Acesso em: 21-04-2019.

FLORIDA, Grand Lodge of. Masonic Leadership Training. Disponível em: <http://grandlodgefl.com/mlt.html> Acesso em: 21-04-2019.

HANTTULA, D. The Masonic Tour Guide - volume 2: Extravaganzas, History-Making & Proficiencies. 3 ed., 2018.

NO ESQUADRO, Escola. Escola No Esquadro. Disponível em: <https://www.noesquadro.com.br/escola/> Acesso em: 21-04-2019.

NORTHERN MASONIC JURISDICTION, Supreme Council Scottish Rite. Hauts Grades Academy. Disponível em: <https://scottishritenmj.org/hauts-grades-academy> Acesso em: 21-04-2019.

OHIO, Grand Lodge of. Freemason University. Disponível em: <http://freemasonuniversity.com/> Acesso em: 21-04-2019.

SOUTHERN JURISDICTION, Supreme Council Scottish Rite of Freemasonry. Scottish Rite Master Craftsman Program. Disponível em: <https://scottishrite.org/members/general-membership-information/masonic-education/srmc/> Acesso em: 21-04-2019.

UNIACÁCIA. Pós-graduação lato sensu em Maçonologia. Disponível em: <http://www.uniaccacia.org/> Acesso em: 21-04-2019.

UNYLEYA, Faculdade. Pós-Graduação EaD em História da Maçonaria. Disponível em: <https://unyleya.edu.br/pos-graduacao-ead/curso/historia-da-maconaria/> Acesso em: 21-04-2019.

YORK RITE, Sovereign College. York Rite Companion Adept of the Temple Program. Disponível em: <https://companionadept.wixsite.com/companionadept> Acesso em: 21-04-2019.

¹² Disponível em: <https://www.noesquadro.com.br/escola/>

C&M



**Revista
Ciência &
Maçonaria**

Realização:

NP3

CEAM | UnB